

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE
COMUNIDADE FORMATIVA DO POSTULANTADO



Escrevendo
um novo
começo



SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	6
<i>IRMÃO BASÍLIO RUEDA: A VIDA E O TESTEMUNHO DE UM SANTO</i>	
<i>(Antônio Lima)</i>	8
<i>AO VEREM A ESTRELA, FICARAM RADIANTES DE ALEGRIA (MT 2,10): DE</i>	
<i>OLHOS ATENTOS À ESTRELA, VAMOS, COM MARCELINO, AO</i>	
<i>ENCONTRO DOS PREFERIDOS DE JESUS (Jefferson Bonomo)</i>	22
<i>EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA E A EXPERIÊNCIA EDUCATIVA</i>	
<i>MARISTA EM SEUS PRIMÓRDIOS (Jhony Joner)</i>	62
<i>“PRECISO DE IRMÃOS CATEQUISTAS!” COMO CHAMPAGNAT FARIA</i>	
<i>ESTA AFIRMAÇÃO HOJE? (Luiz Lima)</i>	86
<i>A FUNDAÇÃO DA PROVÍNCIA SUL-AMAZÔNIA E OS IRMÃOS</i>	
<i>PRECURSORES DA MISSÃO MARISTA NA REGIÃO AMAZÔNICA</i>	
<i>(Raimundo Paiva)</i>	109
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: SEMENTES DE UM NOVO COMEÇO	124

APRESENTAÇÃO



Prezados/as leitores/as,

No ano em que o Instituto Marista celebra seus duzentos anos de fundação, sentimos o nosso coração arder (cf. Lc 24, 32) diante da graça de fazermos parte dessa bonita história de amor e de compromisso com uma educação humanizada e evangelizadora.

O carisma Marista é dom de Deus ofertado à humanidade através da vida e do testemunho de Marcelino e dos primeiros Irmãos. Acreditamos que, como herdeiros desse carisma, temos a grandiosa missão de levar adiante esse legado, despertando no coração da humanidade a consciência de que somos responsáveis por tornar este mundo um lugar melhor; tendo em vista o futuro de nossas crianças e jovens.

Conscientes dessa missão, apresentamos a vocês textos, que revelam a sutil beleza com que o espírito Marista toca o coração de jovens que, ousadamente, caminham na vida religiosa e se preparam para tornarem-se Irmãos Maristas. Este riquíssimo material é fruto de um longo caminho de estudo e pesquisa realizado pelos postulantes: Antônio Lima, Jefferson Bonomo, Jhony Joner, Luiz Lima e Raimundo Aquino. Trata-se de um compilado de artigos que versam sobre os mais diversos temas ligados à história, ao carisma e à missão Marista no mundo.

O primeiro artigo, com o tema *“Irmão Basílio Rueda: a vida e o testemunho de um santo”*, Antônio Lima brinda-nos com um estudo sobre a vida e o testemunho de santidade do Ir. Basílio Rueda, um dos pilares do Instituto Marista no último século. Em seguida, Jefferson Bonomo escreve sobre *“Os pobres no coração de Marcelino Champagnat: que lugar ocupam os pobres no Instituto de Marcelino Champagnat?”*, no qual reflete sobre o lugar social do pobre desde a experiência de Jesus até os nossos dias, apresentando o compromisso e a missão do Instituto Marista junto aos marginalizados da nossa sociedade. Jhony Joner reflete a partir do tema *“Educação transformadora e a experiência educativa Marista”*, resgatando a função social da educação na formação

humana e o papel da missão educativa Marista no mundo de hoje. Intitulado “*Preciso de Irmãos catequistas! Como Champagnat faria esta afirmação hoje?*”, Luiz Lima apresenta-nos a dimensão catequética como um dos elementos fundamentais da missão Marista, demonstrando a atualidade da missão iniciada com Marcelino e os primeiros Maristas. Por fim, com o tema “*A fundação da Província Sul-amazônia e os Irmãos precursores da missão Marista na região amazônica*”, Raimundo Aquino fala sobre a missão Marista enraizada na região norte do Brasil e o seu compromisso com essa realidade.

Esperamos que a leitura deste material nos ajude a permanecermos fiéis à inspiração primeira que motivou a obra de Marcelino Champagnat; a missão de tornar Jesus Cristo conhecido e amado entre as crianças e os jovens. Ele não deseja ser uma palavra final acerca dos temas abordados, mas, fundamentalmente, procura abrir espaços de reflexão e aprendizado que demonstrem o quanto o Instituto Marista tem a contribuir com a missão da Igreja em nossos dias.

Agradecemos a todos que contribuíram para realização deste projeto. De maneira especial, nossa gratidão à professora Marília Costa pelo minucioso trabalho que realizou na revisão deste material e por sua dedicação ao ensino e ao acompanhamento desses jovens escritores.

Ir. Maicon Donizete Andrade Silva¹

¹ Formador do Postulantado Marista (Província Brasil Centro-Norte). Formado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e especialista em Gestão Escolar pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).

IRMÃO BASÍLIO RUEDA: A VIDA E O TESTEMUNHO DE UM SANTO

Antônio José Lima da Silva²
Maicon Donizete Andrade Silva³

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Irmão Basílio Rueda: a vida e o testemunho de um Santo” tem como objetivo apresentar a vida e o legado deixado pelo Ir. Basílio Rueda Guzmán, 9º Superior Geral dos Irmãos Maristas. Relataremos a sua importância para a história do Instituto Marista, especialmente a partir do seu generalato, expressando sua figura simbólica para a congregação nesse contexto de século XXI. Basílio tornou-se ícone de alguns dos fundamentos que sustentam a vida religiosa Marista, como a importância da vida em comunidade e o valor da espiritualidade como elemento essencial à vida Marista nos tempos atuais. Sem dúvida, como superior geral, viveu uma vida inspirada no exemplo de Champagnat e dos primeiros Irmãos. Para essa reflexão, trabalharemos a partir de três traços importantes da vida do Ir. Basílio: o homem, o irmão e o santo.

Palavras-chave: Basílio Rueda. Marista. Santidade.

² Postulante Marista. Contato: antonio.jose@maristas.org.br/joselimaasilva055@gmail.com

³ Formador do Postulantado Marista – Maraponga (Fortaleza -CE)

INTRODUÇÃO

Ao falarmos sobre a vida do Irmão Basílio Rueda, podemos pensar e refletir sobre o perfil de Irmão que temos em nossos dias atuais dentro do Instituto Marista. Será que os seguidores de Champagnat seguem seu exemplo como o Ir. Basílio seguiu? Será que vivem intensamente todos os votos professados? Essas perguntas são para provocar a todos que lerem estas palavras, pois o texto irá falar de um homem que viveu intensamente sua consagração religiosa como Irmão Marista, especialmente a partir de uma intensa vida de oração e um exemplar espírito de pobreza.

Esse tema procura despertar nas pessoas o conhecimento sobre a vida e o testemunho deixado pelo Ir. Basílio que, sem dúvida, foi um homem diferente de tantos outros de sua época, e que buscou a santidade, não porque queria ser mais que as outras, mas porque ele tinha um jeito muito simples, acolhedor, humilde e amigo de ser.

Nascido no dia 16 de outubro de 1924, em Acatlán de Juarez, no México, o Ir. Basílio Rueda exerceu diversas funções no Instituto Marista. Exerceu diversas missões como Irmão Marista. Entre elas foi professor, mestre de noviços e Superior Geral. Sua vida torna-se para todos nós um grande exemplo de irmão aos moldes de Champagnat, nosso fundador.

Vivemos num mundo que carece de referenciais e exemplos a serem seguidos. Nesse sentido, hoje muitas pessoas não sabem o que é um Irmão Marista. Por isso, nesse trabalho, além de falar sobre a vida de Basílio, falaremos também de como é ser um irmão, com o jeito simples, honesto e seu jeito de viver por meio do nosso irmão já citado. Sabendo que existe irmãos pelo mundo inteiro, mas cada um tem o estilo de vida muito diferente; mesmo às vezes tendo as formações iguais, e os irmãos que sabemos hoje que seguiu o exemplo do pai fundador foi o próprio Basílio, desde já muito pequeno já buscava a Deus em tudo que amava, falaremos bem detalhadamente mais na frente sobre o mesmo.

Com esse trabalho mostraremos que para falar de uma vida como a de Basílio, não basta só escrever, temos que viver intensamente sua experiência de vida como homem e religioso. Não quero que esse trabalho alcance o máximo, mas que as pessoas que lerem, possam saber o que falamos nesse

artigo e com isso Champagnat estará feliz com esta realização. Queremos mostrar que a vida marista não é só simplesmente ser um Irmão, mas é ser pessoas que saibam transformar, transformar para um mundo melhor.

A sabedoria popular recorda-nos que “o coração que faz o bem recebe o bem”. Isso revela um valor fundamental que todo ser humano traz como essência, isto é, a capacidade de promover o bem. Quando contemplamos a vida do Ir. Basílio Rueda percebemos um homem profundamente orientado pelo bem e para o bem. À maneira de Marcelino Champagnat ele nos ensinou que todos somos chamados a sermos promotores do bem. Nesse sentido, mesmo que um dia não estejamos mais na vida marista, nos recordaremos dessas palavras e, quem ler este trabalho perceberá que cada palavra foi pensada, rezada e refletida.

2 A VIDA DO IRMÃO BASÍLIO RUEDA

Falar da vida do Irmão Basílio e sua atuação no Instituto Marista, como homem e como religioso é algo extremamente importante para os Irmãos, pois sua importância é significativa para todos no mundo Marista. O exemplo de vidas que dava para os irmãos de vários países e sua importância como Superior Geral são dados que merecem destaque. Suas qualidades, fragilidades nos é proposto como um alto conhecimento de sua vida, em meio a tudo isso queremos viver e ensinar através de suas palavras e ensinamentos.

O caminho para a santidade, seguindo o exemplo de Champagnat e os primeiros Irmãos, como tratava as crianças, jovens e amigos em suas realidades diversas. Falar das mais de 50.000 cartas escritas a próprio punho e das circulares e seus diversos retiros que dava para os irmãos leigos e leigas, sua presença nas comunidades e centro de formação, sem dúvida, é expressar o grande dom que este Irmão significou para o Instituto Marista. Nesse sentido, Basílio Rueda viveu uma vida doada a Cristo, à Boa Mãe e a Champagnat, que foram seus guias. Deles recebeu toda a inspiração necessária à realização da missão que lhe foi confiada por 18 anos à frente do Instituto Marista.

No dia 14 de outubro de 1924, Heládio e Josefina se apaixonaram e logo depois de um grande amor ter acontecido, vem a grande benção de Deus, entre os filhos tão amados um quarto recebe o nome de José Basílio, seu nome de batismo. Desde pequeno já fora escolhido para ser o homem de Deus, sua mãe o amava muito, mas aos quatro anos de idade veio a grande perda, depois de ficar muito doente sua mulher amada volta para a casa do pai, e sua mãe se vai deixando um órfão, mais que o senhor estava ao lado para todos os momentos.

Anos depois recebe a Eucaristia como um grande alimento na sua vida, ele já sentia a presença de Deus em seu coração, logo entrou no colégio, ele amava uma brincadeira e em meio a tantas, um dia depois de cometer uma não muito agradável, teve que repetir o quinto anos novamente, no entanto foi na escola que Deus lhe deu a vocação. Um dia, o jovem resolve que quer voltar para a casa do pai em Acatlán, onde iria vender tecidos e atender no balcão, e como estava muito feliz naquela região, resolve oferecer-se a Deus para ajudar na paróquia, onde fio coroinha. Em sua casa era muito feliz jogava xadrez com seu pai e brincavam à beça.

Basílio não era um jovem muito piedoso, mas tinha uma forte devoção a Boa mãe, gostava de rezar o terço pedindo por ele e pelas outras pessoas, e foi assim com grande confiança na Boa mãe que Basílio avista os Irmãos Maristas. Foi de um modo bem simples que Deus o chamou, mais quando era para o jovem entrar na vida religiosa, vem uma grande negação, seu pai não permite que ele saia de casa para entrar na mesma. O menino fica muito triste e acaba ficando em jejum, seu pai fica muito bravo e o jovem faz bastante oração a Maria e depois de sete meses deus toca no coração do pai e então o Basílio tem a permissão de entrar na congregação dos irmãos Maristas.

Em meados de 42, sua vida foi marcada por entra no juvenato em talpán onde ficou morando muitos dias, bendito dia 23 de julho! No ano seguinte, deu início ao postulante, uma etapa de muito discernimento para quem quer ser um bom religioso, se conhecer e conhecer mais sobre o fundador e a vida de oração nessa etapa e de extrema importância para um postulante.

No postulante era o mais aplicado nos estudos e organização da casa e dos a fazeres, era muito inspirador nos formadores, a forma em que reagia era de muita maturidade já com a congregação. Basílio era um homem de fé e coragem, fala que um homem tem que rezar constantemente para ter paz e alegria no coração, assim fazia o Rueda com suas orações, rezava pelas pessoas que praticava o mal e pedia a deus que os ajudasse em suas vidas, pois o que faltava nelas era o amor de Deus.

“Eu sou o pão da vida” (João 6:35) falou Jesus aos que chamou e o jovem postulante marista nessa palavra acreditou e no Santíssimo Sacramento sua fé brotou cada vez mais, mas em setembro de 1943 para confirmar a vocação ingressou no noviciado, chamaremos de coração da formação Marista e também de todas as congregações, e quando Basílio vestiu a batina Marista ganhou o nome de Irmão, trocou seu nome de batismo, pois naquela época era comum as pessoas religiosas trocar o nome quando fazia os votos, e foi isso que Basílio fez, passou a se chamar: “Basílio Diego”.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO IRMÃO BASÍLIO NO INSTITUTO

A importância do irmão Basílio Rueda e de extrema vivência para todos na congregação Marista, o homem mais simples que já tivemos em nossos

tempos de pura intensidade a cada um dos irmãos. O que é que Basílio deixou para as pessoas e no futuro as outras vão dar continuidade? O trabalho, simplicidade, amor, evangelização e dedicação, essas coisas são de pura vivência pelo nosso querido Basílio, que hoje é uma grande inspiração para o instituto Marista de Champagnat, como se verifica BIGOTTO (1985, p.115.)

Sentire cum Ecclesia, eis o que exprimiria o fundo da alma de Basílio, quando se trata de olhá-lo no seu relacionamento coma igreja. Esse sentire cum Ecclesia exprime um fato de pertença, de filiação, também de responsabilidade, mas, antes de tudo, de acolhimento do mistério da igreja, como corpo de cristo, povo de Deus, criação de Deus. De fato, é viver na igreja, meio único a permitir a união profunda e dinâmica com o senhor. Falando da igreja ele se exprime ao mesmo tempo como filho e como teólogo. Como filho, proclama sus afeições, sua admiração, ao mesmo tempo usa expressões calorosas; como teólogo, gosta de explorar o mistério da igreja para apresenta-lo com clareza. Escreve: “É preciso recordar também que a igreja é pura transparência, e que os homens, ao contempla-la, devem poder contemplar o pai”. Tal frase, bem avaliada para o cristo, favorece a crítica daqueles que veem a igreja negativamente com suas rugas e pecados; mas os que se apaixonam pelo cristo é que são verdadeiros filhos da igreja acham-na completamente adequada: sem a igreja, não há transparência do cristo, e sem o cristo não há revelação do pai. A igreja é igualmente a maria, o lugar da acolhida, da disponibilidade, do amor, da missão. Algumas páginas adiante, ele acrescenta: *“Vivemos tempos difíceis: repudia-se a autoridade, a meditação, a imperfeição. Ora, igreja real, a igreja histórica, é hierárquica, mediadora e imperfeita, porém insubstituível; urge uma educação do irmão, e por eles dos futuros cristãos adultos de amanhã, para que sejam capazes de viver, ao mesmo tempo dinâmica e docilmente, sob um regime de igreja”.*

O Irmão Basílio Rueda, foi Superior-Geral por 18 anos após uma reeleição, como era um homem de Deus, os outros irmãos colocaram muita confiança no homem que por meio de Champagnat viveu para dar testemunho de sua vida e vida de Marcelino. Tudo tinha sentido, nada fugia do seu olhar, um olhar que era tão misericordioso para com as pessoas mais pobres de condições financeiras e espírito. Basílio costumava rezar todas as manhãs assim como os irmãos fazem mais ele era diferente com suas orações, os pobres; o

instituto vinha em primeiro lugar em sua oração, depois pedia que a nossa Boa Mãe abençoasse a cada um que necessitava de ajuda.

Basílio foi e é um grande homem e santo para o instituto Marista; já como Superior-Geral, fez muita coisa pelos pobres e pelos irmãos, vivendo uma vida de oração e de extrema vivência com o próximo. No cordel em que citaremos abaixo veremos o exemplo que ele era para os irmãos, e de uma forma bem simples deus foi tocando a vida desse homem que mudou realmente a sua vida como pessoa.

Para melhor ilustrar a história que estamos narrando, citaremos um resumo sobre a vida do Ir. Basílio Rueda contado em cordel, a partir de uma obra criada pelos Irmãos Rafael Ferreira e Charles Amorim:

Ir. Basílio Rueda contado em cordel

<p>A um homem consagrado Já não lhe pertence a vida Ela é dom a ser partilhado É semente a ser repartida O que Deus mandar é ordem Que logo será cumprida</p>	<p>Para um superior geral Escrever é parte da missão Para instruir e socorrer Tem sempre papel à mão Tal qual o apóstolo Paulo Tem para todos orientação</p>	<p>Este homem foi Quentin Duffy Um australiano de nascimento Vigário Geral por duas vezes Com braço forte e sem lamento Apoiou muito a Basílio E no governo mostrou talento</p>
<p>Por obediência ao Senhor E por amor à Congregação Em setembro de 67 Basílio aceita a eleição Como novo Geral Marista E foi grande a emoção</p>	<p>Ir. Basílio foi admirável Em sua lavra epistolar Escreveu 50.000 cartas Para muitos aconselhar E assim tocou os corações Dos que se deixaram guiar</p>	<p>No décimo sétimo Capítulo Inaugurado em 76 Aconteceu o que se esperava Basílio foi mais uma vez Eleito superior Geral E dizer Sim foi o que fez</p>
<p>O décimo sexto Capítulo Foi um evento sem igual Durou exatos três anos E cumpriu seu ideal Sendo para os Irmãos Maristas um Pentecostes novo e real</p>	<p>As circulares que escreveu Alcançaram grande projeção Falou sobre “Projeto de Vida” “Fidelidade” e “Oração” “Vida Comunitária” e “Maria” Páginas de viva expressão!</p>	<p>Tinha 52 anos de idade Ao assumir de novo a missão De continuar o belo serviço À frente da Congregação E trabalhar pela Vida Religiosa Em busca da renovação</p>
<p>Ainda emocionado Agradecendo a eleição Anunciou aos capitulares O plano que poria em ação No qual as missões e os pobres Teriam espaço e promoção</p>	<p>Após as visitas canônicas A cada Província ou Distrito Deixava ali longas cartas Do que tinha escutado e visto E pedia um plano de ação A partir do que tivesse escrito</p>	<p>Basílio assim se expressou Naquela especial ocasião “Se nossa vida está nas mãos do Espírito, Ele nos falara ao coração Pois se sou eu o homem que Ele deseja Confio a Ele minha nova missão”</p>
<p>Pulsava no Irmão Basílio Agora Superior Geral Um coração generoso De alcance universal Capaz de amar a todos E a cada um por igual</p>	<p>Consagrando-se por inteiro A serviço dos Irmãos Precisou de um homem forte Que o apoiasse na missão De gerir a burocracia À testa da Congregação</p>	<p>“Deus ajuda a quem cedo madruga” É o que diz com fé toda a gente E Basílio comprova o ditado Pois com ele não foi diferente Dormia bem pouco de noite Para um rezar e agir mais frequente.</p>

2.2 TRAÇOS QUE MARCARAM A VIDA DO IRMÃO BASÍLIO: O IRMÃO E O SANTO

Muitos traços marcaram a vida de Basílio, como irmão e como testemunho de santo. Logo na sua infância Deus já chamava por Basílio e ele ouviu e começou a escutar com um olhar diferente. Como Irmão veio a grande confirmação, foi eleito Superior-Geral, e após a reeleição Basílio é a grande inspiração do Instituto para todos os irmãos e as pessoas aquém ele convivia. Já dizia Basílio aos Irmãos, ser mexicano é querer continuar sendo fraterno quando o nosso irmão precisa de fraternidade. Sair pelo mundo afora confirmando cada Irmão na vocação cristã e marista, na fraternidade e na missão querendo seguir Champagnat no amor à Congregação.

Já feito um Irmão Marista, recebe sua primeira missão na escola normal de Querétaro, para completar sua formação, estudou para ser professor e ter título de Educador. Foi Jesus mesmo quem disse “ninguém tem amor maior do aquele que serve ao irmão”, e isso o Basílio tinha muito, esse espírito de servi ao irmão de comunidade e outros irmãos mesmo não conhecendo, mas todos nós somos irmãos assim dizia Basílio.

Um fato que aconteceu e que marcou a vida do mesmo, foi em 76 quando foi reeleito Superior- Geral, Basílio sente que com isso, Deus tem um grande propósito em sua vida, e assume com muita responsabilidade o que Deus o colocou em sua vida que é cuidar dos irmãos e do Instituto Marista. Quando Basílio escrevia, suas palavras não eram jogadas fora, pois falava e escrevia muito bem, ao falar de Maria ele traz grandes reflexões, esse espírito tão grande que ele tinha sobre a Boa Mãe, ajudou a ele se centra em suas excretas de projetos de vida e cartas aos irmos e amigos.

Citaremos abaixo uma carta do Irmão Basílio aos irmãos e amigos, onde falara de muitas saudades e um pouco da festa de Natal. Esse trecho falara desse amor cristão que põe em relação à simpatia e a caridade com todas as pessoas conhecidas. Dentre essa e outras cartas que Basílio escreve sempre é assim muito simples e muito objetivo no que faz e no que ama.

3 CONCLUSÃO

Depois de estudar a vida do Irmão Basílio, trazemos muitos ensinamentos para nós e para você leitor, que “sejamos como uma formiga, que mesmo vendo o objeto maior que ela, vai em frente e carrega para onde quer que seja”, assim sejamos nos dando o nosso sim a Deus e aos irmãos, ajudando e dando uma palavra de estímulo, faz parte da vida Marista. Aspectos que merecem destaques são as mais de 50.000 cartas que Basílio escreveu, sua vida de oração, vida comunitária e religiosa.

No postulante era o mais aplicado nos estudos e organização da casa e dos a fazeres, era muito inspirador nos formadores, a forma em que reagia era de muita maturidade já com a congregação. Basílio era um homem de fé e coragem, fala que um homem tem que rezar constantemente para ter paz e alegria no coração, assim fazia o Rueda com suas orações, rezava pelas pessoas que praticava o mal e pedia a Deus que os ajudasse em suas vidas, pois o que faltava nelas era o amor de Deus.

Basílio nos ensina a amar as crianças e jovens, assim como Champagnat amou. A vida em comunidade e a fraternidade em torno à mesa era uma ora de olhar para os irmãos e sentir o seu pulsar do coração, e o olhar que nos ensinam mais e mais. Para Basílio o homem que faz o bem e não se preocupa com a devolução, esse sim está fazendo um grande caminho como religioso e como pessoa.

Basílio nos deixou para junto do pai e de Champagnat, mais deixou muitos ensinamentos seu exemplo de vida nos cativa e nos fortalece a cada dia, como o Pai Marcelino ele tinha um cuidado especial por céus irmãos, e hoje louvamos e bendizemos o seu santo nome Basílio Rueda rogai por cada um de nos.

Esta última página tem valor especial; pois de acordo com as informações de AMORIM⁴:

Há, certamente, um amor cristão que nos põe em relação de simpatia e de caridade com todas as pessoas conhecidas e mesmo conhecidas que se nos apresentam através da mídia e da imaginação. Daí pôde nascer em mim como em cada uma, a solidariedade de fé cristã e uma solidariedade humana. O senhor me concedeu também nutris amizades e relacionamentos mais pessoais, por encontros, cartas ocasionais ou mesmo por votos de Natal que

⁴ Disponível em <http://www.champagnat.org/530.php?p=303&c=Basilio>. Acesso em 31 out 2017.

puderem atingir esse ou aquele amigo, dentro de um grupo ou de uma comunidade.

Mas existe um círculo ainda mais íntimo e, se é grande o número de membros, o senhor, contudo, me concedeu sentir bem pertinho todos os que o compõem: são como filhos da minha própria mãe; e você é um deles, e nem calcula a permanência e a força crescente da minha amizade.

A carta do irmão Basílio a seus amigos nos permite penetrar no coração desse homem, admirar-lhe a grandeza, a abertura, a sensibilidade.

REFERÊNCIAS

BIGOTTO, Giovanni Maria. **Ir. Basílio Rueda no Caminho da Canonização**. Edita: Instituto dos Irmãos Maristas- Casa Geral-Roma, dezembro 2002.

BIGOTTO, Giovanni Maria. **A graça, Deus, Jesus, o Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2010.

BIGOTTO, Giovanni Maria. **Ir. Basílio Rueda Guzmán Homem de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2010.

FERREIRA, Rafael; AMORIM, Charles. **Ir. Basílio Rueda contado em cordel**. Disponível em <http://www.champagnat.org/530.php?p=303&c=Basilio>. Acesso em 31 out 2017.

ANEXO

Carta aos Amigos

Caríssimo Irmão e meu grande amigo,

É seu amigo que lhe escreve por ocasião do Natal e que usa de um meio, a um tempo coletivo e bem pessoal.

A forma é coletiva, o que me dói por causa de nossa amizade, mas auso, assim mesmo, falar de carta pessoal, porque eu envie exclusivamente àqueles que são meus maiores amigos.

O senhor me concedeu esta alegria de estar em contato com milhares de pessoas; não estaria exagerando certamente se dissesse umas 10 mil, só falando daquelas com quem tive algum encontro real em tal ou tal ocasião.

Há, certamente, um amor cristão que nos põe em relação de simpatia e de caridade com todas as pessoas conhecidas e mesmo desconhecidas que se nos apresentam através da mídia e da imaginação. Daí pôde nascer em mim como em cada uma, a solidariedade de fé cristã e uma solidariedade humana. O senhor me concedeu também nutrir amizades e relacionamentos mais pessoais, por encontros, cartas ocasionais ou mesmo por votos de Natal que puderem atingir esse ou aquele amigo, dentro de um grupo ou de uma comunidade. Mas existe um círculo ainda mais íntimo e, se é grande o número de membros, o senhor, contudo, me concedeu sentir bem pertinho todos os que o compõem: são como filhos da minha própria mãe; e você é um deles, e nem calcula a permanência e a força crescente da minha amizade.

A alguns desses grupos eu escrevo de vez em quando; a outros; quase nunca. Mas, algumas circunstâncias da vida ou alguma viagem me permite encontrar algum, acho até que, mesmo após 5 ou dez anos, a afeição continue tão viva, senão mais viva do que no primeiro momento. O mérito não é seu nem meu. É o designo de Deus e também o fruto natural da caridade cristã, da amizade espiritual e, direi mesmo, do amor consagrado pela virgindade.

Quando penso na minha primeiríssima juventude, jamais teria imaginado essa experiência, contudo, agora evidente em minha vida: que o coração pudesse amar tantas pessoas, como se cada uma fosse única, como se tivesse para cada uma a amizade profunda e permanente que se pode ter por um amigo íntimo.

Finalmente, o que vejo, é, em vez de reduzir ou dividir a força do amor, o número de pessoas a purifica, aumenta e a torna mais ablativa e mais estável.

Então, por que eu quero exprimir-lhe sentimentos que se acham no fundo de meu coração que, aliás, você conhece e aos quais responde? É porque a festa de Natal, que está se

aproximando, é o momento mais próprio para dizer com simplicidade e sem falso pudor, o que Deus fez germinar no melhor de nós mesmo.

Natal é a festa da solidariedade universal que rejuvenesce os sentimentos pelo contato com as fontes. O presépio nos diz: o amor inefável, inacessível de Deus pela humanidade se faz tangível nessa criança pequenina. É o beijo histórico que o pai dá aos homens e, por esse gesto, ele nos torna filhos no filho, irmãos em nosso irmão.

E podemos evocar, com São Paulo: “a insondável riqueza de Cristo, esse mistério escondido desde século em Deus para que a igreja o doravante aos principados e potestades celestes” (Ef3,9-10).

Que a doce Virgem Maria que acolheu e embalou a palavra de Deus, aquele que cobriu Jesus com sua ternura e preside as nossas festas de Natal. Pensando nela, quisera repetir a palavra de um de vocês, ao contemplar o divino infante: “feliz Menino com a presença e os cuidados de uma tal Mãe”.

*Todo seu Naquilo que nos ama
Basílio Rueda, fms.”*

AO VEREM A ESTRELA, FICARAM RADIANTES DE ALEGRIA (MT 2,10): DE OLHOS ATENTOS À ESTRELA, VAMOS, COM MARCELINO, AO ENCONTRO DOS PREFERIDOS DE JESUS

Jefferson Bonomo ⁵

Ir. Maicon Andrade Donizete ⁶

RESUMO

Inspirados pela passagem bíblica da comunidade de Mateus 2,1-12, vamos reconhecer no brilho da estrela que guia os reis magos ao encontro do Menino Jesus em Belém, o sinal de um Deus que escolhe nascer em meio aos pobres e que depois confirma seu compromisso com os pequeninos em toda sua existência. A estrela, símbolo que perpassa todo este artigo, representa o compromisso com a vida ameaçada. Ela nos conduzirá por um itinerário que se inicia na vida de Jesus de Nazaré, passa pela existência de Marcelino Champagnat, escuta uma experiência missionária dos Irmãos de Marcelino, até chegar aos Irmãos, leigos e leigas reunidos em Capítulo na Colômbia. Na experiência de encontro com um menino que se despedia da vida, Marcelino reconhece o brilho da estrela e empreendem todas suas forças na fundação do Instituto dos Irmãos Maristas. Diante disso, neste ano em que os Maristas de Champagnat comemoram o bicentenário de sua fundação e a menos de um mês celebraram seu XXII Capítulo Geral, instância máxima do Instituto que dita os rumos da missão marista no mundo para os próximos anos, queremos celebrar a fidelidade da estrela que foi companheira do Instituto nestes 200 anos de caminhada e renovarmos nosso compromisso de estar atentos ao brilho da estrela para efetivamente vermos despontar no horizonte o *Novo Começo* tão anunciado entre nós. **Palavras-chave:** Estrela. Jesus Cristo. Pobres. Marcelino Champagnat. Maristas.

⁵ Postulante Marista / jbonomo@marista.edu.br

⁶ Formador do Postulantado Marista / Comunidade Marista da Maraponga

INTRODUÇÃO

Ao celebrarmos 200 anos de missão marista, acreditamos ser oportuno mergulhar nas fontes do sonho do jovem Marcelino e de nossos primeiros Irmãos para verificar se estamos sendo fiéis à inspiração de Deus lançada no coração de nosso Pai fundador e nos deixarmos apaixonar pelo sonho inicial de Deus em Marcelino. Para tanto, deixemo-nos conduzir pela estrela que se torna guia para os passos dos três reis magos que saem de suas terras à procura do Menino-Deus. Depois de passar por Jerusalém, eles seguem para Belém, onde a estrela para e brilha intensamente, sinalizando que era ali, em uma cidadezinha às margens, que escolhera nascer Jesus de Nazaré. Ao escolher nascer em um povoado pobre, explorado e marginalizado, o Filho de Deus encarnado manifesta sua opção preferencial pelos pobres. Esta opção será testemunhada e ratificada durante toda a vida do Menino que nasce em Belém, cresce e vive na Galileia e morre e ressuscita em Jerusalém, lugares onde também a estrela revelará o seu brilho com todo vigor.

Em Jerusalém, com a ressurreição de Jesus, o brilho da estrela tornar-se-á clarão ininterrupto de esperança que atingirá todos os homens e mulheres que, no decorrer da história, estejam comprometidos com o seguimento de Jesus e, em vista disso, atentos à estrela.

Deste modo, a estrela que brilhou no decorrer da vida de Jesus de Nazaré e teve sua luz plenificada com sua ressurreição, também despontou reluzente na existência de Marcelino Champagnat, homem simples, sensível e de grande confiança em Deus.

Ao ser vítima de um sistema educacional descomprometido com o cuidado da vida, Marcelino reconhece o chamado de Deus a, por meio dele, tomar uma atitude em favor das crianças e dos jovens do campo que sofriam o abandono e o descuido da Igreja e do Estado. Deus o convida a reunir homens que possam ser Irmãos desses meninos. Manifesta-se aí a estrela, que brilha anunciando o compromisso com a vida ameaçada.

Esta mesma estrela manifestará sua luz ainda mais intensamente no encontro do padre Marcelino com um jovem que se despedia da vida. Envolvidos, padre e menino, pela luz da estrela, Marcelino viu o rosto do jovem agonizante multiplicar-se em uma diversidade de rostos que clamavam um pedido de socorro. Em seu interior

ecoava latentemente: “Quantos outros meninos se encontram, todos os dias, na mesma situação” de desamparo, abandono e ignorância do amor de Deus.

Por meio deste encontro com um menino quase morto, Deus semeou no coração de Marcelino um ardente e vigoroso desejo de vida e revelou que não havia mais o que esperar, era urgente a fundação de uma congregação de Irmãos para cuidar das crianças e dos jovens franceses em um contexto pós-revolucionário. Parte, então, apressadamente para La Valla, ao encontro de dois jovens amigos e com eles, em 02 de janeiro de 1817, aquecidos pelo brilho da estrela, constitui a primeira comunidade Marista.

A partir de então, o sonho de Deus em Marcelino começa a dar seus passos e a se concretizar. Às portas de La Valla começam a chegar muitos jovens interessados em abraçar a vocação de Irmão. Muitos são acolhidos e pela mesma porta são enviados em missão, primeiramente, às crianças mais ignorantes e abandonadas das aldeias. Em seguida, são convidados a ser presença missionária de educadores em paróquias vizinhas, educando as crianças em escolas de regiões interioranas até lugares mais populosos. Entretanto, de olhos atentos à estrela, Marcelino recorda seus Irmãos quem são o motivo de sua existência.

Seguindo o movimento da estrela e obedientes ao Fundador, os Irmãos Maristas partem para Terra Vermelha, região marcada por um processo de ocupações sem acompanhamento dos órgãos competentes e, em vista disso, desencadeador de uma multiplicidade de fatores que promovem a morte. Lá, acompanhados pela estrela do compromisso, os Irmãos de Marcelino junto aos leigos e leigas encontram-se com uma multidão provinda de diversas localidades, mas em busca de uma mesma finalidade: melhores condições de vida.

Por fim, a estrela reafirma sua fidelidade ainda hoje aos Maristas de Champagnat, brilhando vigorosamente em terras latino-americanas no XXII Capítulo Geral do Instituto Marista e apontando com clareza os rumos que os Irmãos, leigos e leigas devem tomar para encontrar o Menino com Maria e José e a realidade de vida que clama sua presença nestes tempos atuais.

2 A ESTRELA APONTA PARA BELÉM: OS POBRES NO CORAÇÃO DO EVANGELHO

No caminho que aqui nos propomos a fazer, queremos colocar nossos pés e o nosso coração nas pegadas dos três reis magos e, junto a eles, de olhos atentos à estrela que nos guia e de pés fincados no chão da realidade, queremos ir ao encontro do Deus encarnado e presente em meios em nós que se revela na fragilidade, como nos narra a Comunidade evangélica de Mateus:

Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem.”

Ao saber disso, o rei Herodes ficou alarmado, assim como toda a cidade de Jerusalém. Herodes reuniu todos os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei, e lhes perguntou onde o Messias deveria nascer. Eles responderam: “Em Belém, na Judéia, porque assim está escrito por meio do profeta: ‘E você, Belém, terra de Judá, não é de modo algum a menor entre as principais cidades de Judá, porque de você sairá um Chefe, que vai apascentar Israel, meu povo.’”

Então Herodes chamou secretamente os magos, e investigou junto a eles sobre o tempo exato em que a estrela havia aparecido. Depois, mandou-os a Belém, dizendo: “Vão, e procurem obter informações exatas sobre o menino. E me avisem quando o encontrarem, para que também eu vá prestar-lhe homenagem.”

Depois que ouviram o rei, eles partiram. E a estrela que tinha visto no Oriente, ia adiante deles, até que parou sobre o lugar onde estava o menino. Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria.

Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois, abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, partiram para a região deles, seguindo por outro caminho (Mt 2, 1-12).

O trecho bíblico acima, escrito pela comunidade de Mateus, narra o nascimento de Jesus Cristo e nos apresenta um lugar geográfico e social onde a estrela que guiava os magos brilha mais forte e anuncia que não é no centro que Deus escolheu nascer, mas na periferia.

O texto da Bíblia em destaque deixa muito claro que havia um sinal, no caso, a estrela, que ia à frente dos três reis magos conduzindo-os até o lugar onde nascera

o Rei dos judeus. Chegando a Jerusalém, o centro do poder político e religioso, os magos param e perguntam pelo recém-nascido ao rei Herodes. Isso inquieta o coração do rei, que consulta suas autoridades religiosas e indica que o Messias deverá ser filho da pequena cidade de Belém. Partem para lá e de olhos atentos à estrela, ficam radiantes de alegria ao verem seu brilho que anunciava que era ali, na humilde Belém, entre os pobres, que Jesus, o Filho de Deus, escolhera nascer.

Iluminados por essa passagem do Evangelho de Mateus, não há o que questionar. Jesus, ao assumir o projeto de seu Pai, vem tocar nossa humanidade tornando-se homem como nós e acolhendo a integralidade da condição humana, ou seja, suas possibilidades e desafios, suas fragilidades e potencialidades. Mais ainda, ao entrar na humanidade, ele não se diferencia de nós em nada e também assume todas as características que marcam a existência humana: “um lugar, um tempo, uma cultura, uma família, um caráter, uma etnia, uma religião, uma classe, um físico” (MESTERS, 1995, p.15-16). Assim afirma Sandra Maira Pires:

A nós, seres humanos, é impossível optar pelas questões determinantes de nosso nascimento. Não podemos escolher nossa raça, nossa cultura, a época que nos cabe viver, etc, mas Jesus fez a opção de ser gente num determinado tempo e contexto [...] e não só assume a condição humana como a assume lá onde dói e pesa mais: no meio dos pobres (PIRES, 2012, p.31-32).

Esta possibilidade de escolha existencial que marca a encarnação de Jesus Cristo enriquece de valor e significado os lugares onde Ele escolheu nascer, crescer e viver, deixando bem claro que estas escolhas não são frutos do acaso, mas estão fundamentadas em um projeto de vida e missão. Deste modo, podemos afirmar que cada escolha, gesto ou atitude de Jesus narradas pelos evangelhos sinalizam uma opção que está intimamente interligada com o seu projeto de Reino de Deus.

Portanto, ao optar por Belém como sua cidade natal, o Filho de Deus está nos revelando sua escolha de entrar na humanidade por um lugar físico, geográfico, político, religioso e social marcado pela pobreza, pela exclusão e pela exploração. Ou seja, quem acolhe Jesus em meio a nós são os pobres, aos quais Ele se identifica e assume sua condição.

Por fim, vale esclarecer que a estrela não parou sobre Belém e lá brilhou mais intensamente somente porque se tratava de um lugar pobre e habitado por um povo

que vivia às margens. Isto é um dado importante, entretanto, o brilho impetuoso da estrela sobre o pequeno povoado de Belém manifesta o grandioso amor do Pai que envia seu Filho ao encontro da humanidade sofrida, injustiçada e desesperançada e por ela doa sua vida no decorrer de sua existência, desde o nascimento até a morte. Trata-se da encarnação de um Deus que escolhe nascer em meio aos últimos da sociedade e por eles doa sua vida em favor do resgate de sua dignidade. Aí está a lógica da estrela de Belém: é vida que se doa em favor da vida que está ameaçada.

2.1 OPÇÃO PELOS POBRES RATIFICADA: JESUS NASCE, CRESCE E VIVE EM MEIO AOS POBRES

Se em um primeiro momento, o nascimento de Jesus em Belém, povoado pobre que fica às margens de Jerusalém, assinala uma escolha preferencial pelos pobres, esta escolha seria incoerente e ilegítima se não perpetuasse no decorrer de sua vida. Por isso, para além do trecho evangélico da comunidade de Mateus que apresentamos como norteador de nosso embasamento teológico de um Deus que opta por nascer na periferia de um grande império; fazendo-se pobre com os pobres, podemos recorrer a tantas outras passagens bíblicas do Novo Testamento que nos apontam para a convicção de que os pobres são o coração do Evangelho. Vale lembrar o anúncio de sua missão na sinagoga que tem como premissa “anunciar a boa notícia aos pobres” (Lc 4,18) e os muitos relatos de um homem que ia ao encontro dos doentes, dos endemoninhados, dos pecadores, dos publicanos, das prostitutas, dos oprimidos, dos famintos, dos presos (Mt 4,24; Lc 5, 27; Lc 8,43; Mt 21,32; Lc 9,13; Mc 5,1), enfim, dos pobres e excluídos da sociedade e da religião de sua época.

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco nos apresenta ainda outras fontes que revelam esta primeira opção pelos pobres que é ratificada em toda a vida de Jesus:

No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo “Se fez pobre” (2 Cor 8, 9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. Esta salvação veio a nós, através do «sim» duma jovem humilde, duma pequena povoação perdida na periferia dum grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no Templo, juntamente com dois pombinhos, a oferta de quem não podia permitir-se pagar um cordeiro

(cf. Lc 2, 24; Lv 5, 7); cresceu num lar de simples trabalhadores, e trabalhou com suas mãos para ganhar o pão (EVANGELII GAUDIUM 197).

Em vista disso, se a princípio a estrela brilha em Belém, sinalizando o compromisso com os pobres, posteriormente, essa estrela brilhará ainda mais intensamente no decorrer da atividade pública de Jesus na Galileia.

Lá ele acolheu a mulher prostituída e a defendeu de um fariseu (Lc 7,36-50); ele curou dez leprosos (Lc 17,12-14); fez andar um paralítico (Mt 9,1-7); ressuscitou o filho órfão de uma viúva (Lc 7,11-17); acolheu uma estrangeira e libertou sua filha de um espírito impuro (Mc 7,24-30); escutou a angústia de um pai e expulsou um espírito mudo de seu filho (Mc 9,14-29) e libertou os oprimidos (Mc 5,1-20).

Estas ações desempenhadas por Jesus marcam sua prática libertadora e, como nos lembra Leonardo Boff, são milagres que “antes de revelarem sua divindade visam mostrar que o Reino já está presente e fermentando dentro do velho mundo” (BOFF, 2012, p.44). Por outro lado, esta aproximação de Jesus dos pobres e sua ação de libertação em favor deles supera uma interpretação romântica da intervenção divina, porque seria extremamente poético narrar à encarnação de um Deus que nasce em uma estrebaria de um pobre povoado e migra para a periferia de uma cidade, mas que não se compromete com seu povo. “Revelar Deus como Pai é a fonte e o destino da Boa Nova de Jesus” (MESTERS, 1995, p.60).

Portanto, em Jesus Cristo, Deus não quer proporcionar à humanidade uma experiência amorosa meramente sentimentalista, mas revela-nos um Deus que nos ama como filhos e por isso se aproxima, escuta, vê, toca e age em favor da vida de seu povo, transformando toda realidade de opressão, exclusão e marginalização.

Diante disso, este amor pode ser interpretado como “prática da justiça” (PIRES, 2012, p.36), conforme afirma Pires e salienta Boff (2012):

A justiça ocupa lugar central em seu anúncio. Declara bem-aventurados os pobres não por olhar a pobreza como virtude, mas porque, sendo ela fruto de relações injustas entre os homens, provoca a intervenção do Rei messiânico cuja primeira função é fazer justiça ao pobre e defender o fraco em seu direito (BOFF, 2012, p.29).

Se por um lado Jesus se compromete com a justiça e se coloca em defesa dos pobres, anunciando as maravilhas de Deus e efetivando a presença do Reino através de sua prática libertadora, por outro, ele denuncia as injustiças promovidas pelas autoridades religiosas e políticas da época.

Ao comprometer-se com a justiça e se colocar em defesa dos pobres, anunciando e praticando a Boa Notícia do Reino de Deus, Jesus se põe em confronto com as estruturas do poder político e religioso de sua época que estava corrompido e promovia o sofrimento, a opressão e a morte do povo.

Segundo Pires, a predileção de Jesus pelos pobres produz o escândalo que gera o conflito entre ele e os fariseus como são narrados nos evangelhos (PIRES, 2012, p.35-36). Além disso, conforme afirma Mesters, com suas palavras e “gestos de denúncia ele faz estremecer as pilastras da religião oficial” (MESTERS, 1995, p.93) e do poder político vigente.

Mesters enumera as seguintes ações de Jesus que geram conflito e abalam as estruturas política e religiosa predominantes: condena a ganância dos escribas e a vontade que tinham de aparecer em público e de ocupar os primeiros lugares (Mc 12,38-40); inutiliza a legislação sobre a pureza (Mc 7,1-23); critica a inversão da observância do sábado, colocando-o novamente a serviço da vida (Mc 2,27); alarga as fronteiras do povo de Deus, pois na sua comunidade acolhia publicanos, pecadores, leprosos, possessos, doentes, prostitutas; critica e relativiza o Templo, expulsando os vendedores (Mc 11,15-19) e dizendo que Deus podia ser adorado em qualquer lugar (Jo 4,20-24); desaprova a política de desintegração do clã; defende as vítimas do sistema político (Lc 6,20); condena a corrupção e a dominação dos funcionários do governo (Mt 23,1-7) acolhendo-os para construir um novo jeito de relacionar-se, em vista do Reino (Mc 5,22); critica o exercício do poder tirânico e opressor (Lc 22,25) e apresenta um jeito de exercer o poder como serviço (Mc 10,43-45); condena o uso egoísta do dinheiro e a lógica do acúmulo (Mt 19,24) (Ibid. p.92-93.96-99).

Com todas estas ações geradoras de vida, Jesus confronta a cultura de morte que regia o sistema político e religioso existente e afronta os privilégios de alguns, tornando-se “semente subversiva, capaz de, a longo prazo, desestabilizar e derrubar os valores ou contra-valores que sustentavam o sistema” (Ibid. p.100).

Ao se tornar ameaça aos detentores do poder de sua época, Jesus tinha consciência de que sua vida corria perigo, entretanto, em momento algum ele retrocedeu, pelo contrário, enfrentou o medo, o abandono e a solidão, seguindo decididamente para Jerusalém (Lc 9,51) e indo até o fim em sua escolha de vida abundante para todos (Jo 10,10), preferencialmente os pobres.

Em Jerusalém, a estrela brilhará mais uma vez, sinalizando a entrega até as últimas consequências de um Homem-Deus que nasce, cresce, vive e morre pelos pobres. Na cruz, Jesus ratifica seu compromisso com os marginalizados e excluídos e assume integralmente sobre si todas as situações de morte que ferem a dignidade humana (Mt 8,17; 1Pe 2,24). Deste modo, ao passar pela mesma experiência de dor e abandono que vivem os pobres, Jesus agonizante, flagelado e crucificado assemelha-se a eles, assumindo plenamente a condição de pobre e suas consequências (Fl 2,7-8). Ou seja, na cruz, Jesus expressa sua máxima e plena opção pelos pobres.

Contudo, uma vida que foi doada pela causa dos sem vida não pode ser vencida pela morte. Por isso, ao morrer pobre, Jesus se abandona nas mãos do Deus que escuta o clamor dos empobrecidos e injustiçados e por Ele é ressuscitado, confirmando que a última palavra não é da morte, mas da vida.

Com isso, é na ressurreição de Jesus que a estrela, que primeiro despontou em Belém, brilha como clarão perpétuo de esperança a iluminar toda humanidade, já que com Jesus ressuscitado, conforme afirma Mesters, podemos crer que Deus é capaz de tirar vida da própria morte, mais ainda, podemos estar certos, por meio da fé, que o mesmo Jesus que caminhou com os pobres na Galileia, acolhendo-os, libertando-os de seus males e manifestando-os o rosto misericordioso do Pai, continua vivo no meio de nós e de nossas comunidades. “Através de nós ele continua sua missão de revelar a Boa nova aos pobres” (Ibid. p.129).

2.2 A VIDA CLAMA POR CUIDADO EM UMA JUVENTUDE QUE ESTÁ ÀS MARGENS – DEUS GRITA SEU SONHO DE VIDA NA MORTE DE UM JOVEM: OS POBRES NO CORAÇÃO DE MARCELINO

A estrela que brilhou por primeiro em Belém teve sua luz plenificada pela ressurreição de Jesus em Jerusalém. Deste modo, como já foi dito, esta estrela da

ressurreição tornou-se clarão ininterrupto de esperança para toda humanidade. Muitos homens e mulheres no decorrer da história fizeram a mesma experiência dos três reis magos narrado pelo Evangelho de Mateus e seguiram atentos a estrela que os conduziu ao encontro do Deus encarnado e presente nas realidades de vida ameaçada.

Iluminado pela estrela de vida comprometida com os pobres que brilhou intensamente em toda existência de Jesus de Nazaré, um jovem padre francês chamado Marcelino Champagnat também esteve atento ao brilho da estrela e, a exemplo dos magos e impulsionado pelo mesmo Espírito de Jesus, partiu ao seu encontro na ânsia de promover vida onde a mesma se esvaía.

2.3 MARCELINO CHAMPAGNAT: UMA VIDA

José Bento Marcelino Champagnat nasceu em 20 de maio de 1789, no pequeno povoado de Marlhes no interior da França. Ele era o décimo filho de João Batista Champagnat e Maria Chirat e foi acolhido no seio de uma família humilde, em uma região pobre e no meio de uma população profundamente religiosa, mas rude e sem instrução (FURET, 1989, p.02).

Nascido no tempo em que se dava a Revolução Francesa, Marcelino sofre em sua própria carne os efeitos do conturbado período revolucionário. Ainda criança, em seu primeiro dia de aula, “como era tímido e não ousava sair de seu lugar, o mestre o chamou junto a si para a leitura, mas outro aluno apresentou-se e postou-se à frente de Marcelino. O mestre, tomado de nervosismo [...], deu uma bofetada no rapaz que se adiantara e o mandou chorando para o fundo da sala” (Ibid. p.05). Diante dessa situação, sobre Marcelino, o Ir. João Batista Furet vai dizer que tal “brutalidade revoltou-lhe o espírito de justiça” (Id.) e fez-lhe decidir não voltar mais à escola.

De fato, esta experiência estudantil marcou profundamente Marcelino Champagnat. Mais tarde, em 1834, em uma carta destinada ao Rei da França Louis-Philippe, ele expressa o quanto tal ocorrido influenciou na construção de seu projeto de vida:

Nascido no cantão de Saint-Genest-Malifaux, Departamento do Loire, só vim a aprender a ler e escrever com inúmeras dificuldades, por falta de

professores competentes. Compreendi desde então a urgente necessidade de uma instituição que pudesse, com menor custo proporcionar aos meninos da região rural o grau satisfatório de ensino que os Irmãos das Escolas Cristãs proporcionam aos meninos carentes das cidades (CARTAS, 1997, p.91).

Esta situação traumática vivenciada por Marcelino, depois de superada e ressignificada, como foi apresentado anteriormente, iluminou sua existência e alimentou em seu interior, no decorrer de sua vida, o desejo de fazer algo por estas realidades que atingiam meninos e meninas que, como ele, moravam em lugares mais afastados, no meio rural, e não tinham acesso a uma educação de qualidade. Desde então, a partir deste fato histórico da vida de Marcelino e com a aprendizagem alcançada, Deus lançou no coração do pequeno Champagnat seu sonho de vida e vida abundante (Jo 10, 10) para as crianças que se encontravam descuidadas e desconheciam seu divino Amor. Com isso, a estrela que se revelou em Belém, Galileia e Jerusalém também brilha com todo seu vigor em Marlhés, pois manifesta o chamado de Deus para doar a vida em favor da vida que está ameaçada. É vida que supera a indiferença, o descuido e a marginalização! É vida que se compromete com a vida! A luz da estrela que despontou na infância de Marcelino brilhará em outras ocasiões de sua existência e se propagará até a concretização do sonho que Deus semeou em seu coração.

Ainda sobre a experiência sucedida na infância do menino Marcelino, podemos constatar que ela revela o retrato de como andava a educação na França durante a Revolução Francesa. Tempos depois, o próprio Champagnat que foi vítima das calamidades sociais provocadas pela Revolução, vai enfrentar os desafios de uma sociedade pós-revolucionária e profundamente marcada pela precariedade no ensino no meio urbano e mais ainda no rural, como afirma o Ir. Adelino da Costa Martins:

A situação da escola elementar na zona rural era extremamente caótica. Podemos mesmo dizer que como instituição organizada e estruturada era inexistente. As escolas, de antes e sobretudo de após a Revolução, eram mantidas pela caridade pública: por donativos, por heranças e até mesmo pelo dízimo pago pelos fiéis. As municipalidades não dispunham de meios para mantê-las [...]. A escola como um lugar apropriado para o ensino era inexistente. Qualquer lugar servia. A profissão de mestre-escola não era

reconhecida como tal. Qualquer pessoa que o desejasse podia ser professor (MARTINS, 2012, p.43-44).

Em meio a este contexto sócio-político conflituoso e o conseqüente descaso ao campo da educação, as crianças e os jovens viviam abandonados e atingidos pelo analfabetismo e pela ignorância dos valores religiosos, sobretudo os que se encontravam nas regiões rurais.

Também Marcelino foi vítima deste descaso e o seu primeiro contato com a educação foi traumatizante. Distante da escola, ele permanece no seio familiar, aprendendo com seu pai “como trabalhar em marcenaria, carpintaria, alvenaria” e desejando “continuar a profissão dos pais, lavradores” (FURET, 1989, p.06). Contudo, após receber em sua casa a visita de um padre que angariava candidatos para a vida sacerdotal, o jovem Marcelino reconhece o chamado de um Deus que o quer (Ibid. p.10) e inicia o seu caminho de formação rumo ao sacerdócio.

Desde o momento em que diz “sim” ao propósito de tornar-se padre e durante toda sua formação seminarística, Marcelino sofre as conseqüências do defasado processo educativo que lhe foi oferecido na infância. De início, ele precisa superar o descrédito de sua família que o alerta para a sua dificuldade “na aprendizagem da leitura e a falta de gosto pelo estudo” (Ibid. p.11). Depois, em seu processo formativo, ele é repreendido inúmeras vezes pelos seus superiores por conta de suas dificuldades cognitivas.

Entretanto, ele não pensa em desistir em momento algum. Muito pelo contrário, está convicto de sua decisão e afirma confiante: “hei de vencer, pois Deus me chama” (Ibid. p.12). Para tanto, ficava até altas horas da noite estudando as lições do dia seguinte (Ibid. p.13) e se disciplinava criando regulamentos ou listas de atividades que o auxiliavam a ser mais organizado e comprometido com os estudos.

Pouco tempo antes de ser ordenado padre, nos anos de 1815 e 1816, Champagnat une-se a um grupo de seminaristas que, liderados por Jean-Claude Courveille, reuniam-se em vista da fundação de uma sociedade que tendo o nome de Maria propagaria um rosto mariano à Igreja. São nessas reuniões que o seminarista Marcelino Champagnat, como afirma Martins, partilha com seus colegas seu sonho de fundar um Instituto de Irmãos:

Em suas reuniões, Marcelino não se cansava de repetir da necessidade de Irmãos para instruir as crianças do campo na época totalmente abandonadas: “sempre senti em mim um atrativo particular para o estabelecimento de Irmãos; uno-me a vocês com muito prazer e se quiserem, encarrego-me desta parte. Minha primeira instrução foi falha; ficaria muito feliz em contribuir para dar a outros todas as vantagens de que eu mesmo me vi privado” (Ibid, p.58).

Como ele era insistente e “frequentemente repetia aos companheiros: *Precisamos de Irmãos, precisamos de Irmãos que ensinem o catecismo. Ajudem os missionários e eduquem as crianças*” (Ibid. p.28), foi encarregado de cuidar deste ramo da Sociedade de Maria ao que ele aceitou prazerosamente e começou a empreender todos os seus esforços a fim de realizar tal empreendimento.

Em 23 de julho de 1816, um dia após sua ordenação, o padre Champagnat, acompanhado de outros onze neossacerdotes, sobe ao Santuário de Nossa Senhora de Fourvière e se consagram aos seus pés à Sociedade dos Maristas.

2.4 MARCELINO CHAMPAGNAT: UMA VIDA DOADA

Dias depois de ordenado, em 12 de agosto de 1816, o padre Marcelino Champagnat é enviado em missão à paróquia de La Valla, uma pequena cidade do interior da França, de acesso não muito fácil e “situada na encosta e nos desfiladeiros da serra de Pilat” (Ibid. p.33). Segundo Furet, o povo “era bom e gente de fé, porém muito simples e sem instrução” (Ibid. p.34). Duas realidades da ignorância do povo são destaque: a religiosa e a educativa. A religião centrava-se na pessoa do padre que limitava sua ação evangelizadora à igreja matriz e suas proximidades, deixando às margens um grande número de habitantes que residiam em regiões mais longínquas e que tinham dificuldade de acesso à igreja. As poucas escolas que existiam estavam em situações precárias por suas condições físicas ou pedagógicas, pois um lugar apropriado para o ensino era inexistente, a profissão de mestre-escola não era reconhecida e qualquer pessoa que desejasse podia ser professor (MARTINS, 2012, p.44).

Estes são alguns traços da realidade da paróquia de La Valla, a qual o Pe. Champagnat é o mais novo coadjutor. “Não o intimidou esse quadro, porém; confiante

na Providência pôs logo mãos à obra para desbravar o campo que lhe fora destinado” (FURET, 1989, p.34). Começou oferecendo catequese às crianças e depois, atraiu os fiéis por seus bons sermões durante as missas, que alertavam para fidelidade aos sacramentos, a santificação do trabalho e o zelo pela educação na fé das crianças. Tudo isso gerava inúmeras conversões e dava novo rosto à paróquia de La Valla.

Para, além disso, o jovem padre saía em muitas ocasiões pelas estradas de La Valla para visitar os doentes e oferecer-lhes os sacramentos. Este era um serviço pastoral que muito lhe agradava, “dia e noite, estava sempre disposto a sair. [...] Geada, chuva, neve, nada o segurava. Enfrentava tudo quando se tratava de levar os socorros da religião a um agonizante” (Ibid. p.51). Certa ocasião, estando sobre os morros de Pilat e lançando o olhar sobre o pequeno povoado, rebanho do qual era pastor, e exclamou: “Quantos passos dei nesses morros! Quantas camisas encharquei nesses caminhos! Acho que se reunisse neste vale todos os suores vertidos em minhas caminhadas, haveria água suficiente para tomar banho” (Ibid. p.54).

Com tanto envolvimento, presença e serviço junto ao povo de La Valla, poderíamos imaginar que o projeto de fundar uma congregação de Irmãos havia sido excluído dos planos do Pe. Champagnat. Muito pelo contrário, durante estes cinco meses de atuação como coadjutor paroquial, Marcelino sempre se recordou deste sonho que marcou seu projeto de vida.

Em suas andanças apostólicas, em 28 de outubro de 1816, foi chamado para socorrer um jovem que se encontrava à beira da morte, como nos conta o Ir. Furet:

Chamado a confessar um jovem doente num povoado, pôs-se imediatamente a caminho, conforme seu costume. Antes de ouvi-lo em confissão, fez-lhe uma série de perguntas para saber se tinha as disposições necessárias para receber os sacramentos; estremeceu ao verificar que ele ignorava os principais mistérios, não sabendo nem mesmo se Deus existia. Aflito por encontrar um rapaz de doze anos (na verdade, tinha 17 anos) mergulhado em tão profunda ignorância, e temendo vê-lo morrer nessa situação, sentou-se ao lado do doente e começou a ensinar-lhe os principais mistérios e as verdades essenciais da salvação. Assim, levou duas horas para instruí-lo e confessá-lo. Não foi sem grandes dificuldades que conseguiu ensinar-lhes as coisas mais indispensáveis, pois o jovem se encontrava tão doente que mal entendia o que ele falava. Depois de o ter confessado e feito repetir, várias

vezes, atos de amor a Deus e de contrição, a fim de dispô-lo a bem morrer, deixou-o para atender a outro doente, na casa vizinha (Ibid. p.56).

Instantes depois retornou à casa do jovem doente e ouviu da boca de seus pais que ele havia morrido. Então, três sentimentos perpassaram o coração de Marcelino, alegria, medo e inquietação, como descreve Furet:

Ficou muito alegre, por ter chegado a tempo, mas também temeroso, em razão do perigo em que estivera o jovem, cuja condenação eterna ele, talvez, acabava de impedir. Voltou todo compenetrado destes sentimentos, cismando: “quantos outros meninos se encontram, todos os dias, na mesma situação, correndo o mesmo risco, por não haver ninguém que os instrua nas verdades da fé” (Id.).

No encontro com um menino que se despedia da vida, Champagnat reconheceu o clamor de tantos outros jovens que moravam muito distante dos centros urbanos e, portanto, viviam desamparados, pois não havia quem pudesse ir até eles. Assim como na encarnação de Jesus Cristo Deus se aproxima, toca nossa humanidade e age em favor da vida dos desfavorecidos, em Marcelino Champagnat Deus encontra um homem sensível, apaixonado e disponível para tomar uma atitude em favor da vida de uma juventude marginalizada e esquecida.

“Quantos outros meninos se encontram, todos os dias, na mesma situação”. Esta inquietação acompanhou Marcelino durante todo caminho de Le Palais, povoado onde morava o rapaz que acabava de morrer, até La Valla. Seu coração ardia e Deus gritava seu sonho de vida na morte daquele jovem. Eis o lugar onde a estrela parou e brilhou vigorosamente, iluminando novamente os caminhos de Marcelino! Seu clarão sinalizava que não havia mais o que esperar, era urgente a fundação de uma sociedade de Irmãos para cuidar das crianças e dos jovens. Seu brilho se faz mais radiante e intenso pela opção preferencial que o Pe. Champagnat faz pelos meninos e meninas abandonados do meio rural que não tinham acesso a uma educação digna e a uma instrução na fé que os apresentasse o amor de Deus. Estes são as crianças e os jovens pobres da sociedade de sua época.

Diante disso, ele não perdeu tempo. Naquele mesmo instante, correu ao encontro de outro jovem, analfabeto e trabalhador rural, João Maria Granjon, e com

ele partilhou seu sonho de contribuir na educação de crianças e jovens, ao que o rapaz se dispôs inteiramente. Logo depois, vem ao seu encontro o jovem João Batista Audras, menino profundamente desejoso de abraçar a vida religiosa. São com estes dois rapazes pobres e ignorantes, mas abertos à vontade de Deus e confiantes em Champagnat que em 02 de janeiro de 1817, nasce o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, acolhidos em uma casa onde “a pobreza transparecia” (Ibid. p.59).

Com o tempo, a comunidade de La Valla começou a crescer em números e o Pe. Champagnat iniciou a estruturação da dinâmica da casa, atribuindo rosto de vida religiosa à comunidade que se constituía. Além disso, o compromisso com a pobreza era presente na comunidade nascente, já que os primeiros Irmãos eram pobres com os pobres.

Tudo na pequena residência dos Irmãos estava de acordo com a comida simples e pobre. A cama era um colchão e um travesseiro de capim, ou de folhas; os lençóis eram de tecido grosseiro e um ou dois cobertores, também de qualidade inferior (Ibid, p.66).

Transcorridos alguns anos, o Pe. Champagnat já havia conseguido constituir espírito de comunidade junto aos seus primeiros Irmãos e então decidiu dar mais um passo no processo de fundação do Instituto. Abriu uma escola em La Valla e contratou um professor experiente no ofício para que lecionasse para os alunos e contribuísse com a formação dos Irmãos, que o observavam, imitavam-no e aprendiam seu método educativo (Ibid. p.69).

Em pouco tempo os Irmãos já se sentiam capazes de dar aulas na escola e pediram esta função, ao que foram convidados a um espírito de humildade pelo Pe. Champagnat:

“Meus amigos, além de ser talvez um pouco temerário julgarem-se competentes para dirigir, sozinhos, a escola de La Valla, é preciso recordar que o espírito de nossa congregação deve ser de humildade. Sendo assim convém iniciar com algo mais modesto. Já que desejam consagrar-se à instrução das crianças – finalidade de sua vocação –, o que eu aprovo totalmente, gostaria que vocês dedicassem os primeiros passos de seu zelo às crianças mais ignorantes e abandonadas. Assim, proponho-lhes ensinarem nas aldeias da paróquia” (Id.).

Com estas palavras direcionadas aos seus Irmãos e sua proposta de experiência de serviço às crianças abandonadas das aldeias, o Pe. Champagnat revela-se como estrela semelhante àquela que brilhou sobre o estábulo onde nasceu Jesus, pois quer conduzi-los a uma experiência com os preferidos do Deus de Jesus Cristo e, fiel ao evangelho, apresentá-los àqueles que são o motivo de sua existência, acolhendo-os como os primeiros destinatários da missão Marista, como descreve o documento Missão Educativa Marista:

Como Marcelino Champagnat pensava nas crianças e nos jovens menos favorecidos, ao fundar os Irmãos Maristas, a nossa preferência deve ser pelos excluídos da sociedade e por aqueles que, por causa da sua pobreza material, não têm acesso à saúde, a uma vida familiar equilibrada, à escolarização e à educação nos valores (MISSÃO EDUCATIVA MARISTA, 2000, p.31).

Após um ano de fundação da escola de La Valla, o Ir. João Maria assumiu sua direção e acompanhado pelo Pe. Champagnat oferecia o ensino gratuitamente aos mais pobres. O próprio Pe. Champagnat acolheu “vários meninos órfãos ou abandonados, deu-lhes instrução, alimentou-os, vestiu-os e, depois, colocou-os em famílias de confiança, continuando sempre a velar pelo seu comportamento, orientando-os e fazendo às vezes de pai” (FURET, 1989, p.70).

Com o tempo o trabalho dos Irmãos começou a ser reconhecido e solicitado por alguns vigários de paróquias vizinhas e, deste modo, os filhos de Champagnat foram enviados em missão às escolas de Marlhès, Saint-Sauveur, Tarentaise e Bourg-Argental. Nesta última, o Pe. Champagnat dá as seguintes instruções para os Irmãos que para lá são enviados:

Meus caros Irmãos, nosso objetivo, quando nos unimos e fundamos esta pequena sociedade, foi proporcionar o ensino e a educação cristã aos meninos das pequenas paróquias das zonas rurais. Entretanto, eis que regiões mais importantes estão reclamando o mesmo benefício. Temos, sem dúvida, obrigação de não lhes recusar este serviço, uma vez que a caridade de Jesus Cristo, que é a norma da nossa, se estende a todos os homens, e os meninos das cidades custaram igualmente todo o seu sangue. Sobre isto, entretanto, tenho observações a fazer-lhes. A primeira: nunca devemos

esquecer que fomos fundados principalmente para as paróquias rurais e que estas escolas devem merecer nossa predileção (Ibid. p.86).

Nesta instrução dada aos Irmãos pelo Pe. Champagnat – cultivador de uma profunda intimidade com Jesus e Maria e, por isso, de olhos atentos à estrela que despontou em 28 de outubro de 1816, em seu encontro com o jovem que morria sem socorro – ele ratifica seu compromisso com os pobres, crianças e jovens esquecidos e abandonados das zonas rurais, lugares distantes e, por isso, sem candidatos para irem ao seu encontro, e incumbe aos seus Irmãos esta missão que nasce do coração de Deus, a nós, revelado em Jesus Cristo, é semeado e cultivado no coração de Marcelino e agora é confiada aos homens que querem fazer-se Irmãos destes pequeninos.

2.5 A ESTRELA APONTA PARA TERRA VERMELHA – DEUS CONVIDA OS IRMÃOS DE MARCELINO A SER PRESENÇA EM MEIO AOS SEUS PREFERIDOS

Em pouco tempo, a missão marista já havia se alastrado por grande parte da França e os Irmãos, impulsionados pelo espírito de ousadia de seu Pai fundador, transcendem o território francês e partem primeiro para a Oceania e, depois, para os cinco continentes do mundo. Deste modo, são obedientes ao mandato do Senhor: “Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade” (Mc 16,15) e também ao sonho de Champagnat: “Todas as dioceses do mundo estão em nossos planos”.

Com isso, o frágil sonho de Marcelino nascido no pequeno povoado de La Valla foi caminhando junto com o mundo, em meio à história, e armando tenda em muitos países.

Em 15 de outubro de 1897, chegam a Congonhas do Campo/MG, no Brasil, os seis primeiros Irmãos. Posteriormente, mais dois grupos de missionários maristas desembarcarão em Bom Princípio/RS, em 1900, e em Belém/PA, em 1903. A partir da atuação dos Irmãos nestas realidades que os acolheram e em seus estados vizinhos, com a chegada de novos contingentes de Irmãos provindos da Europa e com o crescente aumento de vocações Maristas no Brasil, surgem as três primeiras

províncias Maristas brasileiras denominadas como Província do Brasil Meridional, Província do Brasil Central e Província do Brasil Setentrional.

Posteriormente, estas três províncias foram desmembradas em outras seis. Da província Brasil Meridional surgem as províncias de Porto Alegre, Santa Catarina e Santa Maria; a província do Brasil Setentrional torna-se a província Brasil-Norte e da província do Brasil Central nascem as províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro. É com esta última província que vamos nos deter mais, apresentando uma experiência dos Irmãos de Marcelino em meio aos seus preferidos.

2.6 O ESPÍRITO SOPRA VENTOS NOVOS SOBRE A IGREJA E O INSTITUTO

De 1962 a 1965, com o Concílio Vaticano II, a Igreja vivencia um divisor de águas em sua história e é convidada por este grande evento eclesial a um retorno às fontes. Também a Vida Religiosa Consagrada foi convidada a fazer este movimento de ir ao encontro do acontecimento fundacional, saciar-se novamente da experiência fundante, encontrar-se com o Grande Autor dos carismas congregacionais e rever a coerência de sua presença no mundo atual.

Ainda envolvidos por este espírito do Vaticano II, em 1993, ocorre em Roma o XIX Capítulo Geral dos Irmãos Maristas, ao qual foi eleito superior geral o Ir. Benito Arbués, que convidou a todo Instituto a voltar às fontes:

De maneira muito particular, queremos reencontrar a fonte fecunda da qual, nós Irmãos Maristas, brotamos: Marcelino Champagnat.

No decorrer deste Capítulo, “a experiência Montagne” concentrou nossa atenção. Para Champagnat, que já tinha o projeto de fundar os Irmãos, esse acontecimento o fez agir. Ele reconheceu aí o apelo do Espírito. Ele nos anteviu nos olhos desse jovem carente. Brota daí a fonte de nossa própria resposta aos sinais de hoje (MENSAGEM DO XIX CAPÍTULO GERAL DOS IRMÃOS MARISTAS, 1993, nº 11).

Diante disso, podemos constatar que os Irmãos capitulares reunidos em Roma deixaram-se atingir pelo brilho da estrela que apareceu reluzente em Le Palais no dia em que o Pe. Champagnat se encontrou com um jovem que transmitia o pedido de socorro de tantos outros jovens abandonados. Deste modo, envoltos pela luz da estrela, proclamaram:

Hoje, mais do que ontem, aumenta o número de pobres e marginalizados a quem o Evangelho não é anunciado, sentimo-nos chamados a reviver “a experiência do jovem Montagne”, por fidelidade a Cristo e ao Fundador (Ibid, nº 14).

Segundo o Ir. Claudino Falchetto, que participou como capitular do XIX Capítulo Geral, “o Capítulo, diante da realidade do mundo e dos apelos dos pobres fez opções claras e assumiu compromissos destemidos de solidariedade” (cf. Anexo 1). Para tanto, os Irmãos capitulares conclamaram todo Instituto ao compromisso:

O Capítulo pede ao Instituto que se comprometa prioritariamente com os mais pobres.

Cada Província entrará num processo de discernimento. Depois implantará, nos próximos quatro anos, pelo menos um projeto significativo de presença marista junto às crianças e aos jovens mais abandonados. Esse projeto será elaborado e realizado em colaboração com leigos (Ibid, nº 06).

2.7 UMA EXPERIÊNCIA DOS IRMÃOS DE MARCELINO EM MEIO AOS PREFERIDOS DO REINO

Em meio a todos estes movimentos de Igreja pós-conciliar e dos apelos provindos do Instituto, muitos espaços onde a missão Marista acontecia abriram-se aos clamores do Capítulo e se comprometeram em ser presença solidária em meio às crianças e os jovens pobres.

No Brasil, de modo particular na província do Rio de Janeiro, segundo o Irmão Zeferino Falchetto, “os Irmãos manifestaram o desejo de constituir comunidades no meio do povo, com marcas da simplicidade, da acolhida, da partilha, da pobreza, da fraternidade” (cf. Boletim informativo marista, 2001, p.10-11, Anexo 3). Em 1998, sob o governo do Ir. Afonso Murad, o “Conselho Provincial decidiu, então, pela criação de uma comunidade na periferia da grande Vitória” (Id.), no Espírito Santo.

Os Irmãos chegam ao Estado capixaba em 1953 para fundar o Ginásio Nossa Senhora do Brasil, atual Colégio Marista de Colatina, em Colatina. Um ano depois, chegam em Vila Velha para inaugurar o Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, no Centro da cidade. Em Vila Velha, os Irmãos moravam no próprio Colégio e lá

constituíram comunidade por longos 38 anos, até 1992, quando encerraram sua presença em meio ao povo vilavelhense.

Após a decisão de abrir uma comunidade em alguma realidade de periferia da Grande Vitória, o Ir. Murad expressou, aos Irmãos que iam constituir tal comunidade, os sentimentos que perpassavam pelo seu coração e pelos corações dos demais Irmãos:

É preciso viver o que se sonha, o ideal em que se acredita, embora seja um desafio; sentir alegria pelos Irmãos que vão constituir a comunidade; ter uma expectativa – a de criar algo novo na província e ser um gesto de qualidade; o alimentar o otimismo, pois há disposição para uma coisa maior, e crer que vai dar certo, justamente por causa dos limites de cada um; viver mais alegria do que medo; ter como primeiro compromisso a fidelidade a Deus, apesar de nossa fragilidade; crescer na sensibilidade aos pobres (Id.).

Motivados por estas palavras, os Irmãos partiram para o Espírito Santo e foram ao arcebispo, disponibilizando-se a serem presença em meio aos pobres a serviço da Igreja de Vitória. Dom Silvestre, arcebispo da época, sugeriu um bairro da Grande Vitória para os Irmãos se instalarem, entretanto, não deu certo a inserção no bairro; por motivos desconhecidos. Decidiram, então, partir para a segunda opção de local: um bairro no já conhecido município de Vila Velha, cidade que a 8 anos atrás os Irmãos haviam encerrado uma comunidade religiosa. No entanto, desta vez, não era no Centro que os Irmãos de Marcelino seriam convidados a morar, mas a estrela que os conduzia apontava para uma região que ficava às margens da quase quingentésima cidade de Vila Velha. E foi na Grande Terra Vermelha, assim chamada por ser uma grande região que tem em seu centro o bairro de Terra Vermelha e em seus arredores uma multiplicidade de bairros mal estruturados e precariamente organizados, que a estrela parou e brilhou intensamente.

Lá eles chegaram e se encontraram com uma multidão que, assim como Maria, José e Jesus, buscavam um lugar para dar à luz aos seus sonhos de vida e vida abundante (Jo 10,10). Em meio a isso, a realidade à qual os Irmãos faziam a opção de morar sofria com os reflexos de um longo processo de ocupação que não possuía nenhum tipo de acompanhamento por parte dos órgãos públicos. Diante disso, o povo que migrava dos Estados da Bahia, de Minas Gerais e do interior do Espírito Santo, em busca de trabalho e melhores condições de vida, sofria com um

processo de obtenção de moradia extremamente desumano, pois se dirigiam para região, demarcavam seu lote e se alojavam em baixo de lonas e pequenos barracos erguidos, por muitas vezes, em locais inapropriados à habitação, já que na região predominava um solo de muita umidade e de fácil alagamento (cf. Anexo 4).

Além disso, diante da postura negligente do poder público, que em nenhum momento tomou uma atitude de acompanhamento do processo ocupacional, os novos moradores da região se encontravam extremamente desamparados pela inexistência de equipamentos públicos de saúde e de educação, pela falta de transporte coletivo e pelo desprovimento de segurança pública.

Diante deste quadro social, não é preciso nem dizer que a violência, a fome, a miséria, as drogas, o desemprego e, conseqüentemente, a falta de condições mínimas para a vida eram abundantes. Consta que a região não contava sequer com água encanada.

Segundo o Ir. Claudino Falchetto que, com o término de seu mandato de conselheiro geral em Roma solicitou um ano de presença junto aos pobres e em 2002 constituiu comunidade em Terra Vermelha, a região contava com os seguintes desafios:

A maioria das residências estavam sujeitas a inundações todos os verões, as crianças pobres viviam ao léu, as dezenove comunidades eclesiais não tinham assistência sacerdotal, os mecanismos de retro formação das CEBs já não recebiam apoio suficiente da arquidiocese, e a única comunidade religiosa católica no local era a dos maristas, cercada por dezenas de outras denominações (cf. Anexo 1).

De fato, a Grande Terra Vermelha e os demais bairros que a circundam é considerada, nesta época, um setor pastoral que está ligado à Paróquia Santa Mãe de Deus, cuja responsabilidade é administrar financeira e pastoralmente as comunidades eclesiais nascentes. Entretanto, a presença de somente um padre, que não residia na região, para atender dezenove comunidades que, em sua maioria, estavam dando seus primeiros passos em meio a uma realidade social desafiadora, não era suficiente e o acompanhamento pastoral se resumia praticamente às missas mensais.

Neste contexto sócio-político-ecclesial, os Irmãos Israel Ribeiro, Vitor Pravato, Odair Cardoso e Zeferino Falchetto, destinados a constituir a comunidade que

recebera o nome da padroeira do Espírito Santo, abriram as portas da comunidade em 2000 e assim definiram a linha de ação no primeiro ano de missão na região da Grande Terra Vermelha:

Somos enviados para estar a serviço das crianças e jovens empobrecidos; somos sensíveis às situações de marginalização e injustiça sofrida pelo povo; colocamo-nos junto com a massa sofrida do povo, significando com isso, nossa denúncia contra a injustiça, uma denúncia antes pelo gesto do que pela palavra; assumimos projetos em favor das crianças e jovens excluídos; somos um serviço de Igreja, em parceria com outras congregações e instituições da sociedade (cf. Boletim informativo marista, 2001, p.12, Anexo 3).

Comprometeram-se ainda como Comunidade Marista Nossa Senhora da Penha a ser:

Uma comunidade inserida no meio popular, marcada pela vida de oração, fraternidade, solidariedade, frugalidade, alegria; pelo relacionamento afetivo, pela abertura ao novo; pelo compromisso com a missão e, na medida do possível, pela vivência do cotidiano da vida simples do povo, dando maior importância aos jovens e crianças, sobretudo os mais necessitados (Id).

Na prática, segundo o Ir. Romero Ferreira, que foi enviado para Terra Vermelha em 2001, 2002 e depois em 2009 para assumir a formação dos postulantes, já que a comunidade havia se tornado espaço de formação da segunda etapa do processo formativo Marista, os Irmãos, junto aos formandos, estavam presentes:

Nas comunidades eclesiais de base, contribuindo e sendo apoio pastoral em uma realidade de Igreja que era animada pelos leigos e leigas [...], eram presença parceira junto à Pastoral da Criança e casa aberta para confraternizar, partilhar a vida e encontrar a juventude das comunidades (cf. Anexo 2).

No mesmo ano em que a comunidade Marista Nossa Senhora da Penha teve suas portas abertas, foi inaugurado o Centro Social Marcelino Champagnat também em Terra Vermelha, como um espaço voltado ao atendimento das crianças e dos jovens mais pobres da região no horário de contra-turno, oferecendo aulas complementares, oficinas de arte, teatro, música, informática, esportes, dentre outras

atividades. Este Centro Social foi pensado, construído e aberto “a partir da sensibilidade do Ir. Zeferino Falchetto que se inspirou no trabalho voluntário de cuidado e acolhida de crianças da região por parte de uma senhora que residia em Terra Vermelha” (cf. Anexo 2).

Além de colocarem-se a serviço das comunidades eclesiais de base (CEBs) da Grande Terra Vermelha, os Irmãos e os formandos, junto aos leigos e leigas, também desempenhavam a missão Marista no Centro Social Marcelino Champagnat, como nos afirma o Ir. Claudino Falchetto, relatando sua experiência:

Aos poucos o Centro (social) se transformou em referência para os pobres, as crianças em sua grande maioria muito pobres e oriundas de famílias desagregadas foram descobrindo a beleza da socialização e da fraternidade, e os maristas com um bom número de leigas e leigos entenderam que é em semelhante ‘locus’ que o carisma pode e deve realizar-se (cf. Anexo 1).

Segundo o Ir. Romero, com a chegada em 03 de março de 2002 em Terra Vermelha, os padres orionitas “foram acolhidos pela nossa comunidade e desde então estabeleceu-se um relacionamento de respeito, profunda comunhão e mútua-ajuda na missão” (cf. Anexo 2). Os padres José Vicente e Otaviano tomaram posse das 19 comunidades eclesiais de base que vieram a se tornar a Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes.

Após dois anos de missão na região da Grande Terra Vermelha, o Ir. Romero foi convidado a retornar em 2009. Já haviam se passado sete anos e, então, o Irmão fez uma análise da realidade atual com a realidade vivenciada em sua primeira presença no chão de Terra Vermelha. Ele afirmou o seguinte:

Em meu retorno pude reconhecer alguns sonhos que foram realizados e alguns avanços alcançados: o Centro Social Marcelino Champagnat com seu trabalho consolidado; a criação de novas comunidades eclesiais de base (foram criadas mais 11 CEBs, totalizando 30); a presença de novas lideranças nas pastorais. Tudo isso era colher os frutos de um trabalho que foi semeado e estava sendo cultivado.

Por outro lado, havia um longo caminho na perspectiva social a ser trilhado, pois o povo vivia descuidado em meio a muita sujeira, ruas esburacadas e muitas outras situações de abandono.

Diante desta realidade pude afirmar convictamente de que era ali mesmo que os Irmãos deviam estar, ou seja, junto àquele povo sofrido e esquecido (cf. Anexo 2).

Ao afirmar que os Irmãos estavam no lugar certo, o Ir. Romero testemunha o quanto à missão Marista em Terra Vermelha está em comunhão com o sonho de Marcelino Champagnat iniciado em 02 de janeiro de 1817. A comunidade Marista de Terra Vermelha ia além de propor uma ação evangelizadora àquele povo marcado por tantas injustiças. Os Irmãos estavam no meio do povo e deixavam-se evangelizar pelas crianças, jovens e adultos que revelavam o rosto pobre, mas também alegre, do Menino Jesus deitado em um coxo de uma estrebaria.

Também o Ir. Claudino enxergou o sonho de Champagnat no chão de Terra Vermelha e profetizou:

Foi para os pequeninos que o padre Champagnat, a exemplo do Mestre Jesus, fundou o Instituto e será através do coração e dos olhos das crianças pobres e desvalidas que o carisma encontrará vigor e visibilidade.

Terra Vermelha repete o sonho de Marcelino junto aos novos Montagnes do século XXI, sempre mais numerosos e cujo clamor nenhum coração marista pode desconhecer (cf. Anexo 1).

Diante destes testemunhos acerca da missão marista em Terra Vermelha, podemos considerar que, assim como em Belém, Galileia, Jerusalém, Marlies, Le Palais e La Valla, Terra Vermelha é lugar onde a estrela do compromisso com a vida dos mais pobres brilhou e brilha intensamente. O verbo brilhar no presente quer significar o contínuo brilho da estrela que ainda hoje se faz intenso e presente junto ao povo vilavelhense.

Depois de dezessete anos, o sonho de Marcelino está encarnado no chão de Terra Vermelha pela Comunidade religiosa dos Irmãos que está profundamente comprometida com o acompanhamento às comunidades eclesiais e às pastorais da paróquia local e, desde 2012, pela Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha que oferece bolsas de estudos integralmente gratuitas para crianças, adolescentes e jovens residentes na região da Grande Terra Vermelha. A Escola atende atualmente cerca de 320 alunos e alunas do 6º ano do Ensino Fundamental II até o 3º ano do Ensino Médio e proporciona um processo educativo-evangelizador que os despertam

para uma criticidade da realidade, em vista de uma consciência de que são sujeitos de direitos – por muitas vezes, negados – e os educa/os evangeliza para a construção de um projeto de vida comprometido com o bem comum.

2.6 E HOJE, PARA ONDE A ESTRELA APONTA? OS POBRES NO CORAÇÃO DOS MARISTAS DE CHAMPAGNAT E OS APELOS DO XXII CAPÍTULO GERAL

Depois de percorrer um longo caminho seguindo a estrela que desponta a princípio em Belém, depois na Galileia e Jerusalém, acompanhando a vida de Jesus de Nazaré; em seguida, reconhecer o seu clarão em Marlies, Le Palais e La Valla no compromisso com a vida testemunhado por Marcelino Champagnat e, por fim, celebrar sua intensa luz em Terra Vermelha, chão em que os Irmãos de Marcelino comprometem-se com os mais pequeninos. Indaga-se enquanto Maristas de Champagnat, hoje, para onde a ‘estrela’ aponta?

Vale aqui recordar o que já foi elucidado com respeito à simbologia que perpassa a estrela reluzente em Belém. Como já foi dito, a estrela que para e brilha intensamente sobre o pobre povoado de Belém manifesta o amor de um Deus que quer ser próximo do ser humano e, por isso, escolhe nascer, crescer e viver em meio aos pobres e marginalizados, radicalizando sua opção ao doar sua vida pela vida dos sem vida, através de sua entrega na cruz. Aí está à lógica da estrela de Belém, símbolo que perpassa todo este artigo: é vida que se doa em favor da vida que está ameaçada.

Conscientes disso, podemos dizer que o Ir. Emili Turu em seu discurso de abertura do XXII Capítulo Geral dos Irmãos Maristas em 08 de setembro de 2017 fez a mesma pergunta que apresentamos acima – e hoje, para onde a estrela aponta? – entretanto, com outras palavras, ele vai dizer o seguinte:

Nossa tarefa principal durante estas semanas (do Capítulo Geral), portanto, não é a de produzir belos documentos, mas de tratar de responder às perguntas que realmente importam, com um coração compassivo, como o de Champagnat: onde a Igreja mais precisa de nós neste início do século XXI? Em que lugares do mundo as crianças e os jovens estão em situação de maior vulnerabilidade, e de que maneira queremos servi-los, como corpo global? ...

(Discurso do Ir. Emili Turu na Abertura do XXII Capítulo Geral dos Irmãos Maristas, 2017, p. 03).

Estas perguntas retiram, segundo o próprio Emili, todo o romantismo que pode haver na expressão “um novo La Valla”, lema do Capítulo, e convidam os Irmãos e leigos participantes do Capítulo, a refletir e dar respostas a tais questionamentos, fazendo-se fiéis ao sonho de Marcelino e aos seus primeiros destinatários e oferecendo direcionamentos para vitalidade da missão Marista nos anos vindouros.

Também neste ano, o Ir. Emili junto ao seu Conselho Geral, escreveu um relatório que apresenta ao Capítulo Geral o caminho percorrido pelo Instituto nos últimos oito anos e aponta rumos para a missão Marista nos próximos anos. A primeira linha de futuro apresentada conclama o Instituto ao compromisso, pois, segundo eles:

Como Maristas de Champagnat, somos chamados a caminhar com humildade e acolhimento ao lado das crianças e jovens, de modo especial, daqueles mais vulneráveis da sociedade de hoje. Champagnat se comoveu diante do jovem Montagne e se deixou tocar pelo Espírito ...

Hoje nos comovem as situações da realidade juvenil e da infância no mundo. Um mundo cuja metade da população está abaixo de 25 anos de idade e com alguns países onde sua vida está ameaçada. Continuando assim, milhões de crianças poderão morrer em idade muito tenra, outras serão vítimas de uma pobreza extrema e milhões entre elas não poderão sequer frequentar uma escola... (Relatório do Ir. Superior Geral e seu Conselho para o XXII Capítulo Geral, 2017, p. 61).

Ao chegar ao final de seu serviço como superior geral, o Ir. Emili Turu escreveu uma carta convocatória do XXII Capítulo Geral e sinalizou que este grande evento do Instituto ocorreria em Rionegro, a cerca de 40 km de Medellín, na Colômbia. Vale aqui ressaltar o caráter simbólico do lugar escolhido para celebrar o Capítulo Geral e reconhecer os sinais da estrela.

Primeiro, a ocorrência de um Capítulo Geral dos Irmãos Maristas fora da Europa – continente onde todos os capítulos anteriores foram realizados – e, mais ainda, em terras latino-americanas, manifestam, como o próprio Conselho Geral afirmou, um deslocamento como sinal de *novo começo*. Mais do que isso, em outras palavras, revelam uma saída do centro do poder e da religião para as margens. Em

seguida, é forte o simbolismo que perpassa a Colômbia, pois se trata do chão que por primeiro acolheu a missão Marista na América Latina. Além disso, como afirma o Ir. Emili Turu:

A Colômbia é um país de contrastes que facilitará para que os capitulares possam experimentar a saída para as periferias. A Colômbia, que possui uma população multicultural e multiétnica, se caracteriza pela cordialidade de sua gente e seu grande espírito de acolhida, mas, ao mesmo tempo, vive um conflito armado interno desde 1960; o país tem uma grande riqueza de recursos naturais, mas é o 14º país com maior desigualdade dentre os 134 observados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; nos últimos anos aumentou a qualidade da educação, mas quase meio milhão de crianças não são escolarizadas e cerca de 5.000 são crianças de rua... (Carta convocatória do XXII Capítulo Geral, 2016, p. 07).

Além disso, Medellín tem forte aspecto simbólico, pois foi lugar onde ocorreu a 2ª Conferência Geral Latino-americana como movimento de recepção ao Concílio Vaticano II pela Igreja latino-americana. Neste grande evento eclesial, a Igreja da América Latina fez duas fortes opções preferenciais que davam rosto à missão da Igreja neste continente e apontavam rumos para a ação evangelizadora: os jovens e os pobres.

Presentes na Colômbia de 08 de setembro a 20 de outubro de 2017, os Maristas de Champagnat em Capítulo Geral definiram os rumos da missão Marista nos anos que sucedem. Foram traçadas cinco indicações que foram denominadas “chamadas” e expressam “uma mensagem de São Marcelino para hoje”. São elas: formar uma Família carismática e global, lugar de luz neste mundo turbulento; ser eco afetuoso de sua terna misericórdia; inspirar nossa criatividade para construir pontes; caminhar com as crianças e os jovens nas margens da vida e responder com audácia às realidades novas e emergentes (XXII Capítulo Geral, ecos e perspectivas⁷).

A quarta chamada, “caminhar com as crianças e os jovens nas margens da vida”, está fundamentada em quatro convites urgentes a “abrir os olhos de nossos corações e escutar os gritos das crianças e dos jovens, especialmente aqueles sem

⁷ Material elaborado para apresentação ao Conselho Provincial do Brasil Centro Norte. Textos em espanhol disponibilizados na última sessão do XXII Capítulo Geral e traduzidos por Jefferson Bonomo. Versões não oficiais e sem revisão.

voz e sem lugar; ter uma presença significativa entre as crianças e os jovens nas margens do mundo; ser criativos na busca de respostas às suas necessidades e aproximarmos deles para servi-los e fugir de aproximações paternalistas e apoderar os que não tem voz” (Id.). Para tanto, o Capítulo convocou, como condição para que o tão sonhado *novo começo* aconteça, que “todas as comunidades, Províncias e o Instituto em seu conjunto façam um discernimento sobre sua simplicidade de vida e sua proximidade com os pobres que nos leve a atuar de forma concreta, saindo de nossa zona de conforto” (Id.). Também professaram “para um novo começo, como Maristas de Champagnat, comprometidos na missão evangelizadora e educativa crer em nossa presença comprometida, preferencial e coerente entre as crianças e os jovens nas periferias geográficas e existenciais” (Id.).

Por fim, o superior geral eleito, o Ir. Ernesto Sánchez, em seu discurso de encerramento do Capítulo Geral, afirmou contundentemente:

É claro o apelo, Irmãos e Leigos, a que abandonemos com coragem nosso conforto, para sermos mais livres e buscaremos caminhos concretos, que nos levem ao encontro das crianças e jovens mais necessitados e marginalizados, para que nos enriqueçamos de seus dons e, com eles, sejamos profetas da dignidade humana. Sentimos um forte desafio a responder, perante a realidade migratória que surge com força em tantas partes do mundo onde estamos presentes. Esta profecia inclui nossa ação decidida na defesa dos direitos das crianças, na condenação de qualquer tipo de abuso cometido contra elas, trabalhando com firmeza e coragem para que nunca mais aconteçam. (Palavras do Ir. Ernesto Sánchez no encerramento do XXII Capítulo Geral, 2017, p.04).

E convidando todo o Instituto, Irmãos, leigos e leigas, a ser profetas e profetizas da dignidade humana, homens e mulheres comprometidos com o Evangelho e, conseqüentemente, com os pobres, ele questionou:

Que implicações teria este tema da profecia da dignidade humana em cada uma de nossas obras educativas e atividades de todo tipo? O que poderia pedir a cada qual pessoalmente? E, em nível de comunidades, de Províncias e Distritos, de Administração Geral? (Id).

Diante de tudo isso, primeiramente, podemos dizer que a saída de Roma e a realização do Capítulo Geral dos Irmãos Maristas na Colômbia manifesta a disposição para colocar os pés na estrada e com olhar atento à estrela, deixar-se guiar por ela. Deste modo, com esta atitude de saída do centro para as margens, o Instituto manifesta seu profetismo e sua obediência à estrela e sinaliza o movimento que todos os Maristas de Champagnat são convidados a fazer.

Além disso, o Capítulo Geral, no ano em que a missão Marista celebra 200 anos de existência, tendo como lema “Um novo La Valla”, dá-nos sinais claros de como o Instituto vai continuar sendo fiel ao sonho do jovem padre Marcelino e seus dois primeiros companheiros de missão quando resolvem, juntos, constituir a primeira comunidade marista em La Valla.

Por isso, podemos afirmar categoricamente que a estrela de vida brilhou com todo seu vigor em Rionegro, no Capítulo Geral dos Irmãos Maristas, apontando claramente para onde a missão Marista deve caminhar nestes novos tempos para continuar a encontrar o Menino, sua família e seu povo abandonados, marginalizados e desprezados na pobreza de uma estrebaria, porque “não havia lugar para eles dentro da casa” (Lc 2,7).

3 CONCLUSÃO

Após este longo caminho percorrido à luz da estrela, primeiramente, precisamos celebrar a manifestação luminosa da estrela que irrompe em Belém e torna-se companheira fiel ao Instituto Marista em seus 200 anos de caminhada, apesar de, por algumas vezes, não nos fazermos atentos ao seu brilho.

Posteriormente, a estrela que aparece na terra natal de Jesus, acompanha-o em suas andanças pela Galileia, levando-o até Jerusalém, expressa o compromisso pelos pobres que perpassa toda a existência de um Deus que vive em meio a nós na pessoa de Jesus de Nazaré. A estrela, como já foi explicada, não é sinal de uma presença sentimentalista, e, portanto, descomprometida com a vida, mas é expressão de uma vida que escolhe estar junto dos mais pobres em favor da recuperação de sua dignidade como filhos amados de Deus.

Portanto, já que Jesus sempre esteve de olhos atentos à estrela e comprometido com a vida do povo marginalizado, afirma-se “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica” (BENTO XVI, Discurso na sessão inaugural da V Conferência-Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe).

Sensível aos sinais da estrela, Marcelino Champagnat, a exemplo de Maria, seu recurso habitual, foi discípulo fiel a Jesus e ao seu Evangelho, correndo ao encontro do povo de La Valla e, de maneira especial, reconhecendo o clamor de Deus na morte de uma juventude que se encontrava esquecida nos interiores da França em um tempo conturbado de pós-Revolução. Compreende “então a urgente necessidade de uma instituição que pudesse, com menor custo proporcionar aos meninos da região rural o grau satisfatório de ensino que os Irmãos das Escolas Cristãs proporcionam aos meninos carentes das cidades” (CARTAS, 1997, p.91). Com isso, a estrela resplandeceu vigorosa no horizonte de Marcelino, confirmando que era por aqueles meninos que moravam em regiões mais distantes e, por isso, não havia quem pudesse ir ao encontro deles, que ele deveria consagrar o Instituto de Irmãos que Deus semeara em seu coração.

Diante disso, podemos afirmar que a opção pelos mais pobres está entranhada na experiência fundante do Instituto Marista, uma vez que sua existência se dá para servir as crianças e os jovens do meio rural que são o rosto da juventude pobre daquela época.

Portanto, é preciso que ainda hoje, depois de 200 anos, insistentemente, ressoe em nossos ouvidos e em nossos corações a observação do Pe. Champagnat de que “nunca devemos esquecer que fomos fundados principalmente para as paróquias rurais e que estas escolas devem merecer nossa predileção” (FURET, 1989, p.86). Ora, se era nas regiões rurais que residiam as crianças e os jovens mais pobres e marginalizados, podemos, ousadamente, sem medo de errar, ouvir o Pe. Champagnat dizer que nunca devemos esquecer que fomos fundados principalmente para as crianças e os jovens pobres e que estes devem merecer nossa predileção.

É envolvido por este espírito fundacional e atentos à estrela, que os Irmãos de Marcelino partem para Terra Vermelha no início deste milênio e lá são presença solidária a um povo marcado por tantas injustiças; são promotores de vida no serviço ao Povo de Deus junto aos leigos e leigas, de crianças e jovens na Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha.

Mais recentemente, nos meses de setembro e outubro de 2017, os Irmãos Maristas se deslocaram da Europa para as terras latino-americanas, por ocasião do seu XXII Capítulo Geral, e testemunharam o movimento da estrela que sai do centro e parte para periferia. Em comunhão com este deslocamento profético, os Irmãos e leigos participantes do Capítulo fizeram-se audíveis aos clamores de Deus que se revelaram a Marcelino em seu encontro com o jovem agonizante da aldeia de Le Palais e, hoje, continuam a ser ecoados na realidade de dor, pelas frequentes migrações; sofrimento, pelas situações de abuso e tráfico de menores; e marginalização, pelo trabalho infantil e a extrema pobreza, a que estão submetidas tantas crianças e jovens no mundo.

Diante deste retrato social alarmante, em que nitidamente a estrela nos aponta para onde nossos pés devem caminhar, o Capítulo afirmou categoricamente que o *novo começo* somente acontecerá se os Maristas de Champagnat fizerem-se fiéis ao apelo inicial de Deus e forem presença solidária em meio às crianças e os jovens, lá onde eles mais necessitam.

REFERÊNCIAS

ATAS DO XIX CAPÍTULO GERAL DOS IRMÃOS MARISTAS. (1993). Disponível em <<http://www.champagnat.org/203.php?caso=1&cap=XIX>>. Acesso em 30 de set 2017.

BENTO XVI, Papa. **Discurso na sessão inaugural da V Conferência-Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe.** (2007). Disponível em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em 08 de nov 2017.

BÍBLIA SAGRADA, **Edição Pastoral.** 46ª impressão. São Paulo: Paulus, 1990.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador:** ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHAMPAGNAT, Marcelino. **Cartas.** Edição Brasileira, 1997.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. **Evangelii Gaudium – a Alegria do Evangelho,** Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2013.

FURET, João Baptist. **Vida de José Bento Marcelino Champagnat,** 1789-1840. São Paulo: Edição do Bicentenário, 1989.

IRMÃOS MARISTAS: **Centenário no Brasil,** 1897-1997. Equipe Marista Interprovincial de Reflexão (EMIR). São Paulo: Editora FTD S.A, 1997.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Relatório do Ir. Superior Geral e seu Conselho para o XXII Capítulo Geral.** (2017). Disponível em <http://www.champagnat.org/e_maristas/Message/Message_47PT.pdf>. Acesso em 28 de out 2017.

LANFREY, André. **Marcelino Champagnat e os Irmãos Maristas: professores congreganistas no século XIX**. Tradução de Ir. Baptista Santos e Ir. Ataíde José de Lima. Revisão de Magda Carlos. Brasília: UMBRASIL, 2013.

MAGALHÃES, Paulo César. **História da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes**. Disponível em <<http://paroquianavegantes.com.br/a-paroquia/nossa-historia/>>. Acesso em 18 de out 2017.

MARTINS, Adelino da Costa. **Contexto histórico e social da obra educativa de Champagnat**. Brasília: UMBRASIL, 2012.

MESTERS, Frei Carlos. **Na contramão com Jesus Cristo**. São Paulo: Paulinas, 1995.

MISSÃO EDUCATIVA MARISTA: um projeto para nosso tempo. Comissão Interprovincial de Educação Marista (1995-1998). Tradução: Manoel Alves e Ricardo Tescarolo. 2.ed. São Paulo: SIMAR, 2000.

TURU, Emili. **Abertura do XXII Capítulo Geral**. (2017). Disponível em <http://www.champagnat.org/shared/bau/EmiliCapitulogeneral_abertura_PT.pdf>. Acesso em 27 de out 2017.

_____, Emili. **Um novo La Valla: convocatória do XXII Capítulo Geral**. (2016). Disponível em <http://www.champagnat.org/e_maristas/emili_turu/XXII_capitulo_convoca_PT.pdf>. Acesso em 28 de out 2017.

PIRES, Sandra Maira. **Inserção em meios populares: um lugar formativo**. Porto Alegre: CRB. ESTEF, 2012.

SÁNCHEZ, Ernesto. **O “Novo Começou” já iniciou!: Palavras do Ir. Ernesto Sánchez no encerramento do XXII Capítulo Geral**. (2017). Disponível em <http://www.champagnat.org/shared/bau/ErnestoDiscurso_CapGen_PT.pdf>. Acesso em 05 de nov 2017.

ANEXOS

ANEXO I

E OS POBRES?

Ao terminar meu mandato de Conselheiro Geral, em 2001, avalei os oito anos em Roma como um tempo de graça, que me permitiu levar aos quatro cantos do Instituto a mensagem do XIX Capítulo Geral. Aquele Capítulo, diante da realidade do mundo e dos apelos dos pobres fez opções claras e assumiu compromissos destemidos de solidariedade. Basta reler os dois primeiros tópicos referentes à missão e à solidariedade.

Ao voltar à Província solicitei ao menos um ano junto aos pobres em alguma de nossas unidades sociais. Como graça de Deus fui enviado ao Centro Marcelino Champagnat, que acabava de ser inaugurado em Vila Velha, no bairro Terra Vermelha. Foi lá que pude constatar in loco e de fato toda a verdade da existência da pobreza e toda a beleza da vocação marista, quando voltada para os beneficiários do sonho de Champagnat.

Em 2002 Terra Vermelha não possuía a infraestrutura urbana de hoje, a maioria das residências estava sujeita a inundações todos os verões, as crianças pobres viviam ao léu, as dezenove comunidades eclesiais não tinham assistência sacerdotal, os mecanismos de retro formação das CEBs já não recebiam apoio suficiente da arquidiocese, e a única comunidade religiosa católica no local era a dos maristas, cercada por dezenas de outras denominações.

Então aconteceu o que hoje apregoamos como “Um Novo Começo”. Aos poucos o Centro se transformou em referência para os pobres, as crianças em sua grande maioria muito pobres e oriundas de famílias desagregadas foram descobrindo a beleza da socialização e da fraternidade, e os maristas com um bom número de leigas e leigos entenderam que é em semelhante ‘locus’ que o carisma pode e deve realizar-se.

Foi para os pequeninos que o padre Champagnat, a exemplo do Mestre Jesus, fundou o Instituto e será através do coração e dos olhos das crianças pobres e desvalidas que o carisma encontrará vigor e visibilidade. O Novo Começo do terceiro

centenário passará inevitavelmente pelas intuições de Marcelino que nos queria junto aos pobres, ou minguaremos até a inanição.

Para mim Terra Vermelha foi a confirmação de quanto estive apregoando aos outros durante o tempo que me foi dado como arauto do Capítulo. Terra Vermelha repete o sonho de Marcelino junto aos novos Montagne do século XXI, sempre mais numerosos e cujo clamor nenhum coração marista pode desconhecer.

Não só a de Vila Velha, mas outras comunidades almejam estar mais em sintonia com o carisma, colocando-se em estado de “saída”. Nossas convicções correspondem ao chão que pisamos. Que Maria a peregrina na fé sustente nossa caminhada!

Patos de Minas, 18 de setembro, dia de N. Sra. da Salette.

Ir. Claudino Falchetto, fms

ANEXO II

Ser presença em comunidades de inserção é uma opção que marca meu caminho de seguimento de Jesus Cristo na vida religiosa consagrada.

Esta presença tem início em Aruanã (GO), depois em Duque de Caxias (RJ) e também em Vila Velha (ES).

Nestas realidades, a antiga província do Rio de Janeiro fez a opção de inserir-se e ser presença em missão no desejo de pôr em prática os apelos do Instituto, animado pelo Ir. Benito Arbués, e da Igreja, que impulsionava a um movimento de saída e de inserção no meio dos pobres.

A comunidade marista Nossa Senhora da Penha teve suas portas abertas em 2000 e de 2001 a 2002 e depois em 2009 eu estive presente atuando na missão marista de Vila Velha, na região da grande Terra Vermelha.

Em meu primeiro período de presença em Terra Vermelha fui incumbido pela formação dos pré-postulantes, já que a comunidade havia se tornado espaço de formação da primeira etapa do processo formativo marista. Além disso, era o superior da comunidade.

Para além das responsabilidades exercidas na comunidade religiosa, estava presente, junto aos pré-postulantes, nas comunidades eclesiais de base, contribuindo e sendo apoio pastoral em uma realidade de Igreja que era animada pelos leigos e

leigas, já que uma presença sacerdotal mais atuante somente se dará em 2002 com a posse dos padres orionitas da paróquia local. Ao chegarem em Terra Vermelha os padres foram acolhidos pela nossa comunidade e desde então estabeleceu-se um relacionamento de respeito, profunda comunhão e mútua ajuda na missão. Éramos presença parceira junto à Pastoral da Criança e casa aberta para confraternizar, partilhar a vida e encontrar a juventude das comunidades.

Diante disso, nossa comunidade caminhava junto com a realidade de Igreja local e também atuava em missão em nossa obra do CSMC – Centro Social Marcelino Champagnat, que também fora criado em 2000 a partir da sensibilidade do Ir. Zeferino Falchetto que se inspirou no trabalho voluntário de cuidado e acolhida de crianças da região por parte de uma senhora que residia próximo à comunidade São Francisco de Assis, no centro de Terra Vermelha. Eu e os demais irmãos contribuimos na elaboração do projeto e no processo de iniciação da obra que acolhia crianças e adolescentes no horário de contra-turno, oferecendo oficinas, aulas complementares e atividades recreativas.

Nossa presença missionária também se estendia à Casa da Acolhida e ao Colégio Marista Nossa Senhora da Penha.

Como comunidade formativa, a realidade de missão apresentava a proposta de Irmão que a província queria formar, ou seja, comprometido com os pobres; colocando-se em saída e indo ao encontro do outro; estando no meio do povo de Deus e sendo formado por ele.

Depois de morar de 2001 a 2002 em Terra Vermelha, eu retorno para um segundo momento de presença missionária em 2009, onde era responsável de ajudar o Ir. Renato no processo formativo do pré-postulante.

Em meu retorno pude reconhecer alguns sonhos que foram realizados e alguns avanços alcançados: o Centro Social Marcelino Champagnat com seu trabalho consolidado; a criação de novas comunidades eclesiais de base; a presença de novas lideranças nas pastorais. Tudo isso era colher os frutos de um trabalho que foi semeado e estava sendo cultivado.

Por outro lado, havia um longo caminho na perspectiva social a ser trilhado, pois o povo vivia descuidado em meio a muita sujeira, ruas esburacadas e muitas outras situações de abandono.

Diante desta realidade pude afirmar convictamente de que era ali mesmo que os Irmãos deviam estar, ou seja, junto àquele povo sofrido e esquecido.

Testemunho, portanto, que a missão em Terra Vermelha foi uma experiência de muita riqueza e de profundo comprometimento com o povo de Deus das comunidades eclesiais e das unidades maristas.

Recife, 04 de setembro de 2017

Ir. Romero Ferreira

ANEXO III

Boletim Informativo Marista

Vila Velha - ES

Corria o ano de 1988 e, na Província do Rio de Janeiro, previa-se a fundação de quatro comunidades inseridas. Equipes de Irmãos dirigiram-se a Duque de Caxias, Mundo Novo e Araçuaí para obter informações e examinar o local onde os Irmãos se estabeleceriam, sempre após entendimentos com o bispo diocesano. No ano seguinte, as comunidade fixaram-se nos locais previstos. Em Araçuaí, preferiu-se uma casa na periferia, ao invés da residência que o bispo oferecera. A quarta comunidade fora prevista para a Diocese de São Mateus, no Espírito Santo. Por razões diversas, aquela fundação não aconteceu. Passados 10 anos, verificamos a diminuição do número de Irmãos, causada pelo falecimento de alguns ou por desistências. Em compensação, candidatos novos, embora poucos, vieram participar da comunidade marista.

O período de uma década envelheceu a Província; por que então um nova fundação? Não poucos a taxaram de inoportuna. Convém lembrar os motivos, razões que justificam uma nova fundação. A caminhada da teologia da Vida Religiosa, em geral, e da comunidade marista em particular, ampliou a visão de sua realidade. O Concílio Vaticano

II recomendara um retorno às fontes. Sabe Deus quanto se escreveu sobre este tema! As palavras querem exprimir o avanço na reflexão. A expressão *retundação da Vida Religiosa* deu ocasião a muito pensar e muito escrever sobre o assunto para delinear seu verdadeiro significado. O episódio *Montagne* fundamentou as novas decisões dentro de nossa congregação.

Irmão Benito Arbués afirma: "Algo está mudando em nossa família religiosa, e é cada vez mais numeroso o grupo de Irmãos que têm *sonhos* semelhantes aos de Marcelino Champagnat, naquele 2 de janeiro de 1817. Dos sinais que o indicam, cito brevemente alguns: pouco a pouco estão sendo criadas comunidades em ambientes simples, rurais, de povos indígenas, de meninos de rua ou a favor de jovens com dificuldades".

Em sua visita à Província, falando da hierarquia e da Vida Religiosa, acrescenta: "Não estivemos comprometidos seriamente com a opção preferencial pelos pobres". Viver ao lado dos ricos, com as tentações do bem estar, pode diminuir o elan apostólico. Isso aconteceu pelo mundo afora e não ficamos isentos dessa perversa influência.

Nas últimas assembleias provinciais, os Irmãos manifestaram



Família de Terra Vermelha, vizinha da Comunidade.

o desejo de constituir comunidades no meio do povo, com marcas da simplicidade, da acolhida, da partilha, da pobreza, da fraternidade. O Conselho Provincial decidiu, então, pela criação de uma comunidade na periferia da grande Vitória. Para constituí-la foram escolhidos os Irmãos Israel Poste Ribeiro, Vitor Pravato, Odair Barbosa Neves e Zeferino Falchetto que tiveram um encontro com os Irmãos Gentil e Afonso Murad. Ir. Murad expressou os sentimentos que perpassavam pelo seu coração e pelos corações dos demais Irmãos:

"É preciso viver o que se sonha, o ideal em que se acredita,

embora seja um desafio; Sentir alegria pelos Irmãos que vão constituir a comunidade; Ter uma expectativa - a de criar algo novo na Província e ser um gesto de qualidade; Alimentar o otimismo, pois há disposição para uma coisa maior, e crer que vai dar certo, justamente por causa dos limites de cada um; Viver mais alegria do que medo; Ter como primeiro compromisso a fidelidade a Deus, apesar de nossa fragilidade; Crescer na sensibilidade para com os pobres".

Em seguida, o Irmão Provincial sintetizou as características de uma comunidade de inserção. Constitui-se ela como lugar de acolhida e de crescimento das

10

11

Boletim Informativo Marista

pessoas; De confiança, para encorajamento mútuo e ajuda, não somente no aspecto transcendente mas também físico e psíquico; De vida fraterna e de partilha com os coirmãos, marcada pelo prazer de viver juntos, aberta para acolher jovens e pobres, transparente, respeitosa, livre.

Seja a comunidade uma casa; Um lar com espaços de partilha, onde se saiba "perder tempo" com os coirmãos; Espaço de felicidade, onde se descobre o serviço a fazer, onde se partilham os sentimentos e "o que penso de você"; Lugar de vocacionados, de estagiários, de leigos; Lugar onde se convidam os Irmãos para que os visitem e onde se desliga a TV para uma conversa, para brincar".

A oração da comunidade deve partir da vida e ser constante; Brota da realidade, vem de Deus, dá-nos coragem; Alimenta nossa utopia, é dinâmica, viva, sustenta e motiva; Deve ser marcada pela criatividade, ser significativa e feita com tempo.

Acentua, ainda, o Irmão Murad, que em cada tempo há sinais de Deus. É importante perceber no mundo de hoje uma volta ao sagrado. Após a influência da secularização nota-se maior presença de Deus.

A espiritualidade deve marcar a presença dos Irmãos. É preciso ser fiel a um tempo de

oração, para manter a tranquilidade contra a pressão da sociedade. É preciso estarmos com Deus. Guerreiros que se cansam, "mas que renascem como a águia" (Sl 103).

Motivados por essas palavras, os Irmãos definiram assim a linha de ação, no primeiro ano de missão na periferia de Vila Velha: Somos enviados para estar a serviço das crianças e jovens empobrecidos; Somos sensíveis à situação de marginalização e de injustiça sofrida pelo povo; Colocamo-nos juntos com a massa sofrida do povo, significando com isso nossa denúncia contra a injustiça, uma denúncia antes pelo gesto do que pela palavra; Assumimos projetos em favor das crianças e jovens excluídos; Somos um serviço de Igreja, em parceria com outras congregações e instituições da sociedade.

Nosso compromisso: A Comunidade Marista de Nossa Senhora da Penha quer ser uma comunidade inserida no meio popular, marcada pela vida de oração, fraternidade, solidariedade, frugalidade, alegria; pelo relacionamento afetivo, pela abertura ao novo; pelo compromisso com a missão e, na medida do possível, pela vivência do cotidiano da vida simples do povo, dando maior importância aos jovens e crianças, sobretudo aos mais necessitados.

Irmão Zeferino Falchetto.

12

ANEXO 4



EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA E A EXPERIÊNCIA EDUCATIVA MARISTA EM SEUS PRIMÓRDIOS

Jhony Quadros Joner⁸

Ir. Maicon Donizete Andrade⁹

RESUMO

O presente artigo busca, através de pesquisas bibliográficas, explanar sobre o impacto transformador da realidade causado pela fundação do Instituto Marista. Reconhecendo a fundação como uma ação prática, inspirada em Marcelino, diante de sua história de vida e da experiência de seu apostolado como coadjutor de La Valla. Para tanto, é situada a educação como um caminho transformador, destacando o caráter relacional do ser humano, tratando da Educação Marista como algo transformador das realidades por sua fundação no campo, opção educativa, centralidade em Jesus e presença cuidadora diante das crianças e dos jovens.

Palavras-chave: Educação. Marista. Champagnat.

⁸ Postulante Marista / jjoner@marista.edu.br

⁹ Formador do Postulado Marista de Maraponga. Graduado em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino, Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará e Mestrando em Educação pela mesma Universidade.

INTRODUÇÃO

A educação é um processo humano, relaciona-se com a forma que o ser humano vai aprendendo a relacionar-se e a conviver consigo, com o mundo e com Deus. Este processo pode facilitar um aprendizado em sintonia com o Evangelho. É considerável que um processo educativo existente e pensado com objetivos humanizadores, possa ser um caminho que ajude as sociedades a serem melhores.

Os processos educativos têm papel considerável na transformação social. E em 1779 em meio a levantes revolucionários na França, começa a ver o mundo, o pequeno Marcelino Champagnat, que mais tarde, ao tornar-se padre, diante das experiências educativas que viveu, e do que vê em sua realidade, funda um Instituto de Irmãos Educadores.

Com foco nos campos, onde a educação era mais precária, ele quer formar irmãos que sejam presença e revelem Deus aos pequenos. Para que estes pequeninos sejam melhores e não padeçam como outros, sem instrução e sem conhecer os Mistérios de Deus.

Este artigo é uma pesquisa bibliográfica que tenta relacionar bases de transformação social na educação e em especial na experiência educativa na fundação das escolas de Marcelino e seus Irmãos. O texto apresenta possibilidades de aprofundamento, a temática é ampla e significativa diante de um tempo em que o Instituto faz o convite a um novo começo. Para um novo começo é necessário olhar para o primeiro e perceber os aspectos significativos do sopro inicial.

2 O SER HUMANO COMO UM SER DE INTEGRAÇÃO

A educação pode ser entendida como o processo de aprendizagem do ser humano, que tem início em seu nascimento e se desenrola ao longo de sua vida. Desenvolvendo-se em sua relação com as pessoas, coisas e culturas que o rodeiam durante o seu crescimento, lhes apresenta, como e de que forma ser um humano.

O ser humano integra uma realidade específica, que ao longo do tempo foi caracterizando-se como sociedade, assim sendo, pode-se dizer que ele é formado por uma cultura e também formador da mesma; pois ao compô-la leva novidade a ela, em outras palavras, mudança. Mas também é seu reproduzidor, à medida que segue formando e integrando a mesma cultura. Pode-se compreender essa inter-relação a partir da ideia de circularidade do Pensamento Complexo:

Não há fenômeno de causa única no mundo natural nem no cultural. Onde houver seres vivos as relações serão sempre circulares. Por mais que pareçam lineares, elas são não-lineares: os efeitos retroagem sobre as causas e as realimentam. (MARIOTTI, 2007, p 04)

Assim, pode-se compreender a sabedoria popular, que, de geração em geração, constitui os povos. As tradições religiosas, por exemplo, são antiguíssimas, mas vêm ao longo do tempo alterando-se conforme o tempo e o lugar em que foram inserindo-se, agregando elementos de povos que as recebem, mas mantendo elementos que caracterizam sua centralidade.

2. 1 EDUCAÇÃO FORMAL: A ESCOLA

Nesse espaço de inter-relações na formação das pessoas, nasce um ambiente institucionalizado: a escola. Nas realidades onde existem instituições escolares, as pessoas podem vir a compô-las objetivando seu desenvolvimento. Ela é um espaço que reúne profissionais que constroem comunidade educativa¹⁰ com as pessoas em seu processo de aprendizagem. Neste meio institucional a forma e o que

¹⁰ Missão Educativa Marista, nº 108.

é aprendido dependerá da intuição educativa e de seus objetivos, levando em conta seu entendimento de educação e seus meios e possibilidades.

Deu-se assim pela História, pessoas que diante da realidade deram respostas práticas. Pode-se citar a criação dos Seminários de Professores para o Campo que fora idealizado por São João Batista de La Salle¹¹ na França do século XVII. O projeto, embora, tenha sido frustrado devido a diversas oposições, queria suprir a demanda de professores para o campo, espaço que os Irmãos das Escolas Cristãs não conseguiam atingir, devido a seu custo e organização.

Nesse seguimento, insere-se também São Marcelino Champagnat¹², que tinha consigo o intuito de fundar uma congregação de irmãos inspirados em Maria, Mãe de Jesus, desde os primórdios da Sociedade de Maria¹³¹⁴, mas foi somente após já estar em La Valla¹⁵ que Marcelino Champagnat toma a firme decisão de fundar este ramo da Sociedade de Marista. Uma família religiosa destinada a educação de crianças e jovens¹⁶ do interior da França.

Para além da realidade isolada e isenta de mestres de La Valla, foi após encontrar-se com um jovem que ignorava/desconhecia os preceitos da fé que Champagnat decide-se a pôr em prática o Projeto dos Irmãos. “Precisamos de Irmãos, precisamos de Irmãos que ensinem o catecismo, ajudem os missionários e eduquem as crianças” (FURET, 1856, p. 25). Portanto, o nascimento dos Irmão Maristas vem em resposta as fragilidades educacionais e catequéticas de La Valla a partir da inspiração em Marcelino.

Uma convicção é fundante no pensamento educativo de Champagnat:

Para bem educar as crianças é preciso amá-las e amá-las todas igualmente.
Ora, amar as crianças é dedicar-se totalmente à sua instrução e empregar

¹¹ Fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs (La Salistas) obra em que Champagnat inspira-se na condução dos irmãos.

¹² Marcelino José Bento Champagnat, natural do vilarejo de Rosey no interior da França, torna-se padre e componente da Sociedade Maria. Em 1922 funda o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria.

¹³ Inicialmente era o grupo de 12 padres de forte devoção a Virgem Maria da Diocese de Lyon, dentre os quais estava o Pe. Champagnat, que após ordenados consagram-se no Santuário de Nossa Senhora de Fouvière comprometendo-se com a criação da Sociedade de Maria. Hoje a sociedade de Maria compreende quatro Congregações Religiosas: Irmãos Maristas, Irmãs Maristas Missionárias, Padres Maristas e as Irmãs Maristas.

¹⁴ “Entretanto, no plano da nova agremiação, ninguém cogitara de Irmãos para o ensino.¹⁴ Somente Champagnat acalentou o projeto dessa instituição e o realizou sozinho.” (Furet, 1856, p. 25)

¹⁵ Paróquia localizada na Serra de Pilat na França. No lugarejo viviam cerca de duas mil pessoas. (FURET, 1856, p. 31)

¹⁶ Constituições, nº 2.

todos os recursos sugeridos por um zelo criativo para formá-las à virtude e à piedade. (FURET, 1999, p. 501)

Percebe-se, então, que no pensamento de Champagnat, para bem educar as crianças é preciso antes de tudo, amá-las. A educação de Marcelino pressupõe amor aos envolvidos no processo e também zelo pelo caminho educativo, dedicando-se e usando de criatividade no ensino. Objetivando um processo que, para além de tudo, forme as pessoas em virtudes e em piedade (fé).

2. 2 EDUCAÇÃO EM RESPOSTA À REALIDADE OBJETIVANDO MUDÁ-LA

Como vimos, ao longo da História a educação foi pensada e exercida de diferentes maneiras, mas com uma mesma centralidade: ensinar as letras e números, desenvolver ideias, experiências de fé e vida. Contudo, variam os objetivos e meios para tal, o que torna diverso o que é ensinado e seu método.

Na década de 1960, nasce no Brasil o Movimento de Educação Popular. O projeto que tinha como idealizador o professor Paulo Freire, que desafiava a realidade, visto que queria alfabetizar os brasileiros a partir de um método novo que ligava a aprendizagem com a realidade do alfabetizando.

A conjuntura política mostrava-se polarizada entre grupos populistas e oligárquicos. O projeto de alfabetização dava ao povo pobre e iletrado o direito ao voto, já que apenas os alfabetizados podiam participar dos processos eletivos do Brasil. Bem como, para além do letramento, o projeto queria formar as pessoas para a consciência, a criticidade e a participação na mudança social:

E, quanto mais sentíamos que o processo brasileiro, no jogo cada vez mais aprofundado de suas contradições, marchava para posições irracionais e anunciava a instalação de seu novo recuo, mais parecia a nós imperiosa uma ampla ação educativa criticizadora. (FREIRE, 1967, p. 88)

O Brasil era, na criação do movimento, um país de população predominantemente rural. O índice de analfabetos com mais de 14 anos era de 16 milhões e de crianças em idade escolar fora da escola, de 4 milhões (Dados

apresentados por Freire em Educação como Prática de Liberdade). Considerando que dados do IBGE estipulam a população brasileira em 1960 com 70 milhões¹⁷ de pessoas, isso indica uma população de 22,8% de analfabetos.

É desenvolvido um método que conversava com a realidade das pessoas, integrando-as ao meio e objetivando formá-las como agentes de transformação, e não como reprodutoras do que já se é dado. Formá-las para que conscientes de uma circularidade sintam-se parte e com porte para ser presença participativa na sociedade.

O processo alfabetizador, em específico, demonstrava eficiência em pouco tempo. Em cerca de 45 dias conseguia-se atingir o objetivo junto aos adultos. Sendo assim, o processo com as massas seria rápido e não tardaria a espalhar-se pelo país. Não agradando as oligarquias, mas aos populistas, que atingiam com maior intensidade as massas.

Nesse cruzamento de interesses, o movimento entra na discussão dos grupos que disputavam o poder político. Com o início da Ditadura Militar de 1964, o movimento começa a ser perseguido, desencadeando na prisão e exílio de Paulo Freire. Entre a perseguição, prisão e exílio, ele escreve o Livro “Educação como Prática de Liberdade”, em que traz luzes a partir da prática, para a realidade de seu tempo.

Trabalhando com o termo integração, Freire o destaca como algo que torna o Humano humano (1967, p. 41). A integração “resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade”. Pode-se destacar que isso é algo propriamente das pessoas, inerente a todos.

Nesse meio que forma as pessoas, acredita-se que se receberem elementos de criticidade, ou que desenvolvam sua capacidade crítica, podem passar a repensar sua relação com o mundo, as coisas e as pessoas. Trazendo mudanças a circularidade.

Compreendendo o ser humano como um ser relacional, poderia se dizer que isso representa um chamado - uma vocação - algo que está encucado em cada um, a Igreja Católica em seu Catecismo escreve:

¹⁷ Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censohistorico/1940_1996.shtm
Acesso em 28 ago 2017.

Porque é “à imagem de Deus”, o indivíduo humano possui a dignidade de *pessoa*: ele não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas. (Catecismo da Igreja Católica, n 357)

Portanto, pela concepção Católica, o ser humano, livremente, para além de relacionar-se, entra em comunhão com os outros. Segundo o Dicionário Teológico (2011) comunhão carrega o sentido de “compartilhar em”, ou “participar de”, ou de “conceder a participação ou o compartilhamento em”. É uma definição que para além de tudo traz também um elemento da mística, haja visto que usa de um termo que trata de elementos centrais da fé para as relações humanas.

O magistério da Igreja, através do número 66 de *Laudato Si*, do Papa Francisco, ao escrever sobre as narrativas da criação no Livro do Gênesis explana que a existência humana tem como base três relações: a relação com Deus, com o próximo e com a terra. Ou seja, vê-se o ser humano como um ser relacional, para o qual elas lhe são vitais. As relações são vitais.

Em um mundo que convida ao individualismo e não à ida em comunhão, pode-se cometer rupturas. Ficando estagnados, sem preocupar-se com o outro e nem com ser mudança para si ou para o que o rodeia, nega-se a vocação humana primeira, relacionar-se, com isso tornando as pessoas insensíveis aos outros, ao mundo e a Deus. Isso pode ocorrer pela dominação do poder político e econômico, os quais podem entender outras coisas como prioridade. Sobre tal assunto freire (1967) fala sobre massificação:

As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhas entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida. E, quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito. (FREIRE, 1967, p. 43)

Essa afirmação vem após classificar como uma das tragédias do homem moderno a sua dominação por outros. Segundo Freire (1967) esse processo dominador ocorre através de mitos e publicidade organizada, excluindo o homem de

sua capacidade de decidir, o homem perde sua relação e integração com o todo, uma vez que não participa dele, não está com o mundo, mas sim é controlado por algo ou alguém alheio a si mesmo; caminha, trabalha, explora e é explorado. Contrariando o que, na visão cristã católica está na gênese humana, as relações cuidadoras do homem com o próximo, a criação e o divino (*Laudato Si*, n. 66).

Deve-se considerar, porém, que não é o letramento que torna o homem integrado (FREIRE, 1967, p. 104). Pode-se ter grande conhecimento das ciências, mas não estar em harmonia com a criação. Ser integrado é uma característica puramente humana, é algo que para Freire é constitutivo do ser, mas que pode ser perdido, massificado. Ou seja, a integração independe do letramento, mas o processo integrador pode ligar-se ao letramento. A forma como o ser humano é educado e como o mundo lhe é apresentado determinará sua relação com o todo, e a forma como ele fará parte do todo.

Interessante observar que no método dos educadores do Movimento de Educação Popular, o primeiro passo é a aproximação dos educadores com os educandos (FREIRE, 1967, p. 111). Propor-se a conhecer a realidade deles, os reconhecendo como agentes de sua própria alfabetização. Antes de educar, pede-se uma aproximação, para que assim a educação venha da realidade dos educandos. Na Educação Marista a proximidade é uma das características do estilo Marista de educar¹⁸. Aos Maristas é pedido presença:

Educamos, sobretudo, sendo presença junto às crianças e aos jovens, demonstrando-lhes que nos preocupamos com eles e estamos atentos às suas necessidades. Dedicando-lhes o nosso tempo, além das relações meramente profissionais, buscando conhecer cada um pessoalmente. Individualmente, e como no grupo de educadores, estabelecemos com eles um relacionamento baseado no amor, que crie um clima favorável à aprendizagem, à educação dos valores e ao seu desenvolvimento pessoal. (Missão Educativa Marista, nº 99)

Reconhecendo a natureza relacional do ser humano, faz-se necessário também como educador, aproximar-se das crianças e dos jovens. Estar perto,

¹⁸ Missão Educativa Marista, nº 99 a 102.

acompanhar, encontrar-se com eles. E não de qualquer forma, mas por amor, e sendo presença educativa, que, como a um irmão, ajude o jovem a fazer caminho.

Diante da realidade de submissão, massificação, a educação pode ser pensada como um caminho para a humanização, ou seja, para tornar o homem menos massificado e mais integrado e crítico diante do mundo que o rodeia. Segundo Freire (1967):

Uma educação, que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta imporda no sentido de sua humanização. (FREIRE, 1967, p. 57)

Portanto, há como abandonar as amarras sociais que prendem grupos humanos à estagnação. E a educação pode ser encarada como um caminho para libertar as pessoas, processo que demanda tempo, tempo para a conscientização, ou seja, para revelar à consciência das pessoas as amarras excludentes que as prendem. E ajudar em um caminho que converta o olhar da humanidade aos que sofrem: aos pobres, aos excluídos e a criação. Tendo em vista que, conscientes da realidade, e formados em valores que priorizem a vida, os educandos possam ser sujeitos imersos e integrados consigo, com o próximo, com Deus e com a terra, sendo sinal de esperança e transformação. Este é um caminho possível a partir do contato, da proximidade com as crianças e com os jovens.

Mais do que isso, no número 208 de *Laudato Si*, Francisco adverte que só rompendo com os individualismos e transcendendo a si que se poderá dar valor às outras criaturas. Portanto, se tiverem a capacidade de auto transcender, superando o individualismo, e somente assim, as pessoas conseguirão desenvolver um estilo de vida alternativo e tornar possível uma mudança relevante na sociedade.

2.3 UM BERÇO EM ROSEY

Marcelino nasce em um vilarejo chamado Rosey, pertencente ao município de Marlhés, uma comuna rural da França que estava a 23 km da industrial Saint-Étienne. Rosey era um vilarejo que reunia dez lares e uma população de 65 pessoas.

Sua chegada à família de João Batista Champagnat e Maria Chirat (seus pais) dá-se dois meses antes (20 de maio de 1789) do marco da Queda da Bastilha na Revolução Francesa (14 de julho de 1789). Neste conhecido evento que se tornou um marco na História, os revolucionários libertaram da Bastilha – onde ficavam os presos políticos dos governos dos Reis Franceses - seus aprisionados. Segundo Lanfrey (2015), a notícia leva com ela o medo ao povo francês: “os bandidos viriam para massacrar as populações; soa-se o sinal de alerta, reúnem-se voluntários para defesa, muitos se escondem”.

Segundo dados de 1790, quando Marcelino nasceu moravam com ele mais 12 pessoas: seu pai e mãe; a tia; os seis irmãos; uma viúva que fora acolhida pela família; e dois empregados. Seu irmão mais velho tinha 13 anos, logo não estava ainda em condições de trabalhar como um adulto. Sendo assim, com uma maioria de crianças na casa, compreende-se aí uma realidade exigente. É preciso trabalhar muito para manter a todos.

Tudo leva a crer que desejava continuar a profissão dos pais, lavradores e proprietários de um moinho. O pai, muito jeitoso e criativo, metia as mãos em tudo, gerenciava todos os bens e provia as necessidades da família. Ensinou a Marcelino como trabalhar em marcenaria, carpintaria, alvenaria e em todos os demais trabalhos necessários à boa administração de uma propriedade. (FURET, 1999, p. 06)

Pode-se dizer, a partir disso, que provavelmente assim como seus Irmãos, Marcelino desde cedo é introduzido no cuidado com a casa e com os trabalhos do campo. É necessário ajudar nos cuidados da propriedade, a família é grande¹⁹. Desenvolve-se em Champagnat o zelo pelo trabalho. Aos quatorze anos ele recebe dos pais 3 cordeiros para criar, Marcelino faz-se pastor²⁰.

Em um contexto e ambiente com temores devido as grandes mudanças da Revolução, em um berço familiar típico de seu tempo²¹, ele vai dando seus primeiros passos e aprende relacionando-se com aquele mundo. Como escreve o Ir. Furet, Maria Chirat via uma luz que parecia sair do peito de Marcelino. Havia uma luz naquele recém-nascido, há esperança.

¹⁹ Lanfrey, 2015, p. 91.

²⁰ Furet, p.7, 1856.

²¹ Lanfrey, p. 87, 2015.

No núcleo familiar vive com eles uma tia, que após a Revolução com fechamento de seu convento fora viver com eles. Ela e sua Mãe são as principais instrutoras em seu caminho de fé nesse início de vida. Sua mãe, muito rígida com o comportamento de seus filhos, foi para Marcelino uma presença firme em sua criação. João Batista Champagnat, o pai, era um homem com certa instrução, cuidava com a família do moinho e da propriedade que possuíam.

Os talentos e a instrução do pai permitem-lhe, desde o começo da Revolução, ter um papel político: em 1791, ele é nomeado secretário administrativo da comuna, depois eleito coronel da Guarda Nacional do cantão de Marlihes. Em 1793, ele é encarregado de confiscar os bens dos “rebeldes” de Lyon e atuar como testemunha da “queima” de títulos feudais. Ele também parece ter sido pregador da Deusa Razão na Igreja de Marlihes, transformada em templo republicano em 1794, mas, por ser julgado muito moderado pelas autoridades terroristas, elas agregam o seu primo Ducros, um forte robespierriano. (LANFREY 2015, p. 97)

O senhor João Batista envolve-se com os processos revolucionários em Marlihes²², assume cargos públicos durante a República, apesar de, talvez, fazendo isso contrariando sua esposa. Contudo ele é visto como moderado; e esse ambiente em que pensamentos que para muitos eram opostos, conviviam, cresce Champagnat.

Outrossim, parece que a mulher e o irmão de João Batista Champagnat não partilham das convicções paternas, o que faz com que Marcelino Champagnat pareça ter herdado deles uma piedade profunda e de seu pai uma certa ambição, o gosto pela ação, pelo trabalho manual e pelos negócios. (LANFREY, 2015, p. 97)

A atitude moderada do pai pode ser facilmente percebida, por ele ter acolhido em sua família a sua parente que era religiosa, mesmo que outros revolucionários possam ter discordado dele. Ele não exclui Marcelino da formação religiosa de sua mãe e tia²³, e nem o contraria quando ele decide ir para o seminário. Marcelino, na maior parte do tempo que passou com sua família, vê seu pai com uma vida pública, envolvido nos processos políticos de sua região e com os ideais revolucionários.

²² Missão Educativa Marista, nº 3.

²³ Missão Educativa Marista, nº 4.

Percebe também a moderação das posições de seu pai. Portanto, convive com os ideais revolucionários e ao mesmo tempo é instruído na fé e sente a importância da religião e de conhecer a Deus.

2.3.1 “Deus o quer!”

O documento Missão Educativa Marista, em seus nº 91 e 92, coloca a Missão de Evangelização como uma ação do Espírito, e vê em Champagnat um homem habitado pelo Espírito e inspirado por Ele a encontrar “novas formas de ser presença como Igreja”. Marcelino busca encontrar essa nova forma e dá respostas em sua Missão como Sacerdote e na Fundação do Instituto Marista.

Como já está escrito no título anterior, Marcelino em sua infância é formado por sua família em um ambiente que o propicia a estar: atento a realidade; no seguimento de Jesus; e disponível para os trabalhos do campo. Deste espaço formativo familiar, Marcelino começa a frequentar a escola. Ele vai à escola depois de sua Primeira Comunhão recebida aos onze anos²⁴, poderia aí ter encerrado um primeiro processo de educação, que tinha como centralidade a catequese e a partir dela sua tia e mãe podem ter lhe dado algumas noções de leitura e escrita. Mas já estando grande o suficiente para ir até a escola em Marllhes, ele tem possibilidade de dar outro passo em sua instrução.

Já estudando em Marllhes, ele vive uma experiência que marca profundamente seu pensamento de educador. Marcelino vê um de seus colegas ser agredido pelo professor. O Irmão João Batista Furet, seu biógrafo, escreve que depois desta ocorrência ele não teria voltado à escola. Porém há outras interpretações. Sobre isso escreve o Irmão Lanfrey:

Com certeza esse fato é verídico, mas é pouco provável que o jovem Champagnat, que acabara de entrar na escola, tenha abandonado a sala tão rápido. Sua frequência escolar teve, ao contrário, que se prolongar ainda por anos (do Dia de Todos os Santos à Páscoa), até que ele estivesse na idade de ler e escrever o suficiente e de ajudar eficazmente um pai que era hábil

²⁴ FURET, 1856, p. 04.

trabalhador manual, mas que também admira muito a instrução. (Lanfrey, p. 99, 2015)

Discussões à parte é importante ter em consideração o quanto esse comportamento agressivo por parte do professor marca Champagnat. Como o seu biógrafo – o Irmão João Batista - escreve que ele por muitas vezes instruía os irmãos a partir do que acontecera com ele, para que eles compreendessem como a “brutalidade e as correções intempestivas podem afastar as crianças da escola” (Furet, 1999, p. 05).

Antes disso, quando se preparava para a primeira comunhão, ele vê o sacerdote catequista ao irritar-se com um dos garotos, insistente nas travessuras, dirigir-se ao colega aplicando-lhe um apelido deveras humilhante. Nesta situação, segundo Furet, Champagnat acompanha a situação por um tempo, percebe como esse fato contribuiu negativamente na formação do garoto travesso. Ao instruir os irmãos, teria classificado essa situação como um exemplo de “educação falha” (Furet, 1999, p. 06).

Estes dois fatos são dois retratos da realidade em que cresce Marcelino, e que o influenciam na fundação de um Instituto de Irmãos Educadores.

Durante a Revolução Francesa e com a mudança nas relações entre o Estado e a Igreja, para seguir viva, a Igreja precisou mudar. Seminários foram fechados, religiosas e sacerdotes expulsos ou destituídos de suas funções. Caso como o ocorrido na diocese de Lyon, que segundo o Irmão Lanfrey: “a diocese de Lyon, sob a direção do Vigário-Geral Linsolas, inventa um funcionamento eclesiástico muito original e muito eficaz” (Lanfrey, 2015, p. 187).

Foi somente com a Concordata, em 1801, assinada entre o Papa e Napoleão, que dentre outras coisas, reestabelece o culto Católico na França, que a Igreja começa a reorganizar os seminários. É um exemplo disso a Diocese de Lyon:

O destino de Marcelino é modificado pelas consequências da Concordata de 1801: nomeado arcebispo de Lyon, o Cardeal Fesch, tio de Napoleão, quer criar seminários. Zelosos padres, aliás, não perdem tempo: nas zonas retiradas de Rhône e Loire, como em Verrières, Roche e Saint-Jodard, eles criam pequenos seminários onde a vida é relativamente miserável, mas esses estabelecimentos, não muito caros para os estudantes, respondem às necessidades de instrução de muitas famílias (Zind, 1996, p. 157)⁸⁶. Devido

à dificuldade de encontrar seminaristas, os professores percorrem os campos durante as férias. Perto da Páscoa de 1804, um professor do seminário de Verrières, provavelmente o senhor Linossier, visita com esse objetivo a família Champagnat, e Marcelino decide não se fazer padre, mas estudar latim (p. 138). (LANFREY, 2015, p. 100)

Conforme o Segundo Capítulo da Biografia de Champagnat, escrita pelo Ir. Furet, percebemos que o convite feito pelo visitador a Marcelino é para que ele vá ao seminário e estude latim e seja padre; mas talvez isso ainda não fosse muito claro para o menino Marcelino de apenas 14 anos. A oportunidade de estudar no seminário era uma honra, não necessariamente queria dizer que aqueles que lá estivessem seriam padres, mas era uma oportunidade de estudo e de crescimento. Segundo a tradição o filho homem mais velho herdaria as terras da família, Marcelino era o terceiro, deveria encontrar, portanto, outro caminho. E ele vai ao seminário.

Antes de entrar no seminário ele vive situações difíceis e mudanças para a família: a morte de dois irmãos (João Batista e José Bento); o casamento de sua irmã Anne-Marie; e o falecimento de seu pai. Mesmo com tudo isso, e incentivado pela mãe, ele retoma seus estudos para melhor chegar ao Seminário Menor de Verrières, que ingressa em 1805:

Quando recomeça seus estudos em 1804, Marcelino já quer tornar-se padre? Ele é provavelmente também guiado pelo desejo de se instruir e de se tornar capaz de instruir os outros, porque, como seu pai, parece alimentar um desejo de ascensão social e aprender o latim é abrir para si as portas de inúmeras carreiras. A estratégia dos professores de Verrières não é, aliás, a de formar jovens para o sacerdócio apenas, mas de reconstituir as elites cristã... (LANFREY, 2015, p. 102)

Desafiando-se ele sai do povoado de Rosey, e o menino que até então pensava em ser camponês²⁵ decide estudar Latim. Talvez já quisesse ser padre. Nos seminários ele vive parte importante de sua vida, são mais de 10 anos vividos neles, boa parte de sua juventude. Certamente em Verrières e Lyon, com toda sua História,

²⁵ Lanfrey, 2015, p. 101.

ele desenvolve-se e torna-se o Padre Champagnat, sacerdote e fundador dos Pequenos Irmãos de Maria.

2.3.2 Para a maior glória de Deus e de Maria

Depois do período posterior a Revolução, o retorno do culto católico na França e o governo de Napoléon Bonaparte, a França volta ao governo dos reis.

É, então, uma sociedade missionária, ultramontanista e realista com a qual sonham os maristas, na continuidade de uma Igreja refratária à Revolução e resistente ao Império. A restauração dos poderes pontifical e real é, para eles, o sinal de que se abrem os novos tempos, mas Luís XVIII corresponde mal à imagem do grande monarca restaurador da Igreja que eles esperam. (LANFREY, 2015, p. 111)

Nesse contexto de esperança em uma restauração da Igreja, um grupo de seminaristas do Seminário Santo Irineu, em Lyon; começa a se reunir por sua devoção a Virgem Maria, dentre eles, Marcelino Champagnat. E juntos, estes esperançosos rapazes decidem consagrar-se e comprometer-se com a fundação de uma Sociedade da Bem-Aventurada Virgem Maria.

No texto assinado por eles diante de Nossa Senhora de Fourvière em Lyon, traz expressões significativas do que eles esperavam da Sociedade. O desejo expresso de trabalhar para a maior glória de Deus e de Maria, e concluindo prometem doar-se por inteiro para a salvação das almas. Nessas expressões pode-se perceber o Espírito que animava àqueles jovens. Diante da realidade da França, da pobreza, da falta de instrução na fé, da Revolução, das Guerras de Napoleão, estes jovens querem consagrar-se a Deus, em uma Sociedade Mariana, para as pessoas.

No caminho feito pelo Instituto dos Irmãos Maristas pelos 200 anos de sua fundação, ao falar sobre a fundação da Sociedade de Maria, assim escreve o Irmão Emili Turú (2016):

Não é a promessa de Fourvière um projeto de misericórdia e de ternura? Num contexto em que a Igreja concebia a si mesma como uma cidade fortificada e aos crentes como um exército que tinha de enfrentar a última batalha contra o mal, esse grupo de jovens se inspirou em São Francisco Régis, conhecido

como o pai dos pobres; ou em São Francisco de Sales, o santo da amabilidade. Sonhavam com um novo jeito de ser Igreja; uma Igreja de rosto mariano. (Carta do Irmão Superior Geral, Ir. Emili Turú. Fourvière: a revolução da ternura, 2016, p. 02)

Inspirados em Maria, eles querem partir em missão. Como diz o Irmão Lanfrey, na promessa pode-se perceber referências a imagem de Maria como a Mística Cidade de Deus, como fundamento da Igreja Primitiva. “Para eles, sua sociedade é o protótipo da Igreja regenerada do final dos tempos, cópia fiel da Igreja primitiva estabelecida sob os auspícios de Maria” (Lanfrey, 2015, p. 111). Portanto pode-se perceber neles um desejo de restauração da Igreja aproximando as pessoas da Fé em Jesus, aproximar suas almas dele, as salvando; e tudo isso por meio de Maria.

2.4 “O QUE É QUE O SENHOR FARIA DE MIM? UM BOM IRMÃO, UM BOM RELIGIOSO.”

Depois de ordenado sacerdote, Champagnat é nomeado para La Valla como coadjutor. Lá ele percebe o clamor pela fundação dos Pequenos Irmãos de Maria ainda com mais intensidade.

La Valla era uma pequena cidade da diocese de Lyon, marcada por tudo o que a França vivia. E foi lá que ao sair de casa para visitar os doentes, fora chamado para receber a confissão de um jovem enfermo. Com este jovem ele viveu uma forte experiência que o marcou tanto que, como escreve o Irmão Furet, desfaz as dúvidas de Marcelino com relação a fundação do Instituto.

Marcelino Champagnat foi chamado a cabeceira do jovem Jean Baptiste Montagne, que, na idade de 17 anos, morria sem jamais ter ouvido falar de Deus. Nos olhos daquele rapaz, vislumbrou o clamor de milhares de crianças e jovens que, como ele, eram vítimas de trágica miséria humana e espiritual. Esse acontecimento moveu-o a ação. (Missão Educativa Marista, nº 9)

Ele após ter recebido a notícia do falecimento do rapaz, volta para La Valla intrigado: “quantos outros meninos se encontram, todos os dias, na mesma situação, correndo o mesmo risco, por não haver ninguém que os instrua nas verdades da fé”

(FURET, 1999, p. 57). Pensamento esse que revela que esta situação não era isolada, mas poderia ser de muitos outros jovens. E ele encontrara a resposta, era necessário alguém que estivessem com esses jovens, que os ajudassem a superar suas mazelas.

Foi depois de ter se relacionado com a realidade de La Valla e, em especial do encontro com Montagne²⁶, que ele se decide pela fundação de uma Sociedade de Irmãos destinada a prevenir que as crianças e os jovens passassem pelo que passou o jovem moribundo.

Convicto de seu projeto, ele vai conversar com João Maria Granjon, um homem de Lavala que por seu bom comportamento, chamou atenção do Pe Champagnat que então lhe entregou alguns livros e propôs dar aulas a ele. Ao apresentar suas ideias a ele e convidá-lo para fazer parte, a dedicar-se a educação de crianças, ele recebe um sim disponível e entregue de Granjon.

Assim, na pobreza e na confiança em Deus e em Maria²⁷, no dia 2 de Janeiro de 1817, em Lavala, Champagnat funda a primeira comunidade dos Irmãozinhos de Maria, com o objetivo de se preparar para serem Irmãos e estarem junto às crianças e aos jovens, para que não mais acontecesse de um jovem morrer sem conhecer e amar a Deus.

2.4.1 Tornar Jesus Cristo conhecido e amado

Antes da preocupação com a formação das ciências profanas a preocupação de Champagnat, no início de sua obra, era essencialmente com a educação crista, com a catequese. Como escreve o Irmão Lanfrey(2015): “Parece, então, que Champagnat não tinha, nos primeiros anos, concebido a obra dos irmãos primeiramente como escolar, mas, essencialmente, caritativa e catequética.”

Isso se deve aos gritos de sua realidade, fato que pode ser percebido no encontro com Montagne, Champagnat vê a realidade de um jovem que desconhecia os mistérios de Deus. Alí, intensifica-se a necessidade que de tão forte não tardou nem um ano a ter início. Ele queria dispor de bons irmãos que fossem às margens da vila - assim como estava o jovem moribundo - onde os padres tinham pouca influência

²⁶ Nome atribuído ao jovem enfermo citado no parágrafo anterior

²⁷ Missão Educativa Marista, nº 10.

Outro elemento importante é o surgimento do método mútuo, que enfrentava resistências da Igreja na França.

O nascimento dos Irmãos Maristas desenvolve-se em uma atmosfera de combate marcada pela politização dos métodos pedagógicos. Contra os liberais, que preconizam o método mútuo, e contra os professores do primário tradicionais, enraizados em uma doutrina do método individual, os Irmãos Maristas militam por um método simultâneo. Eles consideram sua vocação um combate de duas frentes: contra o mercenarismo dos professores leigos e contra a impiedade daqueles que gostariam de marginalizar o catecismo pelo proveito das matérias profanas. (LANFREY, 2015, p. 270)

Ora, nas grandes cidades os Irmãos das Escolas Cristãs já faziam frente aos liberais com seu ensino mútuo, mas e no campo, quem faria? Daí uma máxima já citada anteriormente: “Precisamos de Irmãos”. E para além deste campo há de se considerar a frente diante dos professores leigos na maioria das vezes despreparados e acumulando funções na vila.

Portanto a Sociedade dos Irmãos de Champagnat nasce antes com o objetivo de catequizar as massas nos campos, com tempo, talvez tenha se percebido que as ciências ditas profanas tenham importância nesse caminho. Como nos garante o Irmão Furet (2009), em o Tratado sobre a Educação:

Os irmãos, para atingirem mais facilmente e mais perfeitamente seu objetivo, devem dar a seus alunos, com a instrução religiosa, [417] a instrução profana. Ou seja, eles devem formar não somente bons cristãos, mas ainda bons cidadãos, fazendo com que as crianças adquiram todos os conhecimentos que podem ser necessários mais tarde. Mas eles devem lembrar que as ciências humanas não são o objetivo da sua vocação; que elas são apenas um meio para alcançá-la. (FURET apud LANFREY, 2015, p. 282)

Ou seja, para atingirem os seus objetivos os irmãos devem educar tendo como centralidade a fé, mas sem esquecer das demais dimensões da educação. Portanto já pode-se perceber para além de uma resposta a realidade, que pedia essa educação, mas uma educação que quer educar o ser humano para a vida. Como um bom cristão e um virtuoso cidadão ele é preparado para o seu futuro, para estar em sociedade; pois o ensino do conhecimento do mundo, passa pela fé.

2.4.2 Como Maristas, um rosto de Maria

Como sempre evocava Champagnat, Maria é aquela que tudo fez, a Nossa Boa Mãe, Recurso Habitual e a Primeira Superiora. Mais do que isso, ela o inspira em seu jeito de pensar a educação. Ele dá a seus irmãos seu nome, com o desejo de que sejam os Irmãozinhos de Maria.

Em 2012, o Irmão Emili Turú, então Superior Geral, envia sua Carta Circular “Deu-nos o nome de Maria”, sobre o chamado aos Maristas de Champagnat para construir uma Igreja de Rosto Mariano. A expressão cunhada pelo teólogo Jesuíta Hans Urs von Balthasa e citada pelos Papas, torna-se um chamado em especial aos Maristas.

Como disse antes, Champagnat quis que nossa simples existência na Igreja fosse já uma contribuição profética, sendo Irmãozinhos de Maria, quer dizer, religiosos que não participam da estrutura hierárquica da Igreja, mas que aspiram a viver o Evangelho do jeito de Maria. Ambas as palavras são importantes: Irmãozinhos e Maria, e ambas recolhem o que somos chamados a ser... (TURU, 2012, p. 37)

Era um dos apelos que o Pe. Courveille sentia na fundação da Sociedade de Maria: a renovação da Igreja, assim como os Jesuítas já foram chamados em tempos idos. Champagnat como um homem prático, queria que as coisas se concretizassem, e vê como um caminho a fundação dos Irmãos.

Hoje, chamados e chamadas a ser o rosto Mariano da Igreja, tem-se como inspiração na citada carta três ícones de Maria:

1. Visitação de Maria a Isabel - a Igreja do avental - humildade, serviço, ser prático;
2. Maria em Pentecostes – a fonte da aldeia – comunidade;
3. Anunciação do anjo a Maria – a beleza salvará o mundo – silêncio, admiração, gratuidade e disponibilidade.

Os Maristas, portanto, ao serem convidados a ser os Irmãozinhos de Maria, devem inspirar-se nela para ser presença, em especial, entre as crianças e jovens. Em Maria está a inspiração educativa para os Irmãos de Champagnat. Os Maristas são chamados a contemplá-la, e recomendar a ela sua missão e sua vida religiosa, sendo seu Irmãozinho.

2.4.3 Diante da Realidade

Pode-se dizer que a Educação Marista, desde o seu início desencadeou em impactos significativos na vida das pessoas e das realidades em que estava.

Inspirando-se nos Irmãos das Escolas Cristãs, os Irmãos de Champagnat colocavam-se diante deles como os Irmãozinhos²⁸. Eles com isso querem, portanto, estar nesta tradição educativa, mas com humildade. Colocar-se nesse caminho Educativo significa estar preocupado com a catequese e com a educação de todas as crianças e jovens. Assim como os Irmãos das Escolas Cristãs faziam nas grandes cidades; mas Champagnat vinha e estava no campo.

Nascido no cantão de Saint Genest Malifeux, Departamento do Loire, só consegui aprender a ler com inúmeras dificuldades, por falta de professores competentes. Senti desde então a urgente necessidade de uma instituição que pudesse, com muito menor custo, realizar na região rural o que os irmãos das Escolas Cristãs realizam nas cidades. (Cartas, 1985 – 1997, p. 91)

Nessa carta dirigida ao Rei dos Franceses, o Padre Champagnat parece, já em 1834, ter cantado o famoso hino da Pastoral da Juventude Rural no Brasil: “Não é preciso ser filho de doutor, jovem da roça também tem seu valor”. Para além das disputas de método de ensino, e tantos outros motivos que podem ter passado pelos planos do fundador, este elemento é fundamental, pois liga a suas origens, também no campo, à situação do povo no tempo da fundação e à missão dos Irmãos das Escolas Cristãs.

Dizer que ele queria levar, através dos Irmãos, o ensino aos jovens do campo assim como outros já levavam aos da cidade, é dizer: que estes também são dignos de tal; que haviam os que necessitavam de irmãos, que, sendo presença junto a eles, lhes revelassem Deus, pelo seu testemunho, na vida de cada educando; e que no campo eles também poderiam aprender a ler, como ele situa dando exemplo de sua vida.

Os irmãos deveriam ensinar as ciências, mas a luz da fé, porque a centralidade é levar Jesus aos alunos, e com Ele chamá-los ao seguimento do Mestre. O que implica em mudanças de vida e de realidade.

²⁸ Lanfrey, 2015, p. 278.

Meu Irmão, temos uma centena²⁹ de crianças em nossa escola; elas representam cem pessoas cuja inocência nos foi confiada e cuja salvação depende muito de nós. Elas serão pela vida afora o que hoje fizemos delas, pela educação. Seu comportamento futuro está em nossas mãos. Se lhes inculcarmos bons princípios e as formarmos à virtude, viverão como bons cristãos e sua vida será uma sequência de atos virtuosos. Se, ao invés, negligenciarmos a instrução religiosa, contentando-nos com lhes ensinar as ciências profanas, tornar-se-ão maus cristãos, na maioria, isto é, homens cheios de vícios e vazios de virtudes... Os pais nos mandam seus filhos para que lhes ensinemos a ler e escrever; mas Deus quer que nós lhes revelemos Jesus Cristo, lhes mostremos o caminho do céu e os formemos à piedade e à virtude. (Furet, 1999, p. 79)

Como escreve José Antônio Pagola (2014): “Os que não interessam a ninguém são os que mais interessam a Deus. Os que sobram nos impérios que os homens constroem têm um lugar privilegiado em seu coração. Os que não tem uma religião que os defenda têm, a Deus como pai”. Aqueles jovens dos campos que cresciam diante de tantos conflitos políticos e religiosos, estavam entre os prediletos, e Champagnat quer fazer deles bons cristãos e virtuosos cidadãos. Ele parece entender que aqueles excluídos (pobres, órfãos, iletrados...) eram amados por Deus e mereciam saber Dele e conhecer o Senhor, por isso o catecismo. E para ajudar no processo de catequese e, para na vida, desempenhar uma profissão (como um seguidor de Jesus) se ensinavam as chamadas disciplinas profanas.

Com isso pode-se notar na inspiração do Fundador uma preocupação com os jovens dos campos que cresciam sem conhecer a Deus, por não haver quem lhe desse o catecismo; que como ele poderiam crescer com dificuldades nos estudos, por não haver bons mestres. Mas essa realidade pode ser mudada, um Instituto sob a proteção de Maria é fundado, há esperança em Marcelino. Ele crê que aquelas crianças superarão, com Jesus, suas mazelas; e convida seus Irmãos a revelar Jesus a elas.

²⁹ De fato, é o total fornecido pela primeira estatística de 1824 (BI n. 162, p. 61)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do presente escrito ajuda a compreender que o processo educativo pode ser um processo libertador. Marcelino em seu contexto, diante de suas próprias experiências na infância e na juventude, e do que encontra pelo caminho em seu ministério sacerdotal, dá respostas práticas. Edifica uma comunidade de Irmãos para a catequese e educação das crianças e jovens.

Neste desejo fundacional pode-se perceber a preocupação dele com a salvação das crianças e dos jovens. Que para Marcelino era dar a elas de conhecer e amar a Jesus, formando-as em virtudes e valores cristãos, que levariam estes a serem pessoas melhores nos vilarejos. Para, além disso, ele propunha dar instrução aos não instruídos, o que desencadeia em uma mudança social significativa nos campos.

Marcelino acreditava nos jovens, em todos, até naqueles que mesmo não sendo tão bons um dia se tornariam. Ele acolhe os órfãos, os sem dinheiro e os com dinheiro. A centralidade é formar aos jovens como bons cristãos, do jeito de Maria, para um novo mundo restaurado.

Marcelino faz nascer em La Valla uma experiência educativa de irmãos, objetivando o cuidado das crianças e dos jovens, a fim de que elas não mais morressem como Montagne, sem conhecer a Deus e a seu amor.

REFERÊNCIAS

CHAMPAGNAT, Marcelino J. B. **Cartas**. Carta ao Rei Louis-Philippe, nº 34, p 91 a 93. Organizador Paul Sester. Tradução Sulpício José e Irineu Martim. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1997. 703 p.

FERGUSON, Sinclair B.; WRIGHT David F. **Novo Dicionário de Teologia**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2011. 1223 p.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. 1. Ed. São Paulo: Paulinas, 2015.197p.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 149 p.

FURET, Jean-Baptiste. **Vida de São Marcelino Champagnat**. Tradução de Ângelo José Camatta. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1999. 530 p.

INSTITUTO MARISTA. **Missão Educativa Marista: um projeto para o nosso tempo**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000. 167 p.

PAGOLA, José A. **Jesus e o Dinheiro: Uma leitura profética da crise**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 106 p.

TURÚ, Emili. **Deu-nos o Nome de Maria**. Roma: C.S.C. Gráfica, 2012. 82 p. Disponível em: <http://champagnat.org/510.php?a=5>.

_____, Emili. **Forvière: a revolução da ternura**. Roma, 2016. 23 p. Disponível em: <http://www.champagnat.org/400.php?a=6&n=3992>.

MARIOTTI, Humberto. Os operadores cognitivos do pensamento complexo. Disponível em: http://pavoniking.hospedagemdesites.ws/imagens/trabalhosfoto/402007_operadores.pdf.

_____, Humberto. **Pensamento complexo: suas aplicações à liderança, à aprendizagem e ao desenvolvimento sustentável.** São Paulo: Atlas, 2007.

LANFREY, André. **Marcelino Champagnat e os Primeiros Irmãos Maristas 1789 – 1840:** tradição educativa, espiritualidade missionária e congregação. Tradução de Lileane da Piedade Guerchewski Pissaia. 1. ed. Curitiba: Champagnat, 2015. 449 p.

“PRECISO DE IRMÃOS CATEQUISTAS!” COMO CHAMPAGNAT FARIA ESTA AFIRMAÇÃO HOJE?

Luiz Carlos Lima³⁰

Maicon Donizete Andrade Silva³¹

RESUMO

Champagnat viveu em uma época de Revolução, contexto no qual muitos valores e conceitos foram perdidos, outros extintos e outros ainda reforçados. Do mesmo modo, crenças religiosas, meios de comunicar, jeitos de pensar e até a cultura local também sofreram alterações. A Revolução é demarcada por um período de instabilidade, um tempo de mudanças. Tempos assim pedem às pessoas que neles vivem um novo olhar sobre as coisas, pedem a capacidade de sair de si mesmas e de suas zonas de conforto para o “novo” que se inicia. Para iluminar esta realidade, ele pensou em Irmãos que fossem catequistas-educadores, que falassem de Deus e educassem o povo. Surgiram, na ocasião, os Irmãozinhos de Maria. Aos duzentos anos desta instituição, somos chamados, enquanto seus seguidores, a responder a muitas demandas de nossa época, conduzindo tantas crianças e jovens ao Mistério que é o próprio Deus, com nosso jeito de Evangelizar, que quer ser atual e memorial de Marcelino. Conscientes de nossa missão, demos continuidade a este carisma de São Marcelino Champagnat, sendo bons evangelizadores e anunciadores de Jesus Cristo.

Palavras-chave: Evangelização. Catequese. Realidade.

³⁰ Luiz Carlos Lima, formando Marista da etapa do Postulantado no ano de 2017.

³¹ Orientador e Formador da Etapa do Postulantado.

INTRODUÇÃO

Ao depararmos-nos com os duzentos anos da fundação do Instituto Marista e percebermos quanta história foi se realizando com o decorrer de todo este tempo, é interessante o movimento de voltar às fontes, rever os primeiros suspiros da obra iniciada por Marcelino Champagnat e também de antes mesmo dela ser pensada; ou melhor dizendo, sonhada por ele para nos animar e motivar a continuar realizando hoje seu sonho.

Este artigo é parte de uma pesquisa bibliográfica da história do Instituto e, principalmente, da vida de São Marcelino Champagnat, seu fundador, como fonte de reflexão e explicação das bases da história Marista. É preciso entender os contextos e pretextos da criação da congregação para construir reflexão e aprofundar neste tema para nossos dias.

É histórica uma frase de Pe. Champagnat ao fundar a Sociedade de Maria, segundo FURET³² (1989, p.28): *“Precisamos de Irmãos, precisamos de Irmãos que ensinem o catecismo. Ajudem os missionários e eduquem as crianças”* que traz muitos suspiros de profecia, de sonho, de realidade. Atualizando sua mensagem e carisma, esta frase que não só tem um peso histórico, mas também parte de uma experiência pessoal em relação a este carisma³³, pode propor um novo olhar para a atuação e missão marista desde o seu início em La Valla, entendendo os apelos que surgiam das crianças e jovens e a resposta que Pe. Champagnat deu a eles.

Para entendermos melhor este sonho e perceber como podemos continuar realizando-o em nosso meio, este artigo quer ser um questionamento a todos os maristas de Champagnat, que continuam a missão de Jesus Cristo através da Instituição Marista, sendo irmãos, leigos ou leigas Maristas. Como fazer este sonho se real hoje? Porque Champagnat sonhou isto há duzentos anos e como sonharia hoje?

Olhar para o passado com gratidão é importante; é o movimento como o do rio que olha para a fonte da qual saiu, mas também como o rio, é importante vislumbrar a paisagem em que está e o mar que virá logo à frente. Para isto, em segundo

³² Irmão Jean Baptiste Furet, Irmão Marista e primeiro historiador da Vida do Pe. Champagnat e escritor da primeira biografia dele.

³³ Verificar o Anexo I

momento vamos ler neste artigo uma análise da sociedade de hoje, como é percebida a importância do Sagrado, da formação humana e de fé, primordiais para Champagnat, em uma sociedade que preza pela informação, pela agilidade, pela melhor fluidez, não importando, muitas vezes, com a solidez do processo, mas com as possibilidades evolução que ele propõe.

São Marcelino viveu em tempos de mudanças, como nós também vivemos, e soube dar uma resposta a estas mudanças que lhe cabiam naquele tempo, e hoje? Será que sabemos, ou saberemos responder? Os jovens como João Batista Montagne ainda continuam morrendo.

Tornamos assim o carisma de Champagnat atual, apesar das necessidades missionárias serem outras e aspirarem novos rumos e principalmente novas formas de evangelização. A entrada neste assunto que é histórico e ao mesmo tempo atual pode animar ainda mais a missão, inserindo-nos ao Mistério do próprio Jesus Cristo que acontece através do Marista.

Todas estas questões são relevantes uma vez que estamos em tempo de repensar estruturas, métodos, jeitos de fazer, ao término do XXII Capítulo Geral do Instituto criado por um homem revolucionário, que queria Irmãos Catequistas. Quais urgências Marcelino veria hoje? Como ele diria esta frase hoje? Como também ser revolucionários hoje?

Instigados pelo Irmão Francisco Rivat³⁴, que sempre dizia para que sejamos retratos vivos de Champagnat, alimentemos em nós este desejo, a começar por nossas ações, como esta, de tentar escrever novamente e de um novo jeito uma história que não acabou, mas que está se construindo a cada dia pelos Maristas de Champagnat.

Oxalá esta obra possa ser lida e refletida por muitos profetas e profetisas de nosso tempo, catequistas, que anunciam a alegria do Evangelho, que se dá pelo amor incondicional, vivendo os valores da fé e deixando por onde passar rastros de esperança viva³⁵. Este sonho não acabou, ousemos sonhar...

2 TUDO COMEÇOU COM UM SONHO E COM UMA REALIDADE

³⁴ Irmão Marista, Primeiro Superior Geral do Instituto Marista.

³⁵ I Cor 13,13.

Para sonhar esta obra, que não tivera apenas um apelo pessoal do fundador, mas um apelo de toda uma sociedade de sua época; partindo das experiências como a do jovem João Batista Montagne e de outros lembrados e representados por ele, que Champagnat inicia uma caminhada atrás de seu sonho, de tornar Jesus Cristo conhecido e amado por todos através da Educação e da Evangelização.

Como nos diz a grande escritora Cora Coralina³⁶, “*A verdadeira coragem é ir atrás de seu sonho mesmo quando todos dizem que ele é impossível*”. Foi isso que Champagnat soube encarnar bem em sua vida, ainda que não a tenha conhecido, e ousou sonhar e pensar em uma congregação que privilegiasse as crianças e jovens pobres do interior da França, maioria do meio rural, que não tinham acesso às escolas e muito menos à fé.

O tempo em que Marcelino viveu não foi fácil para a ninguém, afinal era a época da Revolução Francesa e muito do que a Igreja pregava fora questionado, os pobres ficaram mais pobres e deixados ainda mais de lado. A esperança das pessoas foi dilacerada, pois muitos de seus referenciais de fé foram-lhes arrancados com os inúmeros ataques à estrutura da Igreja, aos padres, à tradição que neste momento eram de fato muito impregnada na vida das pessoas, quão dirá na vida dos pobres camponeses do Sul da França.

Entendamos um pouco de sua realidade e de sua história, os primeiros apelos e as causas deste sonho que com o passar dos anos foi se tornando real e somos chamados a continuá-lo.

2.1 NASCIMENTO E INFÂNCIA DE CHAMPAGNAT: PRIMEIRAS INSPIRAÇÕES

Champagnat, como já dissemos, nasceu em meio à época de revolução, tinha como pai um dos que lideravam o movimento na região de Marlies e por outro lado uma mãe piedosa que de uma forma sutil lhe ensinava os valores cristãos, em contraponto ao que o pai fazia. Assim, Marcelino não teve em sua formação inicial uma só forma de pensamento, mas, sim, as duas opiniões bem distintas, que, de uma forma muito providencial, o ajudariam a sonhar mais alto, como nos evidencia FURET (1989, p.2) “*Deus permitiu deste modo que conhecesse, por experiência, as*

³⁶ Cora Coralina (1889-1985) foi uma poetisa e contista brasileira, nascida na cidade de Goiás, no dia 20 de agosto de 1889.

necessidades que deveria aliviar, os costumes e o caráter daqueles para quem, mais tarde, prepararia bons mestres”.

Com ele também morava uma tia, que era religiosa, pertencente às Irmãs de São José, que, por força da Revolução, fora expulsa do convento e retornara à família. Com certeza deve ter auxiliado muito Marcelino para ser um bom cristão e, conseqüentemente, um virtuoso cidadão, dando-lhes aulas de catecismo e lhe falando de Deus.

Conta-nos FURET (1989) alguns fatos que em sua vida foram dando mais possibilidades de sonhar algo novo. Alguns destes como a sua aversão à escola, na infância, devido ao professor que não soube como corrigir ao aluno que errou ao responder uma pergunta dada, que, de fato, revelava que o método utilizado não contribuía para uma boa educação, no caso o método simultâneo. Outro fato que foi evidenciado em sua biografia foi quando, na aula de catecismo, um colega de Marcelino foi alvo de chacotas perante a turma ao ser chamado por apelido pelo próprio catequista, coisa considerada inadmissível para Champagnat até o fim de sua vida.

Também podemos evidenciar em Champagnat era seu zelo pelo que possuía, seu pequeno rebanho de ovelhas, as coisas de casa, seu material, a dedicação nos ofícios que aprendia, como também a sua capacidade de cuidar das finanças. Estas predisposições e tantas outras foram criando nele uma estrutura de pensamento que lhe fazia sonhar alto e mais, dava-lhe capacidade de realizar seus próprios sonhos e lutar pela verdade e justiça.

Com o passar do tempo a Revolução acabou e, com ela, ocorreram muitas mudanças, gerando um tempo de recomeços. Nesse novo contexto, entra em cena a figura dos recrutadores. Foi ele, Pe. Alirot, que convidou Marcelino para estudar latim e depois a se tornar Padre. Ele aceitou o convite, e investiu neste chamado, superando suas dificuldades no estudo e na formação inicial que lhe faltava e fazendo parte da “turma” da Sociedade de Maria³⁷, ele se fortificava, crescia, alimentava da

³⁷ Lanfrey (2015) nos explica que “A Sociedade de Maria que provém de um seminarista, um pouco exaltado e instável: Jean-Claude Courveille. Ele acredita ter recebido (...) a súbita inspiração para fundar uma Sociedade de Maria, destinada a substituir a Companhia de Jesus. (...) No decurso do ano escolar de 1815-1816 ele reuniu em torno a si, no seio de uma pequena sociedade secreta, uma dúzia de companheiros, incluindo Marcelino Champagnat, que visam regenerar a fé, não só na França, mas em todo o mundo, pela ação missionária, por meio de uma “árvore com três ramos”: padres, irmãs, ordem terceira.”

espiritualidade e realidade de sua época, para um dia tomar uma grande decisão de começar uma nova caminhada, apostar neste sonho.

2.2 “PRECISO DE IRMÃOS CATEQUISTAS” COMO POSSIBILIDADE DE REALIZAÇÃO DO SONHO

Um dia antes de sua ordenação sacerdotal, Marcelino junto com outros onze seminaristas fizeram na Igreja de Nossa Senhora de Fourvière, uma promessa de construir a Sociedade de Maria, com normas e costumes próprios, sociedade esta que fora intuída pelo Pe. Courveille, em sua juventude. Sobre esta Sociedade e a dedicação do Pe. Champagnat nela LANFREY (2015) aponta:

Quando ele assumiu o cargo em agosto de 1816, na vila de La Valla, Marcelino Champagnat está, portanto, imbuído de um projeto pessoal (fundar uma sociedade de Irmãos) e incluído em uma ação coletiva: fazer acontecer a Sociedade de Maria. Ele passou sua vida para manter estes dois objetivos, que seus companheiros maristas e seus discípulos presenciavam mais do que compreendem em profundidade. (LANFREY, 2015, p.45)

Ao tornar-se padre e fazer junto aos outros onze a consagração à Maria e pedir-lhe as bênçãos para a Sociedade de Maria, diz-nos FURET (1989, p.28) que ele insistia em uma questão: *“Precisamos de Irmãos, precisamos de Irmãos que ensinem o catecismo. Ajudem os missionários e eduquem as crianças”*. Desta forma, foi incumbida a ele a missão de cuidar dos irmãos, já que ele havia dado a ideia. Não sabiam eles que este estribilho fosse chegar tão longe.

Muito foi pensado, mas para toda grande caminhada é preciso primeiro dar um passo. O Pe. Champagnat ao ser enviado para a paróquia da cidade de La Valla, para ser coadjutor, percebeu que por ali mesmo sua grande missão já poderia ser iniciada, Furet (Ibdem, 1989) indica alguns pontos relevantes para compreender como era este lugar:

O povo de La Valla era bom e gente de fé, porém, muito simples e sem instrução. A ignorância originava-se de várias causas, sendo a principal a própria geografia da região. A maior parte dos habitantes, achando-se disseminados, como que perdidos em lugares de difícil acesso, raramente

frequentava a igreja. O pároco era bom, mas não o estimavam (...). Enfim, não havia mestres para os jovens. (FURET, 1989, p.2)

O próprio lugar em que vivia era o melhor lugar para se iniciar o que sonhava, isto é, formar uma comunidade de irmãos que fossem catequistas e educadores daquela região. O desejo de formar Irmãos perpassava os sonhos de Champagnat, mas que tipo de Irmãos? Para a época a palavra “irmão” era empregada raramente para designar o professor-cantor-sacristão auxiliar do pároco, como Lanfrey³⁸ (2015) nos diz. Outro fator é que na época os Irmãos das Escolas Cristãs, que já existiam e tinham seu modelo de Irmão, mas não era bem o que Champagnat imaginava para sua futura comunidade, uma vez que as realidades das duas casas não conversavam entre si.

Champagnat tinha grande zelo e apreço pela catequese, ainda em sua época de seminário dedicava muito de seu tempo à catequese, inclusive em suas férias e em suas atividades pastorais. Em suas resoluções para suas férias de seminário dizia entre outras: *“Nesses dias, reservarei pela manhã, entre as duas missas, uma hora para ler a Sagrada Escritura; e à tardinha, após os ofícios, se possível, darei catecismo às crianças”* (Ibdem, 1989, p.22). Não se sabe de onde surgiu esta predileção, mas sabe-se que provém de um coração apaixonado por Jesus e por Maria e o desejo de falar do amor de Deus as pessoas.

Ao tornar-se padre e encontrando esta situação, de La Valla, fez ainda mais sentido arriscar-se por seu projeto-sonho de criar a comunidade de Irmãos para a educação daquelas crianças e jovens, tanto na fé quanto nas ciências “mundanas” como era utilizado na época. Como Champagnat já tinha uma predileção pela catequese, começa a investir tempo e energia nesta missão em sua atual função e, de uma forma sutil e profética, atraía todas as pessoas daquela região para suas catequeses.

Através do seu jeito e de sua didática-metodologia, muitas pessoas, dentre elas crianças e adultos, vinham das casas mais distantes ouvir o que ele tinha para falar sobre Deus e sobre a fé (Ibdem, 1989). Isso com certeza animava Champagnat a buscar ainda mais por esse Deus que se revelava também naquele povo.

³⁸ Irmão André Lanfrey, Irmão Marista, historiador e faz parte da comissão do patrimônio destinado à pesquisa sobre as fontes Maristas, pelo Conselho Geral.

Para mover ainda mais nosso fundador para realizar seu sonho, uma experiência marcou-lhe muito e pode-se dizer que foi um marco para toda a Congregação Marista. O encontro com o jovem João Batista Montagne, que segundo FURET (1989) tinha mais ou menos doze anos de idade e estava muito doente.

Na certeza da morte do filho, a mãe chamou o Pe. Marcelino para dar-lhe a Unção dos Enfermos, como era costume uma vez que o acesso a saúde era ainda mais precário. Ao deparar-se com um jovem que nada sabia de Deus, sentiu tamanha tristeza e aflição. Então, decidiu falar-lhe de Deus antes de dar-lhe os sacramentos, já que para Champagnat não lhe era custoso.

Não foi de grande facilidade dizer-lhe estas palavras e mais ainda que ele entendesse, pois estava muito doente, mas mesmo assim insistiu em comunicar-lhe o quanto Deus o amava. Depois de dar-lhe os sacramentos foi para outra casa e, ao retornar, o jovem já se encontrava morto. Havia aí uma mistura de sentimentos, onde a alegria de ter lhe falado de Deus o levaria para junto de Deus, segundo a tradição da época, e por outro lado a morte de um jovem não é fácil de ser entendida ou mesmo de ser acolhida.

A experiência do Padre Champagnat com o jovem Montagne traz aos nossos olhos uma visão geral da sociedade da época: primeiro, ele era um jovem que não tinha em sua vida nenhum ensinamento sobre a fé e a religião; segundo, não lhe era acessível nenhum meio de educação, ou de informação; terceiro não havia possibilidade de curar-se de sua doença, pois faltava-lhe médicos e remédios para isso. Ele era um excluído da sociedade. Realidade desafiante, que para muitos da época era comum, talvez até já fora “naturalizada” para os próprios jovens e famílias. Quantas questões com o passar do tempo foram “naturalizadas”, o que fazer para que isto um dia acabe?

O Irmão João Batista Furet (Ibdem, 1989, p.56-57) fala-nos que ao sair da casa do Montagne, com ele já falecido, Champagnat se questiona: *“Quantos outros meninos se encontram, todos os dias, na mesma situação, correndo o mesmo risco, por não haver ninguém que os instrua nas verdades da fé”*. Surpreendido Champagnat sente ainda mais forte o desejo de criar o Instituto dos Irmãos e já inicia chamando um jovem que já conhecia para formar com ele a primeira comunidade e com ele outros tantos foram chegando e a comunidade dos Irmãos se iniciou.

Seu desejo de criar a comunidade de Irmãos educadores surgiu também por uma preocupação de Champagnat que segundo Ir. Sean Sammon³⁹ (2006) em uma de suas Circulares:

O que o preocupava era, acima de tudo, a situação da educação na França. E por razões fundamentadas. O sistema escolar nacional, após a Revolução Francesa, entrara em crise. As instituições de educação elementar, visíveis em toda a parte do país antes de 1789, quase haviam desaparecido, e a maioria dos professores da época de Marcelino eram descritos, ao menos por um historiador da época, como “ímpios, bêbados e imorais; a escória da humanidade. (SAMMOM, 2006, p.25)

Como a região era pobre e maioria das pessoas não tinham condições de pagar bons estudos a seus filhos, os meios de educação popular foram se consolidando cada vez mais, muitas congregações religiosas foram fundadas para atender esta demanda tão emergente para aquela época; como também muitas instituições de ensino surgiram, com métodos dos mais diversos.

As congregações de Irmãos e de Irmãs que foram surgindo para atender esta demanda deram um renovado vigor a sociedade, sem clericalismos, onde a opção preferencial pelos pobres era vivida na prática, para o bem das pessoas. Outro dado relevante é que as congregações foram surgindo nas periferias da França como diz Lanfrey (2015),

(...) muitos fundadores têm o mesmo objetivo: tocar, logo que possível, o grande número de meninos dos meios populares rurais o mais frequentemente, reformando a velha fórmula do clero secular ou buscando transformá-la mais radicalmente. (LANFREY apud ZIND, 2015, p. 55).

É sobre esta afirmação que está centrada a missão de Jesus Cristo. Foi anunciando-O aos pequenos e marginalizados que os Irmãos de Champagnat souberam viver isto de verdade nesta época, servindo-lhes de bons religiosos educadores-catequistas. Também é com esta afirmação que, indiretamente, o Padre

³⁹ Ir. Seán Dominc Sammon, nascido em Nova York, em 26 de novembro de 1947 e Superior Geral dos Irmãos Maristas nos anos de 2001 a 2009.

Champagnat formou seus Irmãos, instruindo-os para o serviço a Deus e ao próximo, sendo bons catequistas, e bons educadores.

Estes ensinamentos foram se tornando tão presentes na vida do próprio Pe. Champagnat como na vida dos Irmãos que se tornou uma prioridade para eles o ensino do catecismo, como ele dizia: *“Eu não posso ver uma criança sem sentir vontade de lhe ensinar o catecismo e fazer-lhe saber quanto Jesus Cristo a amou e quanto, por sua vez, deve amar o divino Salvador”*.

2.3 O APELO CONTINUA: PRECISO DE CATEQUISTAS

Experiências como a de Marcelino e dos primeiros Irmãos, como Irmão Lourenço⁴⁰, um dos Irmãos que mais se dedicou à catequese, podem nos abrir um leque de possibilidades de reflexão, detendo-nos ao apelo e resposta deles às necessidades de evangelização daquelas crianças e jovens daquela época nos interiores do sul da França, com uma série de lacunas em relação à religião, educação, condições de sobrevivência, pós-revolução, enfim, uma gama de questões a serem trabalhadas, uma série de conflitos, necessidades, anseios, sonhos.

Em meio a tudo isso, Champagnat ao fundar a congregação dos Irmãos Maristas buscou responder a alguns destes apelos, com o seu “Preciso de Irmãos”, e desta forma pode fazer bem a tantas crianças e jovens por esses duzentos anos de Instituto Marista, através de uma educação-evangelização que promovam o bem, a vida, a dignidade. Perceber todos estes elementos que foram fundamentais para a Congregação Marista, faz-nos olhar para o passado com gratidão e ter esperança para o futuro.

Champagnat viveu em seu tempo e deu a este tempo respostas que lhe cabiam enquanto ser humano, padre e revolucionário. No entanto, os tempos mudaram desde sua estada entre nós; mas ainda temos perguntas a serem respondidas e clamores a serem escutados. Nós seguidores e seguidoras deste homem devemos também estar atentos a todos estes sinais de nossos tempos, neste artigo evidenciando os aspectos relacionados à Evangelização e os caminhos que podem surgir no contexto de atual.

⁴⁰ Anexo 2

2.3.1 A juventude e a relação com o *Sagrado*

Um aspecto do Pe. Champagnat e seu encontro com João Batista Montagne foi à dimensão catequético-evangelizadora que este momento representou. Segundo FURET (1989):

Aflito por encontrar um rapaz de doze anos mergulhado em tão profunda ignorância, e temendo vê-lo morrer nessa situação, sentou-se ao lado do doente e começou a ensinar-lhe os principais mistérios e as verdades essenciais da salvação. Assim, levou duas horas para instruí-lo e confessá-lo. (FURET, 1989, p.56).

O zelo que o Pe. Champagnat tinha com as crianças e jovens era muito notório e edificante. Será que hoje sabemos falar como ele de Deus às crianças e aos jovens? Como faríamos? Os tempos são outros, mas a Revelação de Deus continua, porque Deus é dinâmico, como define COSTA⁴¹ (2014).

A dinamicidade de Deus e das pessoas pedem de nós e da Igreja uma dinamicidade também constante. Falar de Deus já não é tão fácil; ou melhor dizendo, não se basta apenas em falar. O simples fato de ir à Igreja não significa que está sendo evangelizado, quando se vai, e aos que não vão?

Neste tempo em que as pessoas, jovens e adultos, vêm se questionando mais, COSTA (2014, p.36-37 *apud* JENKS, 1989, p. 115) vem nos apontar alguns aspectos para prosseguirmos esta reflexão:

Jenks, (...) identifica a era pós-moderna como um tempo de opção incessante, uma era de questionamento das ortodoxias, e ao mesmo tempo, de revisão ou resgate das tradições. Jenks afirma que a pós-modernidade é profundamente eclética; não rejeita radicalmente as tradições nem as aceita passivamente. Essa abertura provoca um novo processo de reflexão que pode combinar muitas tradições, e até mesmo integrá-las, em uma síntese. (COSTA, 2014, p. 36-37 *apud* JENKS, 1989, p.115)

⁴¹ Rosemary Fernandes da Costa é doutora em Teologia pela PUC-Rio, onde também cursou seu bacharelado em Filosofia. Atualmente é professora da PUC-Rio, do Colégio Estadual Heitor Lira, e orientadora religiosa no Colégio Teresiano CAP/PUC. É criadora e coordenadora do curso de Pedagogia da Fé, no Centro Loyola de Fé e Cultura, função que também desenvolve na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Assessora agentes de pastoral e formadores na área de Iniciação Cristã, Catequese e Catecumenato. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Pedagogia da Fé.

Com estas definições dadas podemos ainda identificar este tempo em que vivemos de profundas mudanças e questionamentos, em contraponto à volta de tradições e movimentos de conservadorismos. É importante lembrar que nossas crianças e jovens estão neste meio eclético, não é somente um tipo de música que ouvem, não é somente um tipo de aplicativo ou jogo que eles gostam, neste sentido também as experiências com o Sagrado podem variar, podem ser as mais distintas e temos que também estar atentos a esta realidade.

Para COSTA (2014, p.37 *apud* LYOTARD, 1986, p.69) *“as mudanças são constantes, cotidianas, e afetam tanto a vida particular como toda a comunidade humana.”* Assim sendo, a evangelização deve estar atenta a este fator, como se todos estivessem mudando, com rostos, faces e interfaces novas e as experiências de evangelizar ainda da mesma forma que há muitos anos. Estamos em tempos de ser como os rios que correm que se movem e não como lagos que simplesmente ficam ali, parados.

Por outro lado, também é importante que entendamos que neste contexto a pessoa é considerada a dona de si mesma, COSTA (2014, p.45) traz-nos uma reflexão pertinente sobre a relação entre a pessoa e Deus em uma relação de autonomia, *“a autonomia do sujeito assume o controle do mundo e das coisas, toma o lugar de Deus como princípio ordenador do mundo. É o sujeito que ordena a vida social e a vida pessoal.”* É como se as pessoas mesmo fossem as donas de seus próprios destinos e assim a busca por Deus se torna algo desnecessário, obsoleto, mas como sabemos temos nossas dificuldades e melhorias a serem feitas e trabalhadas, então há uma busca por transcendência, pelo Sagrado, para se sentir completo, definitivo, como COSTA (*Ibidem*, 2014) nos diz.

Em contraponto, há outra característica da sociedade de hoje que é a de reflexividade, que é entre outras explicações, a capacidade de rever a si mesma, se autoavaliar, se comprometer consigo mesma a mudar.

As sociedades modernas estão refletindo sobre si mesmas, uma reflexão com caráter retrospectivo, que tende a enfatizar a autorreflexividade pessoal, como também a reflexividade comunitária, presente nos agrupamentos interpretativos. (*Idem*, 2014, p. 41)

Estes movimentos naturais das pessoas apontam por onde caminhar, e também, como tem se dado as experiências que proporcionamos de catequese-evangelização. Não nos esqueçamos da capacidade de relacionar-se que é inerente às pessoas, por mais distintas que já foram no decorrer da história e como se está hoje, as pessoas precisam uma das outras para estabelecer vínculos e relações.

A relação que hoje se estabelece entre as pessoas e com o próprio Sagrado que são fruto da sociedade que preza tanto por liquidez como nos aponta Bauman, onde as interações sociais são descartáveis, rasas e passageiras. Também cria uma necessidade de busca incessante pela perfeição, indicada em muitas religiões como o próprio Sagrado.

Com estas afirmações podemos então nos situar melhor na forma em que as pessoas, não limitando a crianças e jovens, se relacionam com a espiritualidade, com o Sagrado. Estamos em um tempo em que até Deus é questionado, quão dirá nossa atuação diante deste Deus. Portanto, a necessidade de que mais do falar de Deus é necessário experienciar este Mistério, entrando em um movimento de Mistagogia⁴².

2.3.2 Mistagogos-catequistas – Anunciadores de Jesus

Tendo como finalidade da ação evangelizadora: *“a dinâmica da Revelação que encontra os caminhos para a adesão pessoal da fé e para a conversão humana”* (COSTA, 2014, p.51), podemos partir daí para uma reflexão mais consistente do que é ser Mistagogo hoje.

A grosso modo, podemos pensar desta forma: se há uma Revelação, que é de Deus, é porque há um Mistério, que também é de Deus, o Catequista é chamado, então, a ser então um Mistagogo, que é aquele que conduz ao Mistério, que conduz ao Transcendente, ao Sagrado.

Ser catequista então ultrapassa a questão de ser professor de leis da Igreja, como já foi, e chega muito mais além, como aquele que conduz a pessoa à experiência com Deus. Costa (Ibdem, 2014, p.48) traz uma reflexão interessante sobre a sociedade de hoje e a relação com a experiência que é pertinente à nossa reflexão,

⁴² Segundo COSTA (2014, p.78) “O termo Mistagogia vem do grego *mystes*, que significa iniciado, e *agein*, que significa conduzir. Etimologicamente, possui o sentido de ser conduzido para o interior dos mistérios, e na iniciação cristã, para o Mistério que é o “Cristo em nós, esperança da glória”(CI 2,19)”

uma vez que antes do Concílio *“Fixavam-se nos conteúdos da fé, naquilo que poderia ser mais preciso e definido do que a experiência, passível de ilusões e difícil de ser definida pela racionalidade.”* Desta forma, ganhava espaço a concepção verbal da Revelação, o intelectualismo da fé.

Hoje, já se pensa diferente, e é interessante a opção que a Igreja vem trazendo ao dizer sobre catequese, segundo COSTA (2014):

A reflexão mais recente declara que, para conhecer, não é suficiente uma elaboração intelectual, mas também a sensibilidade, a intuição e a capacidade de comunicação e comunhão com a complexidade de elementos que estão presentes na realidade. COSTA (2014, p. 49)

Assim a interação entre fé e vida se torna ainda mais real e mais eficaz diante de um mundo que carece destas interações, que carece de tornar a experiência com Deus algo vivenciado por inteiro, na relação entre Deus e Homem, Homem e Deus.

Então, diante deste um mundo que não para, que é dinâmico, que pede um Deus Encarnado na realidade o apelo de Champagnat continua chegando a nossos ouvidos, seu preciso de Irmãos, continua ecoando...

2.3.3 Maristas, catequistas mistagogos para o mundo de hoje

Entendendo Catequese como algo muito além das aulas que antecedem a Eucaristia, Crisma e demais sacramentos, mas como fonte de Revelação de Deus, de Anúncio de Jesus Cristo. Entende-se que ao falar de catequistas podemos compreender que *“a catequese não é um trabalho ou uma tarefa externa à pessoa do catequista, mas se ‘é’ catequista e toda a vida gira em torno desta missão”* (FRANCISCO, 2017). Ser catequista como testemunho vivo da fé e da Revelação do próprio Jesus Cristo.

De fato, “ser” catequista é uma vocação de serviço na Igreja, que se recebeu como dom do Senhor para ser transmitido aos demais. Por isso, o catequista deve constantemente regressar àquele primeiro anúncio ou “kerygma”, que é o dom que transformou a própria vida. (Papa Francisco, Mensagem aos Participantes do Simpósio Internacional Sobre a Catequese 2017)

Champagnat continua precisando de catequistas, não necessariamente religiosos, mas de fiéis seguidores de Jesus de Nazaré, principalmente em seu *“Vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês.”*⁴³ E no amor ao próximo como a si mesmo, recordando do Bom Samaritano⁴⁴.

Dentro deste envio que foi dado pelo próprio Jesus de Nazaré, e ao fazermos a opção de respondê-lo com o jeito de Maria e de Champagnat, nossa missão já vai se tornando mais clara. Através da Educação Evangelizadora, cumprimos com esta convocação. Mas podemos caminhar mais, ou somente estacionarmos com nossos alunos e catequizandos já é o bastante?

Para aprofundarmos nesta questão, resgatemos o que o Irmão Sean Sammon (2006) em uma de suas circulares nos diz:

Desde nossos primeiros tempos – enquanto Instituto Marista- esses três aspectos essenciais de nossa identidade como Irmãos de Marcelino foram claramente colocados: viver e trabalhar no meio dos jovens; evangelizar prioritariamente pela mediação da educação, mas eventualmente por outros meios; demonstrar preocupação especial pelas crianças e pelos jovens pobres, que vivem excluídos da sociedade. (SAMMON, 2006, p.72)

É um apelo para que não permitamos que nossa evangelização se torne algo dentro dos muros, mas que saiba sair, ir além. Portanto, a necessidade de Catequistas é ainda notória. Há muito que se fazer. O Papa Francisco vai dizer-nos de uma Igreja em saída.

O Marista, a partir de sua opção preferencial pelos pobres e pelo seguimento de Jesus a partir do caminho que Champagnat indica-nos que, do jeito de Maria, somos chamados a nos atualizar e servir a estas tantas crianças e jovens que se encontram como o Jovem Montagne, agonizando sem saber de Deus.

Mais uma vez a fala do Irmão Sean Sammon (2006) pode nos ajudar em nossa reflexão, como mais uma oportunidade de sentirmos a alegria de fazermos parte desta Casa de Catequistas e o compromisso do qual estamos sujeitos:

⁴³ Mt 28, 19

⁴⁴ Lc 10, 25-37

Como nosso Fundador, acreditamos na presença permanente de Deus. Confiamos em Maria e em sua proteção e adotamos suas atitudes de humildade, simplicidade e generosidade. Assim conseguiremos generosamente ir ao encontro dos jovens onde quer que estejam, especialmente aqueles cuja necessidade de Cristo seja visível em sua pobreza material e espiritual. (SAMMON, 2006, p.112)

Estas realidades podem nos trazer à atualidade os muitos Montagnes que ainda vivem e morrem em nossos bairros e comunidades onde moramos. O que fazemos para que eles não morram? O que fazemos para que eles vivam e vivam em abundância como nos pediu Jesus? ⁴⁵ Do jeito de Maria, podemos com certeza chegar a algumas destas realidades, não como super-heróis, com capa e superpoderes, mas como nos diz o Irmão Emili Turu (2012), em sua Circular, onde evidencia como se baseia a liderança mariana na Igreja, na vida e no jeito de ser:

A liderança mariana que todos compartilhamos, uma liderança de baixo, não com respostas pré-fabricadas, mas com escuta atenta, com a atitude humilde de Maria, que sabe deixar-se interpelar por Deus e pelos demais. (TURU, 2012, p.53).

Quiçá aprendamos com ela a sermos verdadeiros discípulos e missionários de Jesus, com o jeito dela, sendo bons catequistas, anunciando Jesus com nossas vidas, apontando as injustiças, buscando, sendo seguros em atividades e relações.

É pertinente ao olharmos para aquela frase de Champagnat e entendermos que naquela época o 'Sim' ao serviço, ao servir, ao anunciar Jesus e seu amor Eterno a cada um de nós haveria de ser como o de Maria. Um Sim que estava atento à realidade, atento aos que nada tinham; atento à Palavra de Jesus Cristo. Ainda sobre a opção preferencial pelos pobres, caracterizada como fim da congregação Marista, o Irmão, Leigo ou leiga Marista, deve ser, segundo Ir. Sean Sammon (2006):

A noção de 'uma opção preferencial pelos pobres' traz em si um sentido bíblico: os que vivem à margem são instrumentos da providência divina. Outra

⁴⁵ Jo 10, 10

vez Deus escolheu os fracos para surpreender os fortes, os ingênuos para confundir os sábios. (SAMMON, 2006, p.73)

Estar disposto a seguir o que Marcelino nos diz é então, do jeito de Maria, com a opção preferencial pelos menos favorecidos da sociedade, seja ela em qual tempo for anunciar Jesus Cristo, sua bondade, misericórdia, ser sinal de esperança de um mundo melhor. A partir deste anúncio inserir as pessoas; crianças, jovens e adultos no Mistério da Revelação de Deus, que se encarna e caminha conosco. COSTA (2014) motiva-nos:

[...] Longe de desanimarmos perante a tarefa da evangelização no mundo de hoje com suas inúmeras interpelações, encontramos muitas fontes e sinais que nos animam e nos dizem que a pessoa, coração da Criação, imagem e semelhança de Deus, experimenta o emergir de uma nova subjetividade, com dinâmica que traz consigo o gênese de muitas mudanças pessoais, comunitárias e, principalmente históricas. (COSTA, 2014, p. 52-53).

Com nossas vidas, permitamo-nos experienciar a Mistagogia, de encontrar com Jesus e a partir deste encontro poder servi-lo de coração, conduzindo tantos jovens e crianças para a Revelação deste mistério de amor e de paz, fruto da justiça.

Este sonho então, que há muito foi sonhado, tem muito para ser construído. Com os pés e mãos que temos, podemos criar em nossas realidades, caminhos, espaços de anúncio e profecia, como bons catequistas, evangelizadores, sinais de esperança em nosso mundo. Oxalá pudéssemos junto a todos os maristas de Champagnat dizermos como São Paulo⁴⁶: *“Ai de mim se eu não evangelizar!”*.

⁴⁶ I Cor 9, 16

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Montagne é hoje um ícone de uma sociedade em que lhe faltava tudo, inclusive a esperança. Ele ainda vive e está em camas, ruas, presídios, “*cracolândias*”; precisa-se novamente de pessoas como Champagnat, que esteve atento à realidade de tantas crianças e jovens e que agiu em favor dos que mais sofriam com as mudanças da época. É a partir deste ícone que podemos continuar a nos questionar, o que Champagnat precisaria hoje?

Que tipo de homens e mulheres seria necessário que fossem formados em nossas casas, comunidades, escolas?

Champagnat continua a repetir seu apelo a cada um de nós, Maristas, de que precisa cada dia de Cristãos mais autênticos em suas opções de vida, com o jeito de Maria, Mistagogos, Evangelizadores, para Anunciar e fazer acontecer o Reino de Deus.

Papa Francisco (2013) em seu documento *Evangelli Gaudium*⁴⁷, lembra-nos que “*Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível.*” Dessa forma, saibamos dar um Novo Sabor à Evangelização destas crianças e jovens, que querem esta experiência com o Sagrado, Transcendente, ou que mesmo de forma latente a desejam e buscam. É tempo das saídas.

É percorrendo este sonho que continuamos seguindo a Champagnat, que soube sonhar alto, para que chegasse até nós hoje. Saibamos também como ele sonhar, acreditar nas crianças e jovens, em suas potencialidades, mesmo que tantas coisas as impeçam de perceber o Mistério que acontece em suas vidas. O Mistério que é o próprio Deus que se revela por amor a todos nós. Aprendamos com os passos de Champagnat, que estão atrás dos de Maria, a tornar Jesus Cristo conhecido e amado por todos, principalmente as crianças e jovens, através de nossa vida, testemunho e missão.

⁴⁷ Tradução: Alegria do Evangelho, Exortação Apostólica do Papa Francisco, 2013.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia do Peregrino – Novo Testamento**. Comentários de L. A. SCHÖCKEL. 3ª edição. São Paulo: 2005.

COSTA, Rosemary Fernandes da. **Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais**. São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*** (Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual). (2013). Disponível em <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acessado em 20 set 2017.

_____, Papa. **Mensagem do Papa Francisco aos Participantes no Simpósio Internacional sobre a Catequese**. (Buenos Aires, 11-14 de julho de 2017). Disponível em <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papafrancesco_20170705_messaggiosimposiocatechesi-argentina.html>. Acessado em 05 ago 2017.

FRAZÃO, Diva. **Cora Coralina, poetisa brasileira**. (2017). Disponível em: <https://www.ebiografia.com/cora_coralina/>. Acessado em 19 ago 2017.

FURET, Jean Baptiste. **Vida de José Bento Marcelino Champagnat (1789-1840)**. Edição do Bicentenário de Nascimento de Marcelino Champagnat. (Tradução: Ângelo José Camatta). Maristas, São Paulo, 1898.

LANFREY, André. **História do Instituto dos Irmãos Maristas -Tomo 1. Da aldeia de Marlies à expansão mundial (1789-1907)**. (setembro de 2015).

FMSStudia. Disponível <http://www.champagnat.org/e_maristas/Studia/03_History1_P1.pdf>. Acessado em 20 ago 2017.

SAMMON, Sean D. **Tornar Jesus Cristo conhecido e amado: a Vida Apostólica Marista hoje.** Circulares do Superior Geral dos Irmãos Maristas. Volume XXXI – nº 3 (06 de junho de 2006). Instituto dos Irmãos Maristas, Casa Geral, Itália, 2006.

TURU, Emili. **Deu-nos o nome de Maria.** Circulares do Superior Geral dos Irmãos Maristas. Volume XXXII – nº 1 (02 de janeiro de 2012). Disponível em <http://www.campagnat.org/e_maristas/Circulares/32_1_PT.pdf>. Acessado em 15 set 2017.

ANEXOS

Anexo I - Experiência Pessoal – Chamado Vocacional

Para falar de minha história e Experiência de Despertar Vocacional, prefiro contar um pouco de mim, de minha trajetória, que foi longa até chegar a esta experiência, que é ponto chave para a escrita deste artigo.

Sou Luiz Carlos Lima, tenho 23 anos, filho de Geraldo Cotrim Lima (falecido) e Maria Aparecida Conceição Lima (aposentada), sou da cidade de Silvânia, Goiás e tenho como formação o Bacharelado em Ciências Contábeis pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, colado grau a 31 de março deste ano, além disto, aprendi na informalidade a criar e reproduzir desenhos, restaurar imagens e pintar quadros com a Irmã Isabel Soares Santiago, FMA, os quais me fizeram mais humano, mais profissional e mais ligado à espiritualidade e à sensibilidade. Como pastoral sempre me dediquei à catequese, a qual amo e me sinto chamado a corresponder, também em outras pastorais, sendo aquele que se coloca a serviço.

Meu processo vocacional vem acontecendo desde meus 11 anos, de um sonho meio confuso que tive, ao me deparar com muitos jovens e crianças, uma delas me chamou por nome, ficou a impressão de que para ela eu lhe era referência. Este me inquietou e a partir dele comecei a buscar o que queria dizer-me. Aos 20 anos, depois de várias experiências afetivas, profissionais, espirituais, acadêmicas, inquietou-me ainda mais o coração e eu me sentia chamado a um algo mais.

Com o pedido de um jovem de Silvânia, o Irmão Gentil propôs a outros de minha paróquia, jovens mais engajados e de faixa etária mais adulta, um processo de discernimento vocacional, sem pretensões e escolhas prontas, iniciei este processo, abrindo o coração, silenciando e principalmente ouvindo sinais de Deus e tentando entendê-los. Foi tempo de amadurecimento da fé, da liderança e da espiritualidade.

Em um destes encontros, uma fala marcou-me e fez arder as entranhas. Uma simples frase de Champagnat fez com que o que amo (catequese) e o que esperava (viver algo mais para e com Jesus) se confluíssem: “Eu preciso de irmãos catequistas!” Não podia conter a emoção em mim, principalmente ao entender o porquê desta frase, o contexto que Champagnat encontrava-se, lembro-me que disse: “como Champagnat

quebrou barreiras naquele tempo, hoje quebrou barreiras também em mim, em meu coração. ”

Depois deste momento, fui amadurecendo este sentimento, afinal não é tão simples, li mais sobre o carisma, estudei algumas fontes, mesmo assim continuei o processo de discernimento vocacional, inclusive animando o grupo, fazendo os devidos encaminhamentos de datas e horários para nos reunirmos, algo bonito, que me fez sentir ainda mais a possibilidade de adentrar nesta “Casa”.

Os sinais de Deus foram aparecendo e me fazendo continuar nesta “Casa”. Hoje no término do Postulantado poder escrever este artigo, retomando meu chamado vocacional e fundamentando-o no seguimento de Jesus Cristo, me faz ainda mais me apaixonar por Ele e por seu caminho, com Maria, e Champagnat.

Perceber nas realidades de hoje a necessidade ainda presente de pessoas como Champagnat, ver no muitos Irmãos que já conheci que mostram que é possível, me faz arder o coração, as mãos e os pés ainda mais para continuar neste caminho.

Anexo II - Irmão Lourenço e o Amor pela Catequese

Entre os Irmãos que amavam a causa da Evangelização e Catequese, podemos recordar a figura de grande catequista que foi o Irmão Lourenço, ele que dedicava sua vida a catequisar as pessoas da região do Bessat, como FURET (1989) nos aponta.

O bom Irmão possuía dom particular para fazer compreender e apreciar as verdades da religião, cativar a atenção das crianças, interessando-as e afeiçoando-as a seus catecismos. O que é mais admirável é que os adultos o escutavam com a mesma atenção. (FURET, 1989, p.85)

Esta região montanhosa e de difícil acesso, fazia com que nosso catequista vivesse por lá mesmo, vindo uma vez por semana à comunidade, para reabastecer o coração e a despensa. Em Bessat, no topo do Monte Pilat, ele cumpria sua missão de catequista como Furet (1989) nos diz:

Duas vezes por dia, o bom Irmão percorria a aldeia tocando a campainha para reunir a criançada. Era tão grande a veneração que sua virtude lhe

granjeara, que todos se descobriam à sua passagem. Rodeado pelas crianças, ensinava-lhes as orações e o catecismo e dava-lhes aulas de leitura. Aos domingos, reunia na capela toda a população da aldeia. (FURET, 1989, p.76)

Grande exemplo ele dava aos demais Irmãos, pelo seu zelo pastoral e sua audácia em se dispor a uma missão tanto quanto desafiadora, mas que não o desanimava, mas pelo contrário, lhe motivava ainda mais a missão, como ele mesmo diz em um relato de FURET (1989):

Tenho plena convicção de que Deus conta nossos passos e haverá de retribuir, com peso imenso de glória, os sofrimentos e as cansaças suportadas por seu amor. [...] (estou) Tão satisfeito, padre, que não trocava meu trabalho por todas as riquezas do mundo. (FURET, 1989, p. 77).

Outro fato interessante é que o Ir. Lourenço ao ser nomeado pelo Pe. Champagnat como diretor em uma das primeiras escolas, não deixa de ser catequista aos finais de semana, subia novamente o monte e lá pregava para toda aquela população, era por amor que ele se dedicava aquelas pessoas.

Quiçá o Marista saiba também se dedicar com o mesmo vigor às pessoas que lhes são confiadas, seguindo o exemplo de irmãos como Irmão Lourenço e tantos outros, semeando valores, paz, fraternidade, como é um dos apelos atuais do Instituto e da Igreja, uma Igreja em Saída.

A FUNDAÇÃO DA PROVÍNCIA SUL-AMAZÔNIA E OS IRMÃOS PRECURSORES DA MISSÃO MARISTA NA REGIÃO AMAZÔNICA

Raimundo Aquino de Paiva⁴⁸
Maicon Donizete Andrade Silva⁴⁹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar como se deu o surgimento da Província Marista Brasil Sul-Amazônia. Para tanto, busca-se compreender como se deu o processo de reestruturação vivido pelo Instituto Marista nos últimos anos, apontando que a criação dessa nova província é fruto de um caminho que visa favorecer uma maior aproximação e cooperação entre as diversas partes do mundo Marista. Nesse sentido, este artigo apresentará a Amazônia como terra de missão para a Igreja, que é, também, uma expressão concreta do comprometimento do Instituto Marista com essa realidade. Refletiremos sobre os desafios e as conquistas da missão Marista nessa região.

Palavras-chave: Marista. Missão. Amazônia.

⁴⁸ Postulante Marista.

⁴⁹ Formador do Postulantado Marista (PMBCN).

INTRODUÇÃO

O Instituto Marista nasceu a partir da inspiração de Marcelino Champagnat, fruto do seu desejo de fundar uma congregação religiosa de Irmãos com a missão de educar e evangelizar crianças e jovens. Dizia ele “todas as dioceses do mundo estão em nossos planos”. Foi a partir dessa motivação que a presença Marista se espalhou pelos quatro cantos do mundo, chegando às terras brasileiras.

Passados 200 anos, desde a fundação do Instituto e 120 anos da chegada dos Irmãos ao Brasil, podemos ver o quanto a missão Marista tem se desenvolvido por aqui. Diante da diversidade cultural existente no Brasil Marista, nos últimos anos, o Instituto decidiu que um processo de interculturalidade a partir da junção das províncias seria essencial. E assim se deu com a fundação das Províncias Brasil Centro-Norte, Brasil Centro-Sul e Rio Grande do Sul, ficando de fora apenas a Região Amazônica que, até então, ficaria sendo um Distrito e terra de missão para todas as Províncias.

Vendo que a Região Amazônica estava praticamente abandonada e que ali necessitava de mais cuidado e que somente um Distrito não seria o bastante para a administração da região; o Instituto Marista resolveu unir a Província do Rio Grande do Sul com o Distrito, formando a mais nova província Marista Brasil Sul-Amazônia.

Para melhor esclarecer, na construção desse artigo usa-se como método: leitura de materiais, enviado por Irmãos da Congregação e diversas pesquisas. Depois escrevi os parágrafos segundo os conhecimentos adquiridos e em seguida analisa-se para a compreensão dos mesmos; ele será dividido em subtítulos e parágrafos, e foi baseado em leitura de livros, revistas, artigos, sites e entrevistas.

Neste trabalho será abordado sobre: O Instituto Marista, o início da missão Marista na região Amazônica, a criação do distrito Marista da Amazônia, o processo da junção do Distrito Marista da Amazônia com a Província do Rio Grande do Sul juntamente com as dificuldades enfrentadas, os principais locais de missão dessa nova Província, conclusão e entrevista. Irá especificar, principalmente na ida, e missão na região amazônica, a vida da Igreja e o engajamento dos Irmãos nela nessa região, as maravilhas do bioma e as dificuldades dos moradores ribeirinhos com o difícil acesso à educação e o meio Urbano; portanto a leitura do mesmo será de suma importância para a compreensão dos assuntos abordados acima.

2 INSTITUTO MARISTA: DO CORAÇÃO DA FRANÇA PARA AS TERRAS AMAZÔNICAS

Marcelino José Bento Champagnat, conhecido hoje pela Igreja como São Marcelino Champagnat, nasceu na França em 20 de maio de 1789; em Marlihes, aldeia de montanha no centro Leste da França, perto de Lyon. Seu pai, João Batista, era agricultor, tinha grau de estudo avançado para época e passou para o filho qualidades como, honestidade, perseverança, lealdade e verdade.

Neste período estava iniciando a Revolução Francesa e sua mãe (Maria Chirat) e sua tia, ao ser expulsa de um convento católico, doaram-lhe a devoção religiosa principalmente à Maria, mãe de Jesus. Marcelino estudava em casa, pois tinha medo da escola devido à lembrança de um professor batendo em um aluno.

Marcelino aos 14 anos é convidado por um padre para entrar no seminário. Ele fica muito feliz ao saber que Deus o queria para uma missão e com bastante entusiasmo aceita o convite, e em 22 de junho de 1816 é ordenado padre pelo D. Duboug. Alguns anos depois, meados do ano de 1817, em uma de suas visitas ao um jovem doente que não conhecia Deus, Marcelino sente um forte desejo de fundar uma Congregação para educar jovens e crianças. Com isso, em 2 de janeiro de 1817, aos seus 27 anos, reúne seus dois primeiros discípulos formando os Irmãozinhos de Maria que hoje tem por nome Irmãos Maristas. Ele forma seus irmãos com o intuito de catequizar os jovens e criar neles o espírito cristão, tendo por base as lições Marianas.

Em novembro de 1818, fundou-se a escola de Marlihes. Na ocasião, o Irmão Luís foi seu primeiro diretor. Apesar da pouca idade e experiência, o êxito obtido em pouco tempo, se evidenciou aos olhos de todos. Por meio de técnicas elementares, desenvolvia-se todo um estilo educativo, proporcionado por Marcelino: partilhar a vida dos jovens amá-los e conduzi-los a Jesus, sob a proteção maternal de Maria. As fundações iam acontecendo de forma paulatina e constante. O Irmão João Maria passou a dirigir a escola de La Valla. O Irmão João Francisco, a de Saint-Sauveur, criada por solicitação do prefeito, Colombo de Gaste, ciente dos êxitos obtidos pelos Irmãos, em Marlihes.

Foi com esse crescimento que a missão Marista começou a se espalhar mundo afora. Muitos foram os pedidos de Irmãos para assumirem o trabalho na educação em diversas partes do mundo. Junto a isso, vale destacar o surgimento de

jovens que se despertaram para a vivência da vocação como Maristas, dedicando à missão de educar e evangelizar jovens e crianças. Foi desse modo que, em 15 de outubro de 1897, os Irmãos Maristas chegaram ao Brasil. Eram seis no total: Irmãos Andrônico, Luís Anastácio, Afonso Estevão, Basílio, Aloísio e João Alexandre. Foram os primeiros Irmãos em terras brasileiras. Desembarcaram no dia 16, ficaram no Rio de Janeiro por um dia, e seguiram para Congonhas do Campo, Minas Gerais, o berço dos Irmãos Maristas no Brasil. Assim registrou um dos Irmãos no momento da chegada:

Molhados de suor, cheios de emoção, chegamos ao pé da igreja do Bom Jesus. Logo que aparecemos, a banda municipal toca o trecho mais bonito do seu repertório. Tudo vem acompanhado por incessantes vivas, gritos, denotações, em agitação espantosa. Como recepção, fica bem uma vez. O Padre Champagnat, com certeza, não previu coisa semelhante.⁵⁰

No mesmo dia 15 de outubro, em que se comemora o Dia do Educador, permanece o exemplo desses pioneiros, fiéis ao Carisma de Champagnat, dispostos a ir mais longe para tornar a Missão uma realidade repleta de vida e esperança; assim chega também nas terras amazonense e em toda região Amazônica.

2.1 COMO SE DEU O INÍCIO DA MISSÃO MARISTA NA REGIÃO AMAZÔNICA?

A região Amazônica considerada como o pulmão do mundo por conta de sua rica fauna e flora e com diversidades de nações contido em territórios pertencentes a nove nações a maioria das florestas está contida dentro do Brasil, com 60% da floresta, seguida pelo Peru com 13% e com partes menores na Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e França (Guiana Francesa). A Amazônia representa mais da metade das florestas tropicais remanescentes no planeta e compreende a maior biodiversidade em uma floresta tropical no mundo. É um dos seis grandes biomas brasileiros.

Mesmos com toda essa beleza o povo Brasileiro que moram nessa região muitos deles como ribeirinhos e moradores de pequenos Municípios passam por

⁵⁰ Disponível em: <<http://maristas.org.br/mais-de-um-seculo-de-presenca-marista-no-brasil>>. Acesso em 07 out 2017.

grandes dificuldades, como: a falta de uma educação de qualidade, a ausência da Igreja Católica e questões financeiras; com isso muitos povos são obrigados a lutar pela própria sobrevivência. Com o Concílio Vaticano II, XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal⁵¹, pelo Papa João XXIII que pedia às congregações religiosas para assumirem novos campos de missão. Com isso, os Maristas em um de seus Capítulos percebendo a necessidade que se tinha essa região, resolveram então que seu novo desafio na missão seria nessa região.

Na Amazônia Ocidental, a primeira região a receber a presença Marista foi o Rio Purus. Ao chegar e se deparar com a realidade, os Irmãos resolveram se dedicar totalmente na educação e na evangelização dos jovens e crianças, tendo presente as virtudes e o carisma Marista. Com o passar do tempo, a missão se desenvolveu, crescendo, e, então, os Irmãos contaram com a ajuda de vários leigos que chegaram nessa região com o intuito de dar continuidade no maravilhoso trabalho.

Foi no dia 2 de janeiro de 1967 que foi comemorado o aniversário da fundação da Congregação Marista, que foi oficialmente nomeada a primeira comunidade para Lábrea. Neste local, uma pesquisa feita em 1976 constatou que 29,4 das residências eram cobertas de palha e 1,6 cobertas de cavaco. 57,5 dos pais e 54 % das mães eram analfabetos. 40,7 % das casas não tinham água encanada e 30% não tinham luz. Em 1978 havia 80 professores/as em Lábrea, sendo 7 com ensino superior, 9 normalistas, 52 com 1º grau e 12 com primeiro grau incompleto.

Com isso, fica nítido que muitas famílias passavam por grandes dificuldades e muitas das vezes tendo que encarar com muita coragem sem ter outra opção e nem justificativas para os filhos, a tão temível, fome. A educação não só neste local, mas também em vários lugares da Região Amazônica, nos Rios e pequenos Municípios nesta época ficava muito a desejar, pois com poucos professores capacitados e as dificuldades que os alunos tinham para chegar até as escolas tendo que caminhar por vários quilômetros ou ter que ir de barco também colaborava para que a educação não fosse de boa qualidade.

⁵¹ (bula é um documento pontifício relativo a temas de fé ou de interesse geral, concessão de graças ou privilégios, assuntos judiciais ou administrativos, expedido pela Chancelaria Apostólica, estampado com tinta vermelha).

Com a chegada dos Irmãos e o engajamento nas escolas Municipais e Estaduais, com o intuito de promover uma educação de qualidade, tendo todo o apoio dos governantes do local, ficou bem mais fácil para dar início à grande e bela missão que viria pela frente. Também há de se destacar que a localidade era desprovida de uma presença eclesial atuante e sistemática, pois a ação evangelizadora se dava uma vez ao ano com Padres e missionários, que viam realizando Batismos, Crismas, casamentos e outros movimentos importantes para a vida e perseverança do povo de Deus.

Hoje, a missão Marista na Amazônia é diversificada. A educação escolar é uma das prioridades. No entanto, os Irmãos não são proprietários das escolas. Trabalham em escolas ou universidades públicas ou conveniadas com o governo e as dioceses. Há Irmãos professores, coordenadores de ensino ou orientadores educacionais. Tem grande atuação também em diferentes tipos de pastorais: juventude, catequese, comunicação e animação vocacional. Assessoram Comunidades Eclesiais de Base e colaboram na formação e na animação da Vida Religiosa. Produzem também muitos subsídios para a educação ambiental. Diz o Irmão João Gutemberg (2009):

Lendo a história da presença marista nesta região, desde 1967, podemos nos alegrar pela vida gerada. O mundo atual requer um cuidado muito grande com o planeta, com a natureza. A Amazônia é uma riqueza para a humanidade que precisa ser preservada, defendida, valorizada. Seus povos necessitam de melhores condições de vida em harmonioso convívio com a biodiversidade que a rica natureza nos oferece. Estamos nos empenhando e gostaríamos de nos comprometer ainda mais com a educação ambiental e o desenvolvimento de uma mística ecológica que leve em conta os valores próprios dos povos da região e de todo o seu meio ambiente. (GUTEMBERGUE, 2009, p. 251-251)

A pastoral social está presente em várias comunidades que atendem crianças, adolescentes e jovens em situação de fragilidade. Algo típico da missão inculturada na Região é o atendimento a comunidades ribeirinhas e indígenas. Esse trabalho é feito por meio da Pastoral Indigenista e da Comunidade Itinerante Intercongregacional e Interinstitucional estabelecida na fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia. Nesse processo, os Irmãos maristas atuam junto a sacerdotes, religiosos (as) e leigos (as)

de diferentes organizações, de forma pobre, junto aos povos mais isolados ao longo dos rios, interior da floresta e periferia das cidades.

2. 2 O QUE LEVOU ESSES IRMÃOS A CRIAREM UM DISTRITO?

A Amazônia é um dos bens mais valiosos da humanidade. Ela, com sua natureza, seu povo, sua beleza, é objeto de cuidado e carinho. Para o povo brasileiro, em geral, considerar a Amazônia significa considerar a própria vida. Por isso é necessário encontrar modalidades que respeitem a dignidade humana para gerir os recursos naturais amazônicos, favorecer o desenvolvimento econômico da região e promover uma gestão governamental inclusiva e democrática, visando o autêntico bem comum da família humana.

O cristianismo, nesse contexto, como proposta de promoção da vida, e vida em abundância (Jo 10,10), reveste-se de uma dimensão de potencialização da ética do cuidado, da preservação, da promoção da justiça, da dignidade dos povos que ali vivem, num processo de sustentabilidade responsável. É com esse espírito de promoção e defesa da vida que o Instituto fundado por São Marcelino Champagnat se faz presente nessa terra “sagrada”.

Há pouco mais de quatro décadas chegaram os primeiros irmãos Maristas a essa região com a finalidade de promover a educação de qualidade, somando-se aos vários esforços já empreendidos por alguns setores da Igreja e do Estado. Como cada Província (Porto Alegre, Santa Maria, Santa Catarina e São Paulo) tinha fundado duas ou três comunidades, já havia na região umas dez comunidades. Havia também uma boa estrutura formativa com casas em Cruzeiro do Sul, Porto Velho e Manaus. Havia também um bom despertar vocacional.

No final dos anos de 1990, quando houve o início da reestruturação das Províncias do Brasil, decidiu-se que as comunidades da Amazônia formariam um Distrito. Também se deve levar em consideração que essa região tinha características diferentes das outras três províncias que se formaram no Brasil. Recebendo apoio institucional mais evidente, foi possível a criação do Distrito Marista da Amazônia, em julho de 2002, em uma de suas falas o Ir. Zenóvio Kocianski conta sobre sua experiência depois de um tempo nesta região, diz ele:

A grande experiência de minha vida são os 30 anos de presença e apostolado na região amazônica. Nada se compara ao altruísmo e à solidariedade que se vive com os pobres e simples da região. Esses 30 anos me deram muita paz, alegria e felicidade. Acostumei-me tanto a esta realidade que, hoje, não concebo viver de outro modo e não desejo outra coisa. Há muito trabalho e ocupação para os poucos que estamos por aqui. Deus retribui o cêntuplo a quem se dedica por seu Reino. ⁵²

Atualmente, essa presença se faz de forma organizada e com perspectivas de consolidação cada vez mais eficaz. De modo geral, atuou no Distrito 35 Irmãos, 6 Noviços, 9 pré-noviços, formando nove comunidades religiosas, das quais a pioneira, Lábrea, foi fundada em 1967; onde vários Irmãos são originários da Região. Outros são missionários que pediram transferência definitiva. Outros, ainda, são Irmãos cedidos pelas Províncias Maristas por um tempo determinado. A responsável canônica por esse Distrito é a Província Marista do Rio Grande do Sul, mas este é um espaço missionário das três Províncias Maristas do Brasil.

2. 3 COMO SE DEU O PROCESSO DA JUNÇÃO DO DISTRITO DA AMAZÔNIA COM A PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL E QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS?

É importante destacar os costumes e as diferenças entre as duas culturas, que agora são convidadas a fazer o processo de Interculturalidade, vivenciando e compartilhando valores de ambas as culturas. A cultura do Rio Grande do Sul refere-se ao conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões do povo do Rio Grande do Sul.

De uma forma sucinta, pode-se analisar a cultura local como resultante de duas vertentes: a primeira com raízes nos povos indígenas que habitavam os pampas; a outra vertente é resultado da colonização europeia, efetuada por colonos portugueses, espanhóis, mestiços originários de outras regiões do Brasil - Colônia, bandeirantes e africanos vindos para o Brasil como escravos até o século XIX.

⁵² Toques do tambor amazônico n.º66, 30 de maio de 2008.

A miscigenação inicial entre portugueses e indígenas dá origem ao que seria denominado no século XIX como gaúcho. A partir do século XIX vieram ao Rio Grande grupos de imigrantes alemães, italianos e minorias de eslavos, judeus e libaneses, com toda essa diversidade de povos a cultura gaúcha vai se formando a partir da junção desses povos e com isso vêm as músicas e as danças típicas como: chula, milonga, chamamé, bugio, pau de fitas e dança dos facões.

A grandiosidade dos rios e da floresta são partes inerentes a vida do homem amazônico. Impossível falar da cultura amazônica sem antes pensar no peso destes dois elementos que permeiam a vida do homem ribeirinho e porque não dizer do homem das cidades, cuja origem está ligada ao mundo da selva, das embarcações, dos rios grandiosos e da alimentação que é retirada do rio e da floresta.

A cultura da Amazônia está influenciada em primeira instância, pela cultura do caboclo, que recebe importante tradição dos povos indígenas que formam as sociedades do universo amazônico. Em todos os estados da região, há calendários de eventos onde se explora elementos como a música, as artes plásticas, o artesanato, folclores regionais e manifestações religiosas.

Como bom exemplo de demonstração da Cultura Amazônica, especialmente no folclore, pode ser citado: o Boi-Bumbá de Parintins, no Amazonas, que já conquistou prestígio internacional, por meio do Festival Folclórico de Parintins. Todos os anos o festival atrai milhares de visitantes para a pequena cidade de Parintins, uma ilha do Baixo Amazonas, para assistir ao grande espetáculo que conta as lendas da Amazônia, por meio dos Bumbás Garantido e Caprichoso.

Com isso, no início das obras marista na região Amazônica uma das dificuldades eram as distâncias. Os Irmãos sabiam que deixando o Sul e o Sudeste do Brasil, estavam iniciando um novo estilo de vida e de missão Marista.

Então as distâncias, os poucos recursos, o modo de vida amazônico, não foram obstáculos à missão. Durante os anos 2000, em todo o Instituto havia um clima de reestruturação da vida, de governo e administração.

Esse clima existia como ainda existe, em toda a vida religiosa. Começou-se a falar em Região e surgiu, por exemplo, a Região América Sul. Para uma maior vitalidade da vida religiosa e para a missão, viu-se que era vantajoso agrupar Províncias e Distritos. Em uma Assembleia dos Irmãos do Distrito, em Porto Velho, por unanimidade os Irmãos aprovaram a união com a Província de Porto Alegre. Como

a Província de Porto Alegre era a de menor área geográfica, o Distrito da Amazônia foi associado a ela. Também o Distrito do Paraguai foi associado à Província de Cruz del Sur.

Foi assim que no dia 8 de dezembro de 2015, o então Superior Geral do Instituto Marista, Irmão Emili Turú, conduziu o ato de instalação da nova Província e a posse do Provincial. Ao ler a carta que encaminhou aos Irmãos durante a sondagem para a unificação, decretou: “A partir desse momento, não existe mais a Província Marista do Rio Grande do Sul e o Distrito Marista da Amazônia. É tempo de darmos boas-vindas à Província Marista Brasil Sul-Amazônia”.

2. 5 HOJE, QUAIS OS PRINCIPAIS LOCAIS DE MISSÃO DESSA NOVA PROVÍNCIA?

A união das duas unidades administrativas é fruto de um processo que começou com o Capítulo Provincial do Rio Grande do Sul de 2012, que recomendou que houvesse maior vínculo com o Distrito, fomentando a missão na região. Como cume desse processo, no último capítulo do Distrito, celebrado em dezembro de 2014, os Irmãos que trabalham na Amazônia aprovaram a dissolução da estrutura de Distrito e optaram pela unificação com a Província do Rio Grande do Sul, formando a mais nova província Marista Brasil Sul-Amazônia.

Hoje, com o território maior a nova província abrange 6 Estados e o Distrito Federal, os Estados São: Acre, Amazonas, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Rondônia e Roraima. A presença de Irmãos e Leigos que atuam nesses estados trabalhando em prol de uma educação de qualidade e em favor da vida e vida em abundância é bem significativa, pois a educação Marista é marcada pela transmissão de valores, como amor ao trabalho, espiritualidade, presença, interculturalidade, simplicidade, espírito de família e solidariedade.

A Educação Marista tem como objetivo principal contribuir para formar alunos protagonistas, com consciência crítica, éticos e solidários. Nesse contexto um dos estados que a missão Marista se faz mais presente nas Escolas sociais e particulares e Colégios, é o Rio Grande do Sul, pois a atuação social da Rede ecoa em diversas realidades do Estado, além de outras cidades do Brasil e do mundo.

Com pedagogia voltada à transformação da realidade, a história de vida daqueles que passam pelos projetos, centros e escolas sociais Maristas ganham novas perspectivas de futuro, com mais possibilidades e oportunidades.

A necessidade de construir um mundo mais justo e fraterno, tendo como princípio a igualdade de oportunidades, é missão primeira da instituição, legada pelo fundador, São Marcelino Champagnat. Para fazer frente a uma sociedade que exclui, centenas de educadores acolhem crianças, jovens e adultos em situação de risco e vulnerabilidade social, para oferecer uma educação de qualidade, voltada para a formação integral do sujeito.

Em toda região Amazônica onde os Maristas se fazem presentes esse legado é sempre cumprido com amor e a intensa dedicação dos Leigos e Irmãos, pois nessa região os Irmão optaram por não ter colégios particulares, mesmo assim as pastorais Maristas e a atuação e inclusão na Igreja é uma das prioridades.

3 CONCLUSÃO

Com base em materiais lidos concluo que, a Província Marista Brasil Sul-Amazônia ao ter o Irmão Inacio Etges como Provincial, após ser reconduzido ao cargo, e afirmando que “é hora de quebrar fronteiras e barreiras geográficas, de olhar o horizonte, agora mais amplo, e admirar o amanhecer de uma nova aurora” reafirma o que Marcelino Champagnat costumava a falar para seus Irmãos: “todas as dioceses do mundo estão em nossos planos”.

Hoje, essa missão se faz de maneira sólida e eficaz, fazendo com que em todas as escolas e colégios que tenha a presença Marista tenha bons resultados, tanto de uma boa educação, como, o engajamento de jovens e crianças nas pastorais maristas e também dentro da Igreja.

A atuação mais significativa se dá no campo da educação popular e na inserção pastoral nas realidades nativas. Com ações formativas, educativas e proféticas, Irmãos e Leigos/as são sinais da presença de Jesus Cristo, Maria e Champagnat para os povos das diversas regiões da Província.

Em sintonia com a Igreja, os Maristas buscam uma ação inculturada em meio às crianças, jovens e famílias, preservando seus valores, superando limitações, defendendo a vida em plenitude em todas as suas formas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1997.

HÜTTNER, Édison. **A Igreja Católica e os povos indígenas do Brasil: os Ticuna da Amazônia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CALVACANTI BRAGA, Rômulo. **Cultura a Amazônia – Riqueza das lendas e festivais**. 24 de agosto de 201. Disponível em: <http://pro.casa.abril.com.br/group/cronicasdoouroverde/forum/topics/cultura-na-amazonia-a-riqueza>) > Acesso em: 13 de outubro de 2017.

GUTEMBERG, João. **Missão Marista na Amazônia**. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 1, n. 1, p. 251-252, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.umbrasil.org.br/brasil-marista-chegada-dos-irmaos-maristas-no-brasil-e-aniversario-da-uniao-marista-do-brasil/>> Acesso em: 23 de setembro de 2017.

ANEXO

Entrevista com o Ir. Sebastião Ferrarini

Quem foram esses primeiros irmãos, como se deu a chegada deles e como foram os primeiros passos em missão?

De acordo com entrevistas feitas com Irmãos moradores e que moraram nesta região fica claro que a chegada desses Irmãos na região Amazônica foi mais um grande passo da família Marista e, deste modo, fazem-se fiéis à frase que Champagnat dizia: “todas as dioceses do mundo estão em nossos planos” com isso afirma o Ir. Ferrarini que essa chegada se deu partir de duas vertentes, a primeira aconteceu depois que o Concílio Vaticano II deu grande vigor à Igreja, despertando o espírito missionário e motivando a todos a atender novos campos de missão. O Concílio pediu às Congregações religiosas que realizassem Capítulos Especiais para se atualizarem, então o capítulo Marista aconteceu em 1967. Ele convidou o Instituto a se abrir à dimensão missionária. Depois veio a Conferência de Medellín que deu um novo empurrão à Igreja da América Latina.

As províncias Maristas brasileiras, que eram em número de sete, por seus provinciais, repensaram a presença Marista no Brasil. Havia pouquíssimas obras e presença marista no Centro Oeste, no Norte e no Noroeste. Então cada Província ficou encarregada de atender uma região. A Província Marista de Santa Maria ficou encarregada de atender o Estado do Acre, a primeira obra foi aberta em Cruzeiro do Sul, Diocese de Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá no ano de 1969. Algum tempo depois estenderam a presença para Rio Branco (Capital) e Tarauacá. Nessa região os Irmãos não tinham obra própria. Trabalhavam em escolas do governo e da Prelazia e nas pastorais diocesanas e prelatícias. Os fundadores dessa obra marista foram os Irmãos Braz Lanus, Anselmo Fritzen e Rovilio Moro.

A Província Marista de São Paulo ficou encarregada de atender o Estado do Amazonas, a primeira obra foi aberta na Prelazia de Lábrea, no Médio Purus, em 1967. Depois abriram comunidades em Canutama, Tapauá e Manaus. Também nessa região os Irmãos não tiveram obras próprias. Trabalharam em escolas do governo e da Prelazia e em pastorais da Prelazia. Quando apareceram os primeiros

vocacionados, a Província abriu a comunidade de Manaus, a fim de que os jovens pudessem dar prosseguimento aos estudos e futuramente também se tornarem Irmãos. Os fundadores da obra marista no Amazonas foram os Irmãos Severino Voltolini, Demétrio Cosicki e Segismundo Strzalkowski. A Província encarregada de atender o Território de Rondônia foi Santa Catarina. A primeira comunidade aberta foi na Capital, Porto Velho, no ano de 1970. Depois abriram comunidade também no interior do Território: Ji-Paraná e Vilhena. Em Porto Velho, os Irmãos trabalharam em escolas do Estado e na Rádio local, Caiari. No interior em Pastorais da Diocese. Os fundadores dessa obra foram os Irmãos Lauro Pazeto, Baldoíno José Frantz e Eugenio Damião.

Quando se criou no Brasil o Projeto Rondon, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul assumiu o atendimento da região do Alto Solimões, no Estado do Amazonas. O Campus Avançado tinha sua sede no município de Benjamin Constant, mas também atendia os municípios vizinhos ao longo do Rio Solimões e Javari. O Campus tinha barcos que navegavam pelos rios atendendo a população ribeirinha nas áreas da saúde e educação. Depois a Província de Porto Alegre abriu comunidades em Atalaia do Norte e Tabatinga.

A vida e a missão dos Irmãos na Amazônia se caracterizaram por não ter obras próprias. Os Irmãos trabalharam em obras educacionais do governo ou das Prelazias. Muitos tiveram que se submeter a concursos públicos para obter um trabalho. Com isso, muitas comunidades tinham o necessário para sua vida, sem precisar recorrer à Província. Outros Irmãos trabalharam em Pastorais prelatícias, sobretudo catequética e juvenil. Em Porto Velho e por algum tempo em Cruzeiro do Sul, os Irmãos trabalharam nos meios de comunicação (Rádio). Diversos tiveram influência muito grande nas Secretarias estaduais e municipais de educação, alguns Irmãos trabalhavam em faculdades e Universidades, outros se dedicaram intensamente à educação indígena e um dos trabalhos bem inculturalizado foi junto às Comunidades Eclesiais de Base.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: SEMENTES DE UM NOVO COMEÇO

Com a leitura dos artigos, hora organizados, obtivemos conhecimentos diversos; dentre eles: sobre os primeiros irmãos Maristas, a forma Marista de educar, os pobres no coração de Champagnat; trabalho resultado de leituras, reflexões e escritas realizadas nas aulas, na casa de Formação.

Na presente ocasião obtivemos conhecimento sobre *“Irmão Basílio Rueda: a vida e o testemunho de um santo”* (Antônio Lima); *“Os pobres no coração de Marcelino Champagnat: que lugar ocupam os pobres no Instituto de Marcelino Champagnat?”* (Jefferson Bonomo); *“Educação transformadora e a experiência educativa Marista”* (Jhony Joner); *“Preciso de Irmãos catequistas! Como Champagnat faria esta afirmação hoje?”* (Luiz Lima); *“A fundação da Província Sul-amazônia e os Irmãos precursores da missão Marista na região amazônica”* (Raimundo Aquino).

O belíssimo trabalho contribui cientificamente para diversas áreas do saber; seja no âmbito religioso, cultural ou educacional. É de grande valia educadores e curiosos que gostam de História obter informações com os jovens que escreveram e escrevem o futuro da instituição com contribuições acadêmicas.

Celebrar 200 anos de missão é motivo de dádiva, obter conhecimento e escrever as páginas do Instituto Marista. É realizar a propagação do que Marcelino quis que é tornar Jesus conhecido e amado. Ter cada artigo divulgado é uma maneira garantir um legado escrito para as futuras gerações o conhecimento do homem que sonhou e propagou que para se educar uma criança é preciso antes de tudo amá-la.